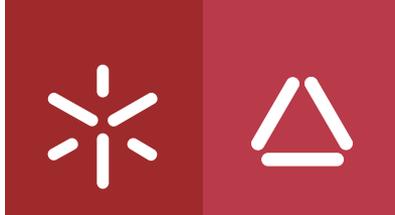


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Lénia Susete de Castro Rego

**Viana do Castelo em notícia: os casos
d'A Aurora do Lima e do Falcão do Minho**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Lénia Susete de Castro Rego

**Viana do Castelo em notícia: os casos
*d'A Aurora do Lima e do Falcão do Minho***

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Helena Sousa

DECLARAÇÃO

Nome: Lénia Susete de Castro Rego

Endereço electrónico: leniarego@hotmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 11467454

Título dissertação: Viana do Castelo em notícia: os casos d'*A Aurora do Lima* e do *Falcão do Minho*

Orientadora: Professora Doutora Helena Sousa

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado: Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Informação e Jornalismo

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura:

Agradecimentos

À Universidade do Minho, pela criação do Mestrado em Ciências da Comunicação – Área de Especialização em Informação e Jornalismo.

A todos os docentes da componente curricular do Mestrado, pelos conhecimentos ministrados durante os dois semestres lectivos.

À Professora Doutora Helena Sousa, minha orientadora da dissertação, por toda a colaboração prestada e pela disponibilidade demonstrada.

A todos os que contribuíram para a concretização da componente prática da tese: aos jornalistas que responderam aos inquéritos, aos diretores e jornalistas dos jornais *A Aurora do Lima* e *o Falcão do Minho* e ainda aos presidentes de junta, pelas entrevistas concedidas.

À minha família, principalmente ao meu pai, o maior impulsionador desta minha “aventura” e à minha mãe, pelo apoio e compreensão manifestados aquando da realização da componente curricular do Mestrado e da elaboração da dissertação.

Ao meu marido e ao meu filho, pelo apoio e paciência durante a realização deste trabalho.

A todos, muito obrigada.

Resumo

Com este estudo intitulado “Viana do Castelo em notícia: os casos d’*A Aurora do Lima* e do *Falcão do Minho*” pretendemos analisar as notícias publicadas em dois jornais de Viana do Castelo, o *Falcão do Minho* (semanário) e *A Aurora do Lima* (bissemanário) durante o ano de 2005 e os seis primeiros meses de 2013, para percebermos se são referenciadas as 40 freguesias do concelho. Escolhemos o ano de 2005 porque foi nessa altura que iniciamos este estudo. Optamos depois por analisar também os seis primeiros meses de 2013, por ser o ano de conclusão e entrega deste trabalho e para percebermos o que mudou nestes dois jornais durante oito anos.

Numa primeira fase analisamos as notícias dos dois jornais durante o ano de 2005 e entrevistamos nove jornalistas que trabalhavam na imprensa regional na altura e os presidentes das quarenta juntas de freguesia. Foram ainda realizadas entrevistas aos dois jornalistas e aos dois proprietários dos jornais estudados. Numa fase posterior foram analisadas as notícias dos dois jornais durante os seis primeiros meses de 2013, para se chegar a um termo de comparação. De referir que entre 2005 e 2013, o *Falcão do Minho* foi alvo de várias modificações e esteve parado durante vários anos devido ao falecimento do proprietário. No ano de 2013 e durante os seis meses que analisamos saiu para as bancas apenas entre janeiro e abril.

Analisados os inquéritos realizados a vários jornalistas desta área, aos proprietários dos dois jornais (em 2006) e aos presidentes de junta destas freguesias (igualmente em 2006), concluímos que, por um lado, os jornalistas não têm tempo para procurar informação nas quarenta freguesias, os proprietários dos meios de comunicação analisados não têm meios para suportar as despesas que este tipo de trabalho acarreta e há várias instituições que poderiam servir de transmissoras de informação, que nem sempre estão dispostas a fornecê-la. A tudo isto juntam-se fatores económicos, sociais e políticos que condicionam e influenciam a escolha das notícias. Numa sociedade da informação, os leitores fazem parte do jornal e o jornal já não é feito apenas e só por jornalistas. Há cada vez mais protagonistas que relatam o que vai surgindo na sociedade, aquilo que se destaca. E os leitores conseguem facilmente obter informação num jornal, noutro meio de comunicação ou na Internet. E estes jornais têm que continuar a apostar na inovação, perceber que não são feitos apenas de papel, mas também de imagens, infografias e muito mais.

Abstract

With this study entitled "Viana do Castelo in news: cases of *A Aurora do Lima* and *Falcão do Minho* " we intend to analyze the news published in two newspapers of Viana do Castelo, *Falcão do Minho* (weekly) and *Aurora do Lima* (bissemanário) during the year 2005 and first six months of 2013, to realize if they are referenced the 40 parishes of the county. We chose the year 2005 because that's when we began this study. We chose then to also analyze the first six months of 2013, being the year of completion and delivery of this work and realize what has changed in these two newspapers for eight years.

Initially we analyze the news of the two newspapers during 2005 and interviewed nine journalists working in regional press at the time and the presidents of the forty parishes. There were also interviews the two journalists and two owners of the newspapers studied. At a later stage we analyzed the news of the two newspapers during the first six months of 2013, to reach a point of comparison. Note that between 2005 and 2013, the Falcon's Minho has suffered many modifications and was shut down for several years due to the death of the owner. In 2013 and during the months that came out to analyze the stalls just between january and april.

Analyzed surveys of several journalists in this area, the owners of two newspapers (in 2006) and the joint chairmen of these parishes (also in 2006), we conclude that, on the one hand, journalists do not have time to search for information in forty parishes, the owners of the media analyzed not afford to pay the costs that this kind of work entails and there are several institutions that could serve as transmitters of information, which are not always willing to provide it. To all this must be economic, social and political factors that affect and influence the choice of news.

In an information society, readers are part of the newspaper and the newspaper is no longer done only and only by journalists. There are more and more players since they report what is emerging in society, what stands out. And readers can easily obtain information from a newspaper, other media or on the Internet. And these newspapers must continue to focus on innovation, realize that they are not just made of paper, but also images, info graphics and more.

Índice

AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO	V
ABSTRACT.....	VII
ÍNDICE	IX
LISTA DE TABELAS	X
INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS	14
CAPÍTULO I – A ESCOLHA DA NOTÍCIA	15
1.1 - DO RECOLHER AO INFORMAR.....	21
1.2 - O PODER DA ESCOLHA	23
1.4 - AS INFLUÊNCIAS	26
1.5 - AS NOVAS FORMAS DE AGENDAMENTO	29
CAPÍTULO II - O PAPEL DE QUEM DÁ A NOTÍCIA.....	33
CAPÍTULO III - OS JORNALISTAS E AS FONTES.....	41
CAPÍTULO IV - O FUTURO DA IMPRENSA REGIONAL	51
CAPÍTULO V - IMPRENSA REGIONAL OU LOCAL: OPINIÃO OU FACTO?	58
CAPÍTULO VI : O CASO DO <i>FALCÃO DO MINHO</i> E D’A <i>AURORA DO LIMA</i>	67
6.1 - DOIS JORNAIS, DUAS HISTÓRIAS E DUAS REALIDADES.....	67
6.2 - O NOTICIADO N’A <i>AURORA DO LIMA</i>	73
6.2.1 - AS NOTÍCIAS DE 2005	73
6.2.2 - AS NOTÍCIAS DE 2013	82
6.3 - O NOTICIADO NO <i>FALCÃO DO MINHO</i>	85
6.3.1 - AS NOTÍCIAS DE 2005	85
6.3.2 - AS NOTÍCIAS DE 2013	89
6.4 - OS AUTARCAS E AS NOTÍCIAS.....	91
CONCLUSÃO	93
BIBLIOGRAFIA.....	96
TEXTOS CONSULTADOS	101
SITES CONSULTADOS	103
ESTUDOS CONSULTADOS.....	104
ANEXOS.....	105

Lista de tabelas

Tabela 1 - contagem das notícias de 2005 publicadas nos dois jornais

Tabela 2 – contagem das notícias de 2013 publicadas nos dois jornais

Introdução

Este trabalho científico tem como objetivo compreender se dois jornais do concelho de Viana do Castelo, um semanário, o *Falcão do Minho* e um bissemanário, *A Aurora do Lima* publicam notícias sobre as 40 freguesias do concelho. Interessa-nos perceber quais as freguesias que são mais referenciadas e as que não são e os motivos que conduzem a esta escolha.

Como publicações inseridas na Imprensa Regional parece-nos importante que primem pela proximidade, pela publicação de notícias relacionadas com o espaço geográfico em que se inserem. Deveriam publicar notícias próximas dos leitores, que contassem factos da sua vida, que lhe fossem úteis ao ponto de as poderem comentar durante o almoço ou até mesmo na pausa para o café. Deveriam ser notícias que os fizessem sentir membros de uma determinada comunidade, dessa comunidade que deveria estar retratada nos jornais da sua cidade. Seria uma imprensa que se preocupa com as questões particulares, com os problemas de cada um dos cidadãos, ao contrário do que acontece com os restantes meios de comunicação, que se interessam cada vez mais pelas questões políticas, sociais e económicas do resto do mundo, que vemos muitas vezes na abertura de noticiários ou nas capas dos jornais nacionais. São características como estas que distinguem a imprensa regional da nacional. Mas também são características que nos parecem ser cada vez mais difíceis de manter, devido a vários condicionalismos que serão analisados nos próximos capítulos e que conseguimos perceber depois de termos realizado inquéritos e entrevistas a jornalistas da imprensa regional, autarcas e aos proprietários dos dois jornais.

Com uma contagem das notícias que surgiram nestes dois jornais durante o ano de 2005 e primeiro semestre de 2013, tentamos responder à pergunta de partida deste trabalho: “Qual o motivo que fez com que algumas freguesias do concelho de Viana do Castelo não fossem noticiadas em 2005 e no primeiro semestre de 2013 no *Falcão do Minho* e n’*A Aurora do Lima*?”. Uma pergunta de partida que foi estruturada a partir da observação destes jornais ao longo dos anos. Como jornalista a trabalhar em Viana do Castelo, já possuía algum conhecimento sobre o que era ou não noticiado nestes dois jornais e por isso, decidi avançar para este estudo, apenas com os dados de uma observação empírica, que mais tarde passaria para uma análise mais cuidada, com recolha de dados dos dois jornais. Interessava perceber se as 40 freguesias do concelho

de Viana do Castelo eram ou não referenciadas nas duas publicações regionais. Como estamos a analisar as notícias que surgiram em dois espaços temporais diferente, o ano de 2005 e o primeiro semestre de 2013, decidimos dividir a análise por fases. Numa primeira fase analisamos as notícias que surgiram nos dois jornais em 2005 e comparamos os resultados. Seguidamente analisamos os dados relacionados com o primeiro semestre de 2013 e procedemos à comparação. Na terceira fase comparamos a informação que surgiu nos dois jornais, no primeiro semestre dos dois anos em análise.

Analisados os jornais avançamos para diversas teorias que poderiam justificar estas escolhas, como a teoria do agendamento ou agenda-setting, newsmaking, lógicas de funcionamento dos jornais, políticas editoriais e teorias sobre fontes.

A metodologia utilizada neste trabalho foi a análise de conteúdo dos dois jornais (*A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*) durante o ano de 2005 e posteriormente do primeiro semestre de 2013. Realizaram-se inquéritos a jornalistas que trabalhavam ou já tinham trabalhado em jornais regionais e entrevistas aos jornalistas e diretores dos dois jornais analisados, para tentar perceber a orgânica e funcionamento destes meios de comunicação. Finalmente e para tentar entender o porquê da escolha das notícias, decidimos também fazer um inquérito aos autarcas das freguesias que não surgiram nos jornais analisados, para entender de que forma é que as fontes podem influenciar a produção de notícias.

A primeira análise focou-se no ano de 2005. Os dados foram registados numa tabela (ver anexo 1) onde foram colocados os meses estudados e os nomes das freguesias do concelho e anotadas as vezes em que estas localidades foram referenciadas nos jornais analisados. Devido a um destes jornais, *A Aurora do Lima* possuir uma secção regionalista e muitos artigos de opinião, decidimos excluir estes últimos da análise, por considerarmos que apenas os artigos informativos deveriam servir de base a este trabalho. A segunda análise decorreu no primeiro semestre de 2013 e os dados foram posteriormente colocados em tabela (ver anexo 2).

Esta investigação está dividida em seis Capítulos. No Capítulo I é feita uma introdução, com identificação e contextualização do tema em estudo e uma abordagem às teorias do agendamento. No Capítulo II destaca-se o papel e função dos jornalistas, ou seja, de quem transmite a notícia. No Capítulo III refere-se a relação entre os jornalistas e as fontes e a forma como esta influencia e condiciona a escolha e transmissão das notícias. No Capítulo IV abrem-se perspetivas relacionadas com o

futuro da imprensa. No Capítulo V abordam-se as diferenças entre a opinião e o facto na imprensa regional ou local e no Capítulo VI escreve-se sobre a realidade dos dois jornais analisados: *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, com a narração da história e percurso destes jornais e do que foi noticiado em 2005 e 2013.

Objetivos

Com este trabalho pretendemos encontrar alguns dos motivos e condicionalismos que fazem com que os dois jornais com maior influência em Viana do Castelo não noticiem informação sobre as quarenta freguesias do concelho. Ao longo da investigação percebemos que eles assentam em conceitos diferentes e que optam por notícias distintas: um é mais informativo, o outro mais opinativo. Diferenças que podem ser explicadas com a história dos dois jornais. É que se um foi criado numa altura em que o jornalismo era mais literário (*A Aurora do Lima*) e o outro (*O Falcão do Minho*) surgiu numa época em que se defendia um jornalismo mais informativo e menos opinativo. E são estas concepções diferentes que fazem com que os dois jornais optem por políticas editoriais muito diferentes e que resultam num conteúdo muito distinto. *A Aurora do Lima* apresenta um grande número de notícias relacionadas com o concelho de Viana do Castelo, muitas deles escritas por correspondentes, não atribui muito espaço a notícias desportivas e de outros concelhos, se bem que surjam algumas referências a locais como a Galiza e outros. Uma referência que ganha mais importância em 2013. Já o *Falcão do Minho* aposta mais em notícias relacionadas com o núcleo central da cidade de Viana do Castelo e destaca outros concelhos do distrito. Neste jornal encontramos ainda várias notícias na secção desportiva, uma preferência que notamos nos dois períodos em análise, mas que sobressaem em 2013.

Para elaborar este estudo fundamentamo-nos essencialmente em teorias sobre a imprensa regional e local, na teoria do agendamento e na relação entre jornalistas e fontes, procurando perceber quais as principais características dos jornalistas de Viana do Castelo inquiridos.

Esta tese começou a ser redigida em 2006, tendo por base dados relativos a 2005, mas foi interrompida devido a fatores profissionais e pessoais, que impediram a sua conclusão. Decidimos retomá-la em 2013 por dois motivos: em primeiro lugar, porque surgiu a possibilidade de fazer um estágio numa empresa, que só é possível com a conclusão do mestrado. Em segundo lugar estou a ponderar a hipótese de prosseguir avançar para o doutoramento. Como já tinha sido desenvolvido muito trabalho de pesquisa e análise de dados, optei por analisar os seis primeiros meses de 2013, o ano de conclusão da tese, que comparei com os que tinha recolhido anteriormente. A análise comparativa teve em consideração este aspeto.

Capítulo I – A escolha da notícia

Ao olharmos para um jornal numa banca nem sempre imaginamos o trabalho que está por detrás de uma simples notícia, qual o motivo que levou à escolha do grafismo que vemos e não de outro, o que fez com que fosse preferida uma notícia ou uma fotografia, em vez de outra. Compramos o jornal porque na primeira página aparece um título apelativo, porque já o costumamos ler ou apenas porque sabemos que há um correspondente na nossa terra que escreve para lá. Como meros leitores, nem sempre percebemos como funciona uma redação, quantas horas são necessárias para um jornalista escrever uma notícia, quantas fotografias é que um fotógrafo tem que tirar para conseguir aquela que é apresentada como o trabalho final e que nos chega às mãos.

Somos apenas consumidores de um produto, tal como consumimos um bem alimentar, sem nos interrogarmos muitas vezes sobre as etapas por que este passa até chegar à nossa mesa. Consumimos porque vivemos numa sociedade de consumo, porque precisamos de informação, de nos sentirmos parte do mundo em que vivemos e os meios de comunicação ajudam-nos a colmatar esta necessidade, quando nos transmitem a realidade e nos fazem sentir parte de uma comunidade, de uma sociedade. “Os meios de comunicação realizam a sua função social ao transmitirem o conhecimento da realidade” (Gonzalo e Maribona, 1998, p. 29). Uma realidade que é muitas vezes transmitida de acordo com o público-alvo, mas também com os critérios editoriais de cada um destes meios de comunicação. O jornalismo acaba então por descrever, narrar e aprofundar algo que acabou de suceder, um acidente, um tremor de terra ou até mesmo aquilo que deverá acontecer, uma vez que também se baseiam em informações vindas por fax, email ou correio e que serão depois trabalhadas até serem consideradas notícia e vinculadas como informação.

Para elaborar um jornal são então precisas muitas notícias, mas também meios específicos e profissionais. “Um jornal é o resultado de um esforço coletivo, um esforço que tem que ser feito em grupo” (Gonzalo, 1998, p. 29). Um grupo composto na maior parte das vezes por editores, diretores, diretores adjuntos, sub diretores, redatores chefe, chefes de secção, redatores, correspondentes, enviados especiais e jornalistas especializados. Uma equipa que diminui significativamente quando falamos de jornalismo regional ou local. Aqui, os meios de comunicação trabalham com um número reduzido de jornalistas que diariamente têm que escrever as notícias o mais

rapidamente possível e com poucos meios. Na redação d'A *Aurora do Lima*, por exemplo, existia na altura deste estudo, em 2006 apenas um jornalista que ficava responsável pela informação do distrito. Com ele trabalhavam mais dois paginadores e um compositor. A restante informação era assegurada pelos correspondentes do jornal, que não precisavam de ser jornalistas, mas apenas escrever sobre a sua terra. Uma redação onde estavam instaladas secretárias, computadores, impressoras, scanners, fotocopiadora, extensão de telefones, fax e com acesso à Internet. Em 2013 o jornal continua a ser redigido apenas por um jornalista e pelos correspondentes regionais.

No caso do outro jornal estudado, o *Falcão do Minho*, o panorama era semelhante. Aqui trabalhava apenas um jornalista, responsável pelas notícias que eram publicadas todas as semanas. Havia ainda uma pessoa responsável pela paginação e outra que tratava das notícias de desporto, mas que nem trabalhava na redação. Um jornal com “poucos recursos humanos”, mas que acabou por apostar em alguns meios tecnológicos. “Existem os jornalistas e técnicos gráficos, mas sente-se a dificuldade de não haver mais jornalistas no terreno, isso é uma questão transversal a toda a imprensa regional, não é um caso concreto do *Falcão do Minho*. Cada redação tem um jornalista no máximo, na grande maioria”, revelou Miguel Rodrigues (ver anexo 3), o jornalista que trabalhava neste jornal em 2006 e que entrevistamos para perceber as dificuldades e desafios da imprensa local e regional. Um jornalista tem presente a ideia de que a sua missão é recolher informações que poderão interessar aos leitores e por isso procura os melhores factos, acontecimentos e decisões com que este se possa identificar, que devem ser atuais e interessantes.

A elaboração de um jornal acaba por ser então resultado de um trabalho de equipa, inserida num meio comunicação que “é uma equipa técnica utilizada para a difusão de informações destinadas a um público massivo ou especializado, controlado por sujeitos que recolhem, interpretam e valorizam as notícias” (F. Balle, 1991, p. 19). Uma equipa que reúne com alguma frequência para decidir quais as notícias que interessa colocar nas edições que saem para as bancas. Consultam-se os trabalhos que aparecem nos outros jornais, ouvem-se as principais notícias das rádios, retira-se a informação do correio eletrónico, do fax, do correio e distribui-se o trabalho de agenda. Entendemos então que “a função de uma redação é preparar a informação mediante a obtenção, reunião, elaboração e difusão das notícias conseguidas pelos seus meios ou

facilitadas por outros meios de informação” (Gonzalo, 1998, p. 30). Mas como é que são escolhidas as notícias? Quais os critérios utilizados na sua seleção?

Na altura de escolher o que pode ou não ser noticiado, o jornalista ou editor têm uma tarefa para cumprir: escolher as notícias que possam interessar ao leitor e colocá-las na agenda do órgão de comunicação. O *agenda setting*, com origem americana (o primeiro estudo foi desenvolvido pelos pesquisadores Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972, muito embora o conceito já tivesse sido abordado em 1922 por Walter Lippmann na obra clássica *Public Opinion*) pode parecer muito simples para os leitores que olham para o jornal quando já está nas bancas, mas acaba por ser um dos passos mais importantes e decisivos para o responsável pela edição do jornal. Serão estas as notícias que marcarão a atualidade de um determinado espaço geográfico e temporal, que ajudarão na construção da opinião pública. É uma tarefa de representação da realidade social, de construção de um cenário.

Os meios de comunicação social tornam-se então construtores do mundo, da realidade. Um facto que fez com que nos anos 70 se tivesse definido o agendamento como “um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá” (Filho, 2001, p. 169).

A hipótese do *agenda setting* foi estudada por vários autores. Em 1922, Walter Lippmann, em *Public Opinion*, focou o papel da imprensa no enquadramento da atenção dos leitores em direcção a temas por ela considerados "de maior interesse colectivo". Tudo isto porque os meios de comunicação utilizam as imagens que as pessoas possuem do mundo exterior, modelam-nas e constroem as notícias, utilizando símbolos de um mundo real. Uma ideia partilhada por Park (1925), que na obra *The City*, refere que os meios de comunicação definem uma certa ordem de preferências temáticas. Anos depois, em 1958, Long considera que o jornal se tornou no primeiro motor da fixação da agenda territorial, já que influencia os temas que servirão de mote a conversas. Mas as ideias sobre este tema não se ficam por aqui. Em 1963, Cohen considera que a imprensa nem sempre tem sucesso quando indica às pessoas como devem pensar, mas consegue ser muito eficiente ao dizer aos seus leitores sobre o que pensar. Eles constroem imagens publicas das próprias figuras públicas, apresentam os objetos sobre os quais o público deve ter alguma opinião e até mesmo qual a opinião a ter sobre eles.

A teoria do agendamento ganhou maior importância em 1972, altura em que McCombs e Shaw publicaram um artigo para provar o que Lippmann tinha escrito. Os autores realizaram uma pesquisa em 1968, na localidade de Chapell Hill, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Nos 24 dias que antecederam as eleições nacionais, aplicaram cem questionários a eleitores com estatutos económicos e sociais distintos e de várias raças. Em comum tinham o facto de ainda não terem decidido em quem votar. No final, os autores concluíram que os meios de comunicação provocaram um grande impacto com as notícias publicadas e influenciaram o eleitor e até mesmo os candidatos, que incluíram nas suas agendas temas que não estavam a pensar abordar, mas que o fizeram, apenas porque os candidatos também se pronunciaram sobre eles. Os autores provaram então que os meios de comunicação são capazes de influenciar a forma como os acontecimentos são projetados na opinião pública, estabelecendo um pseudo-ambiente fabricado e montado. As pessoas acabam por ter uma tendência natural de incluir na sua vida aquilo que os meios de comunicação transmitem.

Qual é então a relação entre a agenda dos media e a agenda pública? O processo de agendamento acaba por ser um processo interativo. A agenda pública influencia a agenda dos media de uma forma gradual, a partir da qual se criam critérios de noticiabilidade, enquanto que a agenda dos media influencia a pública de uma forma mais direta e imediata. Isto porque o meio de comunicação pode ou não noticiar um determinado acontecimento que é público, mas ao público interessa-lhe transmitir a todos os meios de comunicação, o acontecimento que quer ver transformado em notícia.

Os meios de comunicação podem então propor os temas do dia e que serão os temas de conversa das pessoas e marcarão a agenda pública, ou então o agendamento será feito através da hierarquização temática, onde surgem os temas de maior interesse na agenda pública e que depois terão interesse para o público em geral. Os leitores, ouvintes e telespetadores tornam-se então num dos pontos-chave na questão do agendamento. São eles que discutem os temas que estão em evidência nos meios de comunicação, fazendo com que estes ganhem mais importância do que outros menos mediatizados (McLeod et al. apud Traquina, 2000, p. 33). Parecem precisar de algo que os oriente, o que pode ser conseguido em certa medida por estes assuntos e por isso expõem-se “mais aos *media* noticiosos, provocando maiores efeitos de agendamento” (McCombs e Weaver apud Traquina, 2000, p. 33-34).

Zucker, em 1978, apresenta mais uma ideia para definir o que é o agendamento. Para o autor, a agenda do media pode influenciar as pessoas com questões envolventes, ou seja, que podem mobilizar a experiência direta e questões não envolventes, que estão mais distantes das pessoas e que não têm experiência direta (Zucker apud Traquina, 2000, p. 34-35).

Esta questão dos efeitos do *agenda setting* acabou por ser ainda tematizada por diversos autores como Golembiewski (2001), Jahn (2001) e Hohlfeldt (1997). Este último aplica diversos conceitos para justificar estes efeitos. São eles a *acumulação*, onde o meio dá relevância a um tema e destaca-o dos acontecimentos diários; a *consonância*, que mostra que os media são diferentes entre si, mas acabam por atuar de maneira semelhante quando transformam um relato em notícia; a *omnipresença*, onde um acontecimento é transformado em notícia e torna-se importante para outros espaços como outros meios de comunicação; a *relevância*, que faz com que um acontecimento seja noticiado pelos diferentes meios de comunicação, sem interessar o enfoque que lhe é atribuído; o *Frame Temporal*, ou tempo que demora a analisar os dados das duas ou mais agendas pelas quais o media se rege; o *Time-lag*, ou seja, o intervalo decorrente entre o período de levantamento da agenda da mídia e a agenda do público; a *centralidade*, que permite que os meios de comunicação transformem um determinado assunto em algo importante; a *tematização*, que faz com que uma notícia tenha mais ou menos destaque, a forma como é formulada, a maneira como o assunto é apresentado para chamar a atenção do público; a *saliência*, ou importância atribuída pelo recetor a um assunto; a *focalização*, ou forma como os media abordam um assunto.

Depois disto, surgem ainda Eyal et al. (1981), que acrescentam mais um conceito, a *duração do efeito ótimo*, que não é mais do que o tempo que decorre entre a altura em que o meio de comunicação toma conhecimento de um tema e o momento em que este chega ao conhecimento do público.

Foram ainda produzidos centenas de artigos e livros sobre agendamento por autores como Roessler (1999), Golan e Wanta (2001), Rössler e Schenk (1999), Kiousis et al. (1999), McCombs et al. (1997 e 2000), Althaus e Tewksbury (2002), entre outros.

Concluimos então que na altura em que escolhem as notícias que serão publicadas, os jornalistas e editores decidem o que os leitores irão ler. Mas os leitores não são apenas e só sujeitos passivos: também têm opinião e decidem quais as notícias que lhe interessam, de acordo com aspetos sociais, culturais, religiosos, entre outros. É

uma relação de partilha de informação baseada nos interesses de ambas as partes. “Há diferentes graus de intencionalidade e de casualidade na produção de efeitos pela comunicação, conforme tenhamos um ato deliberado e bem definido do emissor ou um ato não previsto e totalmente casual. É ainda preciso ter-se em conta a atitude do recetor, as suas características, na interpretação da mensagem; a situação específica em que a comunicação ocorre; o tipo particular de conteúdo e de forma da própria mensagem; etc.” (Biiti e Zani, 1997, p. 237).

De facto há alguns estudos que se centraram nas características de quem recebe as mensagens e analisaram como e porque é que os indivíduos reagem de forma diferentes à comunicação persuasiva. Segundo Eagly (1981) há três estratégias gerais de pesquisa sobre o problema da persuadibilidade. São elas a estratégia da personalidade, da modificação de atitude e outra que mistura estas duas.

Ao analisarmos a estratégia da personalidade percebemos que há traços de personalidade que podem levar a uma mudança de atitude e a uma maior ou menos influência pela comunicação persuasiva. Neste caso, foram estudadas variáveis como o autoritarismo, a inteligência e a autoestima, mas os resultados conseguidos foram incoerentes e decepcionantes. De acordo com o estudo, as pessoas com elevado nível de autoestima são menos influenciáveis, mas são também mais recetivas a informações que contêm implicações que lhes são favoráveis. Já os indivíduos com fraca autoestima aceitam mais facilmente informações que lhes são desfavoráveis.

Quanto à estratégia de modificação de atitude, são estudadas atitudes para indicar as variáveis que diferenciam os indivíduos e que determinam a sua modificação. Surge depois uma terceira posição que junta as duas anteriores e que usa a teoria da personalidade para definir as características significativas do recetor e recorre à teoria da atitude para explicar os mecanismos que influenciam estas características e levam à mudança de comportamento. Conclui-se, por exemplo, que os sujeitos com pouca autoestima e inteligência não têm tanta apetência para refutar e estão mais sujeitos a ceder às opiniões da fonte.

Na altura de comunicar é preciso ter em conta três elementos: a fonte ou emissor da informação, a mensagem transmitida e o recetor. O jornalista terá que tentar influenciar o sujeito, através do jornal. Como fonte terá que exercer influência e por isso estabelecer uma relação de poder com quem lê o jornal. Mas não é só o emissor ou o recetor que assumem um papel importante na comunicação. A própria mensagem pode

influenciar a forma como o recetor reage a determinada informação. E esta é uma teoria que está bem patente nos meios de comunicação atual, que procuram cada vez mais conteúdos que choquem as pessoas, que as façam sentir-se parte da notícia, que se identifiquem com eles.

Surgem depois os dispositivos estilísticos utilizados para aumentar a persuasividade de um discurso. E se de um lado temos aqueles que produzem um impacto direto como as frases simples, as perguntas retóricas ou a repetição, do outro surgem os mecanismos que chamam a atenção como a ironia ou a sátira e as modalidades linguísticas como a metáfora. Elementos que contribuem para que a mensagem seja mais persuasiva e consiga chegar mais facilmente ao recetor. Finalmente surge a organização da comunicação, ou seja, a forma como a mensagem é organizada para se tornar mais ou menos eficaz. Concluiu-se que a comunicação que é fornecida em primeiro lugar é mais eficaz. Por isso é que as primeiras páginas dos jornais são as últimas a fechar, para que possam ser escolhidas as notícias que possam interessar mais aos leitores. Notícias estas que serão depois colocadas nas primeiras páginas, escritas sempre com o mais importante no início e só depois o mais descritivo, para conseguir cativar a atenção do leitor.

1.1 - Do recolher ao informar

Até que um jornal chegue às bancas é preciso cumprir muitas etapas. Escolhidos os temas mais significativos e distribuída a agenda é preciso tratar a informação recolhida e partir para “o terreno”, para recolher informações no local, falar com os intervenientes na notícia e tirar fotografias ou então telefonar e entrevistar as fontes. Um jornal pode ainda publicar crónicas e artigos de opinião. Estes são dois géneros jornalísticos muito utilizados n’*A Aurora do Lima* que utiliza estes textos enviados pelos cronistas e tem apenas de os corrigir, paginar e passar na revisão gráfica.

Quando se dirige para o local do acontecimento, o jornalista tem de perceber se tem ou não matéria publicável. Nem sempre assistir a uma conferência de imprensa ou contactar uma fonte significa que haja material que interesse ao meio de comunicação e que possa ser publicado. O jornalista tem que investigar para se aproximar da verdade, distanciar-se do que o rodeia, para perceber o que é ou não noticiável. Cabe-lhe a função de retratar o que vê, procurando ser o mais fiel possível à realidade. Nas palavras

de Fidalgo (1996), em “A distância como virtude. Considerações sobre ética da comunicação”, “as palavras, as imagens, os sons, que enformam a apresentação da notícia, são objeto de seleção. A questão não é só de verdade, mas também de adequação. Uma imagem de um acidente é tão verdadeira como qualquer outra e, no entanto, pode fornecer uma visão distorcida do todo pelo qual é tomada. É por isso que é necessário saber escolher as palavras apropriadas e buscar as imagens mais representativas. A apresentação das notícias é uma ação, com toda a carga que o conceito de ação comporta, nomeadamente intencionalidade e responsabilidade do agente” (www.bocc.ubi.pt).

O jornalista é então “convidado” a recolher a informação e com ela confeccionar uma verdadeira iguaria, com a escolha dos melhores ingredientes, aqueles que poderão agradar aos clientes que a irão “saborear” no final. Escolhe uns ingredientes e não outros, com o objetivo de conseguir o melhor resultado possível. Cabe-lhe a responsabilidade desta escolha, desta decisão que é tomada de forma consciente e responsável. É essencial que consiga manter a distância, que acaba por ser adquirida depois de muitos anos de treino, de muitas notícias escritas, mas também a imparcialidade, sem se deixar levar por interesses pessoais, políticos ou com a intenção de cativar mais audiências. Há princípios éticos, que é preciso seguir, que obriga a dizer toda a verdade, para que o leitor confie nele e para que a notícia possa atingir a sua finalidade: informar o maior número de pessoas de algo que aconteceu num determinado lugar e num determinado período de tempo.

Um facto é que a ética é importante para o exercício correto da profissão, mas um profissional tem que a saber aplicar. Não basta apenas saber de cor e salteado todas as normas que surgem nos códigos deontológicos, é preciso praticar para conseguir distinguir o que é bom do que é mau. É essencial ir para o terreno, entrevistar as pessoas, olhar o rosto de uma criança maltratada e com muita frieza, afastar-se deste drama humano, para retratar a realidade. A este propósito, Manuel Fernandes (ver anexo 4), que era diretor do *Falcão do Minho* quando iniciamos este estudo recorda que “não se pode fazer o jornalismo de gabinete. É preciso ir para a rua fazer as reportagens. É isso que traz os leitores. O jornal tem que ter fotografias, cor”. Vê-se então que um jornalista vive um aprender constante da forma de “fazer informação”. É isto que distingue os bons dos maus profissionais, que faz muitas vezes com que uns se destaquem dos outros. Um jornalista tem então que conhecer bem o meio em que se

insere e o público para quem escreve, para que as suas notícias possam cativar leitores e servir de temas nas conversas destas pessoas”.

Recolhidos os textos é preciso organizar e paginar, escolher o que corresponde ao espaço redaccional, ou seja, as mensagens informativas e formais e ainda o que se destina a espaço publicitário. Aqui, nota-se “uma forte influência dos compositores e tipógrafos, com antiguidade e carreira na empresa que decidem muitas vezes qual a primeira página a ser feita”, diz Souto Maior, jornalista d’*A Aurora do Lima* (ver anexo 5). Afinal, um paginador terá como função a distribuição de letras e espaços numa superfície, que antigamente era um vellum, pergaminho, papel e hoje aparece como um monitor ou ecrã, que serve para transmitir informação e facilitar a comunicação.

As letras que surgem nos jornais podem ter as mais variadas formas, mas acabam por servir sempre para transportar as ideias para a mente do leitor. Ao longo dos séculos foram deixadas em argila, papiro, mármore, cera, vellum ou papel. Umhas vezes eram raspadas, outras pintadas ou entaladas, sempre com o objetivo de representar os sons da linguagem. Um trabalho que era desenvolvido pelo tipógrafo que sabia gravar e fundir os tipos, compunha-os para uma página e imprimia-os. Hoje e como “uma imagem vale mais que mil palavras”, são os paginadores os responsáveis pelo aspeto dos jornais. As mensagens têm que ser apelativas para cativar o leitor que recebe informação de todo o lado. As imagens, as cores, os contrastes de forma, os tons, as escalas são tudo elementos que ajudam na altura de elaborar um jornal, por mais simples que seja. Feitas as escolhas imprime-se o jornal que segue depois para as bancas e para os assinantes.

1.2 - O poder da escolha

Ao escolher uma página e não outra para colocar uma notícia, o jornalista acaba por influenciar a própria notícia, a forma como esta vai ser lida e interpretada pelo leitor. Tudo depende da página onde esta é inserida, do local da página, do corpo de letra do título e do corpo da notícia, das notícias que surgem ao seu lado. Esta acaba por ser uma construção do jornalista e não da realidade. Uma construção que influencia a forma como a notícia é percebida pelo leitor. Uma notícia continua a ser uma notícia, quer esteja numa página par ou ímpar. O que acontece é que pode ser mais ou menos visionada consoante a aplicação dos parâmetros referidos anteriormente. Desde o

início da fenomenologia ficou provado que o objeto tem um campo de percepção e que o campo condiciona a forma como esse objeto é percebido. Se colocarmos uma notícia na primeira página com o tamanho de letra 20 e se a colocarmos na página esquerda do interior, com o tamanho de letra 12, a percepção vai ser diferente, tal como a leitura feita.

1.3 - A importância da publicidade

O jornalismo tem estado sujeito a várias mudanças ao longo dos tempos. A imprensa preocupa-se cada vez mais com o aumento do número de leitores e por isso aposta numa linguagem mais simples, num discurso menos exigente e compreensível para um maior número de leitores. A escrita jornalística deve então ser simples, até porque tem que competir com os chamados media eletrónicos como a rádio e a televisão, caracterizados pelo imediato e por uma linguagem facilmente perceptível. Atribui-se cada vez mais importância à imagem, ao aspeto visual das páginas, naquele que se chamou de “yellow journalism”, cada vez mais voltado para a rentabilidade. O jornal está inserido na sociedade e precisa dela para ter notícias. É uma lógica empresarial ou comercial que cada vez mais começa a caracterizar os media, muito embora estes teimem em tentar demarcar-se desta realidade.

Mas a verdade é que a chegada da publicidade mudou a lógica de funcionamento da imprensa. Na altura de se paginar um jornal, coloca-se primeiro a publicidade e só depois é que se ocupa o restante espaço com as notícias, os textos de opinião e a restante informação. O jornal tornou-se uma atividade empresarial e lucrativa, que opta muitas vezes pela concentração para conseguir sobreviver. Já são muitos os meios de comunicação portugueses que estão agregados em grupos de comunicação. Em Portugal, por exemplo, e de acordo com dados do site do Gabinete para os Meios de Comunicação Social (<http://www.gmcs.pt/pt/grupos-de-comunicacao-social?grupos>) existem onze grupos mais significativos, com destaque para a Cofina, a Controlinveste, a Impala, a Impresa, a Lena Comunicação, a Media Capital e a Sonaecom. Grupos que integram vários meios de comunicação social das mais variadas áreas, muito focados na tecnologia e empenhados em transmitir uma mensagem apelativa e atraente, com tratamento muitas vezes superficial dos assuntos e temáticas, para conseguirem cativar o maior número de pessoas.

Os jornais estabelecem relações de proximidade com algumas fontes, muitas delas relacionadas com o tecido empresarial, levando à publicação de publibreportagens. Algo que nem sempre agrada aos jornalistas. Os jornais acabam muitas vezes por “esconder” este tipo de informação que é publicada para manter a fonte e por ser uma fonte de receitas. A este respeito, Souto Maior, jornalista d’*A Aurora do Lima* diz que quando isto acontece, a notícia é dada quase “escondida num canto esconso” (entrevista:2006). Já João Carlos Correia, citado em segunda mão por Carlos Camponez (2002, p. 94) refere a este propósito que a imprensa local possui uma “fraca relação com a publicidade”.

Apesar desta relação conturbada, os jornais precisam da publicidade para sobreviver, muito embora esta acabe por influenciar o aspecto final do jornal, já que é muitas vezes dada prioridade a uma ou outra publicidade em vez das notícias. Para sobreviver, um jornal tem que conseguir encher um determinado número de páginas, que garantam os custos adjacentes da sua publicação.

Com a crise económica instalada no nosso país, diminuiu a atividade publicitária, o que fez com que também diminuísse o número de exemplares vendidos e com eles, a rentabilidade das publicações. E a situação tende a piorar. De acordo com o Barómetro da Comunicação de 2013 da OberCom, “as preferências dadas por publicitários e agências de Media recairão em sectores que evidenciam padrões de maior sustentabilidade, como é o caso da Internet ou dos serviços móveis. Por contraponto, e tal como em edições anteriores, a imprensa continuará, segundo os inquiridos, a registar menores níveis de preferência por parte de publicitários, na mesma linha do que sucede, por exemplo, para o cinema”. Tal como já vinha a acontecer em estudos deste género apresentados em anos anteriores, “a maioria dos inquiridos defende que a principal origem de receitas da Imprensa paga, para os próximos cinco anos, far-se-á com base na venda de espaços publicitários, sendo que as receitas provenientes de sítios na Internet atingem também uma importância muito significativa”.

As empresas noticiosas são então obrigadas a apostar em mais ações promocionais, para chegarem a mais leitores ou fidelizarem os leitores existentes. Oferecem produtos para o lar, bijuteria, jogos, juntam livros ou DVDs que vendem a preços reduzidos juntamente com o jornal e acabam por conseguir contornar um pouco as dificuldades económicas. Mas há muitos meios de comunicação que não resistem e

acabam por despedir muitos trabalhadores, sobrecarregando os que mantêm ou então são mesmo obrigados a fechar as portas.

1.4 - As influências

Nesta imprensa regional ou local existe também uma forte ligação entre as elites locais e os media que acabam por influenciar a informação que é publicada. Para além disto há também muitos espaços concedidos à opinião e às colaborações externas que repercutem as preocupações manifestadas nos espaços de reunião dos públicos. Uma ideia que pode ser vista nos dois jornais analisados neste trabalho, com uma maior influência n’*A Aurora do Lima* onde a opinião acaba por ocupar muitas páginas. Logo atrás desta informação surgem as notícias da secção regionalista enviadas pelos correspondentes do jornal e que focam essencialmente batizados, festas, casamentos, acidentes, assembleias de freguesia, pagamento de assinaturas, campeonatos de futebol e uma ou outra informação relacionada com obras que são desenvolvidas nestes locais.

Em seguida temos as páginas desportivas, também com bastante peso neste jornal e depois notícias que abordam temáticas relacionadas com o centro da cidade suportadas muitas vezes por comunicados enviados pela câmara municipal. Seguem-se os comunicados de entidades políticas, da Região de Turismo do Alto Minho e do Centro Hospitalar do Alto Minho. Informação que não pode ser considerada como notícia quando publicada sem ser reescrita, mas que acaba por ocupar espaço no jornal e captar a atenção dos leitores. Há então uma vontade de procurar informação que interesse aos leitores para que estes se identifiquem com ela e possam depois formular a sua opinião sobre determinado assunto, sentindo que este faz parte da sua vida, identificando-se com ele. Por isso é que acontecimentos como a morte transmitida através dos anúncios de falecimentos e necrologia, a saúde, a sexualidade, os momentos de celebração como festas, casamentos, comemorações e aniversários acabam por assumir muita importância na imprensa regional. Deixa de ser importante o conteúdo, para passar a assumir importância o local, aquilo que é transmitido nas ruas, nas reuniões de amigos.

Gabriel Ringlet afirmou a este propósito que “a imprensa local define-se menos pelo seu conteúdo que pelo seu espaço geográfico” (in Camponez, 2002, p.108). Ela insere-se num espaço, no local onde possui a sua sede e para onde produz informação. É

ao que acontece neste local que é dada relevância, uma vez que o próprio leitor é influenciado pelo que o rodeia. O jornalista tem que observar o que o rodeia, o seu mundo para saber que tipo de notícias deve procurar, que temas é que interessam ao seu público. Se conseguir antecipar uma informação, através de fontes credíveis, consegue publicar uma notícia antes dos outros meios de comunicação e cativar a atenção dos leitores.

Como é possível chegar então a uma notícia? Quais as características que um determinado acontecimento deve possuir, para ser considerado notícia? Carl Warren (1951) e Martínez Albertos (1993) consideram a atualidade, a proximidade, a consequência, a importância pessoal, o suspense, o conflito, a emoção e o progresso como elementos estruturantes de uma notícia. E são estas e outras características que fazem com que um jornalista considere que um acontecimento é notícia.

Na opinião dos jornalistas inquiridos, a proximidade, o agendamento e a atualidade são os fatores mais importantes na altura de escrever ou procurar uma notícia. Segue-se o conflito que esta notícia possa provocar na sociedade, o interesse que a informação possa ter para o leitor, a emoção que pode provocar em quem a ler e ainda o espaço disponível para o artigo. O sensacionalismo, os interesses económicos do órgão de comunicação e os poderes políticos como condicionantes da informação são desvalorizados pelos entrevistados que também atribuem pouca importância à existência de muitos ou poucos meios humanos disponíveis no meio de comunicação social para a elaboração das notícias. De resto, os inquiridos consideram que os interesses pessoais do jornalista pouco ou nada influenciam a escolha da notícia, tal como o facto de esta poder provocar algum suspense no leitor, pela forma como está escrita ou até mesmo pelo conteúdo (inquiridos:2006).

O que poderá levar então à construção de uma notícia? De acordo com Schudson (1986), há níveis independentes, integrados, interatuantes e sem fronteiras rígidas que ajudam nesta construção. Falamos da ação social, onde as notícias surgem como fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social, do meio onde foram construídas; da ação ideológica, que mostra que as notícias surgem graças a forças de interesse que unem os grupos, um interesse que pode ou não ser assumido; da ação cultural, que mostra que as notícias são produto do sistema cultural em que são produzidas; da ação do meio físico e tecnológico, que mostra que as notícias dependem dos dispositivos tecnológicos que são usados no processo de fabrico e do meio em que

são produzidas; da ação histórica, que refere que as notícias resultam da história e da interação com as outras acções, a pessoal, a social, a ideológica, a cultural e a tecnológica.

Um facto é que fomos aprendendo a comunicar com o passar dos tempos. Hoje, as notícias que aparecem nos jornais, rádios ou televisões acabam por ser rapidamente transmitidas nas mesas de café, nas conversas diárias, impregnam-se na vida de cada um. A este propósito, Gonzalo e Maribona (1998, p. 21) garantem que “uma pessoa sem informação é uma pessoa sem comunicação”. De facto, a informação já faz parte da vida de todas as sociedades. Ela parece surgir como uma parte do mundo em que vivemos, parece muitas vezes comandar a sociedade. Acordamos muitas vezes com uma voz que através do rádio, nos transmite as notícias. Quando nos sentamos à mesa, para tomar o pequeno-almoço, ligamos a televisão e ouvimos mais informação. Nos transportes públicos ou no nosso meio de transporte pessoal, é mais uma vez o rádio que nos informa, que nos diz o que está a acontecer em Portugal e no mundo. Ao chegarmos ao local de trabalho já temos uma ou outra notícia para comentar com os colegas a quem saudamos logo pela manhã. Os meios de comunicação fazem parte da nossa vida, encarnam essa função tão especial, sem que nos apercebamos muitas vezes disso.

Esta função, diria mesmo magia da comunicação consegue ser transmitida de uma maneira diferente pelos meios de comunicação regionais. Falar sobre um tremor de terra que aconteceu no Alentejo é mais importante para as pessoas do Alentejo, do que para os habitantes do Minho. É a proximidade que ganha pontos nos media regionais, que faz com que estes aumentem as vendas e sirvam de motivo para as conversas de café atrás referidas. Afinal, as notícias são um acontecimento atual, interessante e comunicável, “são comunicações sobre feitos novos, surgidos na luta pela existência do indivíduo e da sociedade” (Dovifant, 1959, p. 51). Para Albertos (1972, p. 37) estas são “um feito verdadeiro, inédito ou atual, de interesse geral, que se comunica a um público massivo, uma vez recolhido, interpretado e valorizado por aqueles que controlam o meio utilizado para a difusão”. Já Ladevéze (1991, p. 36) diz apenas que uma notícia é “o que os jornalistas recolhem nos meios informativos”.

São então muitas as definições para a palavra “notícia”, que parece ser ainda tão indefinida. Na realidade, se comprarmos dois ou três jornais do mesmo dia, vemos que as notícias que aparecem nem sempre são muito diferentes, com exceção das alturas em

que há pouca informação de agenda e os jornalistas têm que recorrer às fontes para conseguir recolher informação noticiável e interessante.

1.5 - As novas formas de agendamento

Hoje, a informação pode ser adquirida de forma diferente. Com os avanços das tecnologias, o aparecimento da Internet, os meios de comunicação acabaram por mudar a forma de procurar e recolher informação. Isto aconteceu tanto nos órgãos regionais e locais como nos nacionais e fez com que os leitores já não se limitem a ler o jornal a ouvir rádio ou a ver televisão. Com os bloggers, redes sociais, os leitores tornaram-se criadores das próprias notícias e divulgadores das suas opiniões e até mesmo os jornalistas procuram a informação de forma diferente. Os próprios jornais já não podem ficar à espera que os leitores os procurem. Devem aproveitar esta nova forma de comunicar para divulgar as suas notícias e ir ao encontro dos leitores. Com pedidos de amizade aumentam a rede de amigos e a partilha do seu produto. É uma nova forma de divulgar o seu trabalho gratuitamente e que poderá trazer lucros futuros. Para além de se dar a conhecer, o jornal poderá ainda despertar o interesse de quem frequenta estas redes sociais que até poderá ficar interessado em alguma notícia e comprar a edição em papel. Abrem-se novas janelas de oportunidade para os jornais que se podem empenhar em manter os leitores que possuem ao mesmo tempo que tentam cativar mais leitores através da publicação online de informações interessantes e cativantes. Nos inquéritos que realizamos no decurso deste trabalho, encontramos quatro jornalistas que concordam plenamente com a ideia de que os leitores se tornam cada vez mais comentadores ativos das notícias que vão surgindo nas redes sociais. Há ainda quatro que concordam em parte e um que discorda em parte (inquéritos).

Neste novo mundo da Internet há ainda a vantagem de se poderem corrigir erros no imediato e de se acrescentar informação nova a qualquer momento. Já há muitos meios de comunicação que aderiram às redes sociais como o facebook e utilizam-nas como forma de promoverem as suas notícias. Com um simples clique qualquer cidadão que possua um perfil nesta rede social pode tornar-se seguidor dos jornais, revistas, televisões e rádios da sua preferência e receber informações que são postadas na página, de leitura fácil e ideais para quem quer estar informado e atualizado sem passar muito tempo a ler jornais, ouvir rádio ou ver televisão.

Os blogues, as redes sociais surgem então como uma nova forma de comunicar, com a possibilidade de proporcionarem um melhor conhecimento das fontes, normalmente reveladas na notícia, mas também permitem que o leitor tenha um acesso mais rápido à informação que pode comentar imediatamente, gerando-se uma conversa e troca de opiniões. Podemos dizer então que os portais de Internet surgem como novas formas de agendamento, de *gatekeeping*, ao lado das agendas dos meios de comunicação, das públicas e de outras. Uma forma diferente de recolher informação, que obriga a muita atenção por parte de quem recolhe os dados. Nem tudo o que surge na Internet é informação credível, o que obriga a que os jornalistas tenham que fazer um esforço suplementar na altura de recolher os dados, utilizem o pensamento crítico e a dedução. Só assim poderão encontrar informações verdadeiras e que possam ser transmitidas ao público-alvo.

Atualmente já existem vários jornais com conteúdos online. Algumas destas edições são concebidas apenas para a Internet, mas outras são o retrato do jornal impresso. Para a imprensa é importante apostar neste tipo de transmissão de informação, já que há muitos emigrantes e migrantes internos que precisam de uma ligação com as suas localidades de origem.

Um facto é que já nenhum jornalista se restringe aos emails que são enviados diariamente para as redações, às cartas das associações, câmaras municipais e outras e à informação recolhida junto das mais variadas fontes. Surgem novos meios, mais ofensivos, capazes de chegar e transmitir mais rapidamente a informação que consideram importante para o público. É preciso filtrar um grande volume de dados que surgem e que poderão ou não ser noticiados. Normalmente os jornalistas acabam mesmo por procurar a informação em meia dúzia de sítios da Internet como das agências noticiosas, dos jornais nacionais e regionais, das rádios e das televisões e até mesmo nas redes sociais, acabando por recolher muitos temas que podem depois tratar da forma que considerarem mais conveniente, de acordo com o público-alvo ou o interesse que pretenderam atribuir à notícia. Podem sempre pegar no ângulo abordado pelo outro meio de comunicação ou apostar numa forma diferente de abordagem, que pode fazer com que a própria notícia se torne diferente da original. Tudo depende da forma como é criado o texto, dos dados fornecidos pelas fontes consultadas, dos próprios critérios editoriais. É uma escolha do jornalista e dos editores que tem que ter em conta as diferenças dos meios de comunicação. Escrever para a Internet é diferente

de escrever para os jornais, para a rádio ou para a televisão. “Os jornais estão limitados à apresentação linear, informação oferecida numa determinada ordem que o utilizador não pode controlar exceto se mudar para outra notícia ou virar a página” (Rich, 1999, p. 66).

Nota-se então que as fontes de informação acabam por estar hoje mais concentradas na própria redação. Os press-releases, as matérias das agências noticiosas ou da Internet estão ao alcance do jornalista o que faz com que este não saia da redação com tanta frequência, o que leva a uma imediata redução dos custos da empresa jornalística e se transforme num mero captador de acontecimentos distribuídos por um espaço exíguo. Hoje são as informações que tentam “apanhar” o jornalista, para que este as transforme em notícia. Já não é ele que as procura, mas sim elas que o tentam “caçar”. Colombo, referenciado no texto de Bruno Souza Leal, intitulado “*do testemunho à leitura: aspecto da evolução do narrador jornalístico, hoje*” (2002, p.1) refere que normalmente o jornalista é visto como o indivíduo que “corre atrás das fontes”. Mas esta é apenas a imagem tradicional. É que hoje regista-se o fenómeno inverso: *press-releases*, faxes, pessoas, informações, “caçam” o jornalista para que este os transforme em notícia. E o jornalista recolhe esta informação que acaba muitas vezes por publicar tal como é enviada, sem qualquer tratamento. Os textos passam a ser escritos a partir de outros textos que chegam às redações e muitas vezes nem são tratados, ou são apenas alvo de uma pequena contextualização que não carece de trabalho de reportagem. Coloca-se aqui em causa a autenticidade e a qualidade informativa deste tipo de notícias. Se a informação não é confirmada, pode muitas vezes ser falsa e acabar por enganar o público. Afinal, a fonte quer apenas transmitir o que lhe interessa e compete ao jornalista procurar, através de entrevista, a informação que considera importante para o público, sem se importar com o interesse pessoal da fonte.

Fechado na redação, o jornalista tem então que ser capaz de ler muitos textos, que compila, para conseguir garantir autenticidade e credibilidade no que irá escrever e publicar. Uma compilação que nem sempre é fácil, principalmente quando falamos da imprensa nacional que tenta redigir informação de uma determinada localidade. Para que isto aconteça, os jornais nacionais acabam por contratar correspondentes que garantam este tipo de informação. Só que na altura de escolher o que é noticiável, a informação regional acaba por ficar esquecida nestes jornais, que apostam mais na informação de Lisboa e Porto e esquecem um pouco as pequenas cidades, vilas e aldeias

portuguesas. E esta foi aliás um ideia partilhada por sete dos nove jornalistas inquiridos, dois deles a concordarem plenamente com a ideia e cinco a concordarem em parte, contra um que discorda completamente e um que discorda em parte (inquéritos:2006).

Capítulo II - O papel de quem dá a notícia

“Em Lisboa, no final do século XIX, existia mais de uma vintena de jornais diários, muitos deles com tiragens bastante reduzidas e pagando mal, quando pagavam, aos seus colaboradores.” (Santos, 2010, p. 13). Esta parece-nos ser uma afirmação muito acertada para o século em questão, mas que também se apresenta muito atual nos tempos modernos. Há quase dois séculos os jornais que existiam na capital possuíam tiragens reduzidas e os colaboradores eram mal pagos. E hoje? Qual é o panorama com que nos deparamos na atualidade? Será que esta realidade mudou ou mantêm-se as mesmas dificuldades? Nesta altura já não podemos referir apenas a imprensa de Lisboa ou a imprensa nacional. Essa tem vindo a perder muitos títulos e os jornalistas encontram-se cada vez mais em situações laborais precárias. Veja-se o caso da Lusa e da RTP, por exemplo, se quisermos generalizar e estender estas dificuldades a todos os meios de comunicação social. O que é um facto é que já não podemos falar de dificuldades apenas na imprensa nacional. A regional parece-nos estar cada vez mais fragilizada, sobrevivendo à custa de muito esforço e poucos apoios por parte do Estado. Por aqui continua a reinar a precariedade laboral, com jornalistas que são obrigados a aceitar um trabalho a recibos verdes, mal remunerado e sem direito a muitas regalias sociais. Parece que pouco ou nada mudou. É que estes continuam a ser jornais com tiragens reduzidas, muitas vezes bem diferentes daquelas que são anunciadas nas capas e onde trabalham poucos jornalistas sem direito ao pagamento das horas extra que tantas vezes são obrigados a fazer para que o jornal possa sair para as bancas no período estipulado pelos proprietários ou administradores.

E não se ficam por aqui as semelhanças. Bramão considerava que para ser jornalista era “necessário, em primeiro lugar, possuir uma completa vocação, quer dizer talento, e, em segundo lugar ter uma contínua aplicação de trabalho, que absorve o tempo todo, não deixando grande margem de acumulação de profissões. Ora isto em Portugal é inteiramente impossível, pela razão única e suficiente de não haver jornal que pague aos seus redatores o indispensável para eles viverem exclusivamente disso” (Bramão, 1899, p. 14). Na imprensa regional continuam a existir muitos jornalistas que acumulam profissões. No nosso estudo encontramos vários jornalistas que trabalhavam para vários meios de comunicação social, havendo mesmo casos em que trabalhavam em jornais e rádios locais em simultâneo, como correspondentes. Uma acumulação de

trabalho necessária devido à baixa remuneração auferida enquanto trabalhadores de um único órgão de comunicação social. Uma acumulação de trabalho que provoca muitas vezes cansaço e desmotivação, mas que também impede estes jornalistas de investigarem e procurarem informação em todas as freguesias do seu concelho. Quando obrigados a escrever várias notícias por dia, para poderem responder a todas as solicitações dos meios de comunicação para os quais trabalham, acabam por ficar limitados na ação e por ter que redigir a mesma notícia várias vezes, para os diferentes meios.

Em 2011 foi publicado um estudo o “Ser Jornalista em Portugal – perfis sociológicos” (Rebelo et al, 2011), que revelava que o jornalismo é feito por um maior número de profissionais com carteira, cada vez mais mulheres e mais jovens e por pessoas com mais qualificações académicas. Um estudo efetuado pelo Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES) do Instituto universitário de Lisboa que realizou 47 entrevistas entre 2006 e 2008.

Para entendermos a forma como funciona a imprensa regional e conseguirmos perceber o que falha nesta questão de noticiar o melhor possível o que acontece nas freguesias de um determinado concelho, precisamos então de conhecer a opinião dos jornalistas que aqui trabalham e daqueles que conhecem a realidade, o dia-a-dia dos colegas de profissão. É uma forma diferente de analisar a questão do agendamento, do gatekeeping e de um grande número de condicionalismos que levam à escolha de uma notícia em vez de outra.

São estes profissionais que, com os editores, decidem o que surge nos jornais. São os jornalistas que procuram a informação, entrevistam as fontes, que vão aos locais onde poderá haver um acontecimento para noticiar. São eles que conhecem e convivem de perto com todas as dificuldades que podem começar na simples falta de tempo para procurar notícias em determinados locais ou entrar em questões mais complicadas como interesses dos patrões que impedem que algo seja noticiado com medo de represálias dos poderes políticos, económicos ou sociais. Por mais que tentem o distanciamento acabam por ser influenciados pelo meio em que se inserem, que os rodeia e que acaba por influenciar o que estes irão noticiar, o que considerarão mais importante. Já Colombo (1998, p. 27) dizia que “o ambiente que rodeia um jornalista condiciona-o profundamente, no momento e no lugar onde trabalha”. E disto não existem dúvidas. Um jornalista parte para determinado local e já sai da redação com ideias pré-

concebidas. Se o enviarem para uma reportagem numa freguesia certamente que se irá lembrar de outro momento em que tenha visitado o local ou até mesmo de alguma pessoa do seu grupo de amigos e conhecidos que viva nesse local.

Para analisar o panorama do jornalismo em Viana do Castelo, mais concretamente nos dois jornais analisados, inquirimos nove jornalistas que trabalhavam na imprensa regional ou que trabalhavam diariamente com outros jornalistas deste meio (ver anexo 6). Destes, três eram homens e seis mulheres, uma diferença que acabou por não se propositada, mas derivada do facto de aqui existirem mais elementos do sexo feminino a trabalhar, do que elementos do sexo masculino. Quanto à idade, cinco deles possuíam entre 20 e 30 anos e quatro deles entre os 31 e os 40, um sinal mais do que evidente de uma predominância de jornalistas jovens, que substituíram muitos dos profissionais que há poucos anos atrás “enchiam” as salas das redações das cidades, vilas e aldeias portuguesas.

Nesta breve caracterização dos jornalistas inquiridos percebe-se também que grande parte dos inquiridos, 6, possui uma licenciatura, predominantemente nas áreas da Comunicação Social, Jornalismo ou Ciências da Comunicação. Há dois inquiridos com o ensino Secundário e apenas um com Bacharelato na área da Engenharia Informática, o que nos leva a pensar e constatar que para exercer esta profissão, pelo menos na imprensa regional do nosso país, não é obrigatório possuir um curso superior na área do Jornalismo ou equivalente, muito embora se note uma crescente profissionalização, devido a uma camada jovem de profissionais que todos os anos saem das universidades e politécnicos e optam por trabalhar num meio de comunicação pequeno, com baixa ou até mesmo nenhuma remuneração, colocando de lado a possibilidade de trabalharem num meio de comunicação com mais impacto e mais conhecido, normalmente com os quadros completos e sem necessidade de contratar mais trabalhadores. Dos inquiridos, há apenas dois com pós-graduação.

A profissionalização já era um tema em discussão no século XIX. Veloso (1911, p. 8-9) dividia os jornalistas em dois tipos: o “jornaleiro” da imprensa que era um profissional à procura de um salário e outro indivíduo que colocava nos artigos “a boa doutrina, lições proveitosas para instrução e educação do povo, constituindo-se, no exercício deste como sacerdócio”. Aqui incluíam-se os advogados, os políticos, os proprietários, os professores, entre outros. Algo que ainda acontece atualmente nos jornais analisados, principalmente n’A *Aurora do Lima*, onde abundam os textos de

opinião. Estes são normalmente escritos por personalidades influentes da cidade de Viana do Castelo que encontram neste meio de comunicação uma forma de expressarem as suas opiniões e conseguem assim influenciar os leitores. A maior parte deles são por demais conhecidos da sociedade vianense e desempenham profissões reconhecidas socialmente. No segundo período em análise, em 2013, este jornal continua a apostar nos textos de opinião, mas nota-se uma maior preocupação por se publicarem mais conteúdos fatuais, colocando um pouco de lado este jornalismo partidário e diria mesmo literário que abundava há quase dois séculos.

Ao olharmos para o panorama de Viana do Castelo e tendo em conta os nove inquiridos para este estudo, concluímos que temos jornalistas jovens, que trabalham nos meios de comunicação social há muitos anos. Cinco deles trabalham nesta área entre um e dez anos, três confessam estar há mais tempo neste trabalho, não ultrapassando os 20 anos de exercício na profissão e apenas um não refere há quanto tempo trabalha na área. Mas estes dados nada têm a ver com aqueles apresentados quando questionamos os jornalistas sobre o facto de trabalharem há muito ou pouco tempo no órgão de comunicação em que estão neste momento. Esta é uma profissão de mudança, onde os jornalistas são muitas vezes obrigados a mudar de órgão de comunicação com bastante frequência. Os mais audazes e com mais facilidade de adaptação tentam entrar no mundo da rádio, da televisão, da imprensa, da fotografia e até mesmo no online. Transitam de um para outro meio sem grandes dificuldades, sem se prenderem a um único emprego. Como é um trabalho normalmente mal remunerado, sentem necessidade de procurar outras receitas. Acabam então por trabalhar dentro da mesma área, fechando portas a outros jornalistas, já que acumulam funções em vários órgãos de comunicação social.

Apesar de todas as dificuldades e dos baixos salários, podemos dizer que são poucos os que trabalham noutras áreas. Apenas dois assumem desempenhar outra profissão, que passa muitas vezes pelo ensino, enquanto que os outros sete procuram manter-se dentro da área. Não quer isto dizer que não tenham que procurar outros meios de comunicação para conseguirem ganhar mais dinheiro. De facto, cinco assumem que trabalham para outros órgãos, contra quatro, que dizem que não o fazem. Esforços que têm que ser feitos devidos aos baixos ordenados auferidos por estes jornalistas. Apenas os que conseguem trabalhar em diversos órgãos de comunicação conseguem verbas mais satisfatórias. Mesmo assim, a maior parte deles, oito, não ultrapassa os mil euros,

enquanto um confessa receber menos de 500 euros. Salários baixos para quem trabalha sem horário e que não auferes das horas extra.

Para encontrar alguma estabilidade, num mundo cada vez mais competitivo, os jornalistas acabam muitas vezes por manter-se muitos anos no mesmo meio de comunicação social. Assim, quatro deles estão entre seis meses a um ano no órgão de comunicação atual, dois deles trabalham entre seis a dez anos, um entre um a cinco anos, outro entre onze a quinze anos e um não responde. Aqueles que ingressaram nos meios de comunicação pouco depois do 25 de abril ainda se mantêm no mesmo meio, enquanto que os mais novos optaram por transitar entre um e outro meio. Vemos ainda que a maior parte deles, seis, exerceram sempre as mesmas funções, ao contrário de três, que passaram por outras funções dentro do mesmo órgão de comunicação social.

Ser jornalista não é uma tarefa fácil. Muito provavelmente nem teria que ser. Mas afinal onde está a dificuldade? Não é esta uma profissão igual a tantas outras, com momentos bons e maus, com profissionais competentes e outros menos responsáveis? Eu diria que esta é a profissão de todos os riscos, onde um bom profissional tem muitas vezes que dar a vida por uma notícia, viver para a profissão quase sem ter direito a tempo para a família e amigos e sentar-se no banco dos réus quando segue o código deontológico da sua profissão, que entra muitas vezes em confronto com a própria Lei. Porque é que os professores passam tantas horas a explicar aos estudantes de jornalismo o seu código deontológico? Porque é que os bons jornalistas o defendem “com unhas e dentes”, acabando muitas vezes por ter que sofrer penalizações por terem valores, moral e ética? Nem todos os jornalistas seguem estas normas. Mas os que as seguem acabam muitas vezes por padecer, num universo onde todos querem estar informados e poucos aceitam o jornalista como alguém que também erra. Mas afinal quais são as obrigações de quem passa os dias a informar? Quais são as normas deontológicas que os jornalistas seguem? Será que elas divergem de país para país?

Já todos sabemos que a principal missão da imprensa é informar o cidadão, para que depois ele possa opinar sobre um determinado assunto. “Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informado, sem impedimentos nem discriminações”, pode ler-se no artigo 37º, da Constituição da República Portuguesa. A mesma ideia pode ser vista na Lei de Imprensa: “a liberdade de imprensa abrange o direito de informar, de se informar e de

ser informado, sem impedimentos nem discriminações”. Só que para que isto aconteça, é preciso que os jornalistas tenham liberdade para transmitir uma informação verdadeira, sem obedecer a interesses políticos ou pessoais. A este propósito, Adriano Duarte Rodrigues no artigo “*figuras das máquinas censurantes modernas*” publicado na Revista de Comunicação e Linguagens 1 (Março, 1985) e que consultamos na Biblioteca Online de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior (www.bocc.ubi.pt) refere a propósito de uma teoria de Pierre Legendre, que “a liberdade de expressão é um mito, antes de mais porque é um discurso legitimador do próprio poder. O poder sabe que só pode censurar impunemente, que só pode disciplinar e controlar efetivamente os discursos e as acções dos súbditos se o fizer em nome da utilidade social, do serviço público, em nome da maioria, em nome de Deus ou do capital ou de qualquer outra invenção mais ou menos generosa. Mas no fundo todas as razões vão sempre dar a esta: à razão soberana do censor que ocupa o lugar do poder, à razão da vontade de poder que todo o cidadão interioriza como a razão censurante”. Quatro dos nove jornalistas inquiridos concordam em parte com esta ideia de que o jornalista tem liberdade total para escolher a notícia que quer redigir e a forma como é redigida, enquanto que três discordam em parte e dois concordam plenamente. Nota-se que nem sempre os jornalistas têm a liberdade que deveriam ter na altura de escolher o que vai ser publicado nos jornais onde trabalham. Quando inquiridos sobre a ideia de que a liberdade de imprensa em Portugal não permite um jornalismo isento, cinco dos nove jornalistas que serviram de base a este estudo, respondem que concordam em parte, três dizem que discordam em parte e um concorda plenamente.

Todos conhecem os seus direitos e deveres, mas na altura de redigir uma notícia sabem que têm que lidar com interesses dos patrões, dos poderes políticos, sociais e económicos. Poderes que em nada deveriam influenciar a forma como a notícia é escrita, mas que acabam por ter alguma influência, pelo menos na altura de recolher os dados. Dos nove jornalistas inquiridos, cinco concordam em parte com o facto dos interesses dos patrões influenciarem a forma como a notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável, um concorda plenamente com esta tese, outro discorda completamente e dois discordam em parte. Quando interrogados sobre o facto de a classe se sujeitar às escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego, quatro concordam em parte,

três concordam plenamente, um discorda em parte e um não tem opinião sobre o assunto.

Apesar de todas estas condicionantes, há outras características que um jornalista é obrigado a respeitar na altura de escrever uma notícia. Ele sabe que quando vai à procura de uma notícia, tem que respeitar a verdade, tal como exige o seu código deontológico: “O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade”.

Se analisarmos outros códigos de Deontologia europeus, percebemos que apesar das diferenças, todos os textos destacam a exigência da verdade, da objetividade e exatidão. Isto mostra que a verdade é uma das tipicidades mais importantes na informação. O jornalista tem como dever essencial, “respeitar a verdade, quaisquer que possam ser as consequências para o próprio, em razão do direito que o público tem de conhecer a verdade”, vê-se no Código de Honra do Jornalista; na Declaração de Munique fala-se em “respeitar” a verdade; na Declaração Suíça, o que interessa é “procurá-la”, uma vez que o jornalista vai à procura da informação; O Código de conduta do Sindicato Nacional dos Jornalistas da Grã-Bretanha diz que “um jornalista deve lutar para ter a certeza de que a informação que divulga é justa e exacta, não deve exprimir comentários e conjunturas como factos confirmados, nem a falsificação por deformação, seleção ou infidelidade”.

Mas há mais deveres para um jornalista. Na altura de redigir a notícia sabe que os factos devem ser comprovados e para isso ele é obrigado a ouvir as partes com interesses atendíveis no caso. Isto porque a distinção entre notícia e opinião deve ficar bem clara aos olhos do público. A informação tem que ser exacta, para que possa ser entendida por quem a lê ou ouve. Um jornalista deve saber também que não pode mudar textos e documentos, para que estes se enquadrem naquilo que quer escrever e transmitir. Precisa de ter cuidado com o ângulo escolhido para uma fotografia ou até mesmo para uma imagem de televisão, que pode desviar o sentido da reportagem para um ângulo que não tem tanto interesse. Tem muitas vezes a tendência de procurar os ângulos mais chocantes para uma fotografia, porque sabe que são estas que conduzem à venda de mais jornais. Não há pudor nem compaixão quando o mais importante é a parte comercial, a venda de jornais. Uma ideia que é combatida pela deontologia dos jornalistas, mas que acaba muitas vezes por ser esquecida.

Vemos então que um profissional da comunicação deve reger-se pelos princípios da verdade e sempre fundamentado na ética para conseguir transmitir a informação o mais corretamente possível. Nos nossos dias esta acaba por ser uma tarefa difícil. A concorrência quase que parece obrigar a um esquecimento das normas transmitidas nos bancos das universidades e através da experiência. Todos querem informar o mais rapidamente possível e esquecem-se muitas vezes de confirmar informações, de cruzar dados, de questionar a informação fornecida pelas fontes. Cabe a um bom profissional a tarefa de saber manter um certo distanciamento das fontes, para conseguir noticiar com objetividade. Um distanciamento que consideramos ser muito difícil de alcançar quando falamos de imprensa regional, já que esta está muito próxima das fontes e como tal acaba sempre por criar alguns laços. Apreciar uma fonte pode influenciar na construção da notícia, caso o jornalista não consiga atingir uma certa distância, até porque a própria fonte transmite apenas a informação que lhe interessa. E esta é uma ideia sustentada por cinco dos nove jornalistas inquiridos, que dizem concordar completamente com esta ideia, contra quatro que concordam em parte. Embora alguns apresentem algumas reservas, concordam com a ideia e apercebem-se disto quando estão à procura da notícia.

Capítulo III - Os jornalistas e as fontes

“As fontes são, no fundo, o verdadeiro segredo do poder da imprensa. Grande parte do seu poder não advém, por si só, das instituições noticiosas, mas das fontes que alimentam com informações” (Schudson, 2003, p. 134). Um facto é que quando parte em busca de uma notícia, um jornalista tem que procurar alguém que lhe dê informação, dados sobre o assunto que quer investigar. Precisa de fontes que possam transmitir dados imprescindíveis para escrever a notícia. E estas fontes podem ter diversas definições. Santos (2003, p. 123) considera que uma fonte de informação é “a entidade, instituição, organização, grupo ou indivíduo, porta-voz ou representante que presta informações ou fornece dados ao jornalista, planeia ações ou descreve factos, ao avisar o jornalista da ocorrência de realizações ou relatar pormenores de um acontecimento”. Já Gans (2003, p. 51) diz que uma fonte de informação é alguém que é observado ou entrevistado pelo jornalista, que fornece informações enquanto indivíduo ou representante de um grupo, pois “a relação fonte-jornalista é simbiótica, enquanto que as fontes necessitam dos jornalistas, os jornalistas também precisam das fontes e não conseguem alienar-se da ação das mesmas”.

Mas há outras teorias sobre fontes. Para Ericson et al. (1986, p.6) há quatro categorias de fontes de informação: os jornalistas, os porta-vozes de instituições e organizações não governamentais, os porta-vozes de instituições e organizações governamentais e cidadãos individuais. O trabalho de outros jornalistas acaba então por servir muitas vezes de fonte a outros profissionais do mesmo ramo. Não são raras as vezes em que um jornalista utiliza informações retiradas de notícias que foram vinculadas por outros órgãos de comunicação. Notícias que este considera verdadeiras e que nem sequer confirma com nenhuma fonte. Já as fontes governamentais vinculam a informação que mais lhe interessa, escondendo as características mais negativas. Algo que também acontece com as fontes individuais que podem esconder os seus pontos de vista aos jornalistas, com a intenção de transmitir apenas informações favoráveis de promoção das suas atividades. Surgem então as fontes ativas, que fornecem a informação de uma forma espontânea ou as passivas, que são aquelas que o jornalista procura quando está a recolher informação para as suas notícias.

Para que um jornalista consiga boas notícias, os chamados “furos jornalísticos” precisa de ter uma “boa agenda de contatos”, de fontes credíveis, que sejam capazes de

transmitir com clareza os dados necessários para a elaboração da notícia. Sigal (1973), refere que “os conteúdos das notícias dependem daquilo que as fontes dizem e do tipo de fontes consultadas (oficiais e não oficiais), apesar da mediação das organizações noticiosas e dos jornalistas. As fontes de informação oficiais (membros do governo, primeiro-ministro e Presidente República) detêm um peso significativo nas notícias e um acesso rotineiro aos media (canais de rotina), sendo também muito solicitadas e requisitadas pelos jornalistas no decurso da sua investigação. Mas dentro destas há fontes com mais e menos importância para o jornalista, de acordo com o cargo que ocupam. O jornalista estabelece uma hierarquia das fontes, tendo em conta o tipo de informação que pode ser obtida de determinados ministros, interessando mais as informações relacionadas com algum tipo de escândalo que possa cativar a atenção do leitor, ouvinte ou telespetador.

Por outro lado, surgem os “desconhecidos”, as fontes não oficiais como associações ou empresas de pequena dimensão, grupos cívicos e organizações não governamentais que têm de se fazer notar, frequentemente através de atos espetaculares, para serem notícia. Esta realidade coloca-os em desvantagem, inclusivamente porque nas notícias parecem menos respeitáveis do que as fontes oficiais”. Apesar de tudo, estas fontes podem chegar aos canais de informação se oferecerem matéria publicável e que desperte o interesse dos jornalistas.

Para este autor há diversos canais informativos que permitem a transmissão da informação. São eles os canais de rotina, que vão desde os acontecimentos oficiais aos press-releases, os canais informais como encontros de associações cívicas ou outras organizações noticiosas e ainda canais de iniciativa, resultantes da própria iniciativa do jornalista, de que é exemplo um pedido de entrevista.

Mas esta questão da relação entre jornalistas e fontes é estudada por outros teóricos. Hall et al. (1978) apresentaram o conceito do “primeiro definidor” de sentido para os assuntos noticiados. Surgem estes primeiros definidores, que por possuírem um determinado poder, são capazes de influenciar a forma de construção da notícia. Mais tarde, a relação entre políticos e jornalistas volta a ser estudada, desta vez por Blumler e Gurevitch (1995). De acordo com estes estudiosos, os jornalistas e as fontes informativas juntam-se na altura de fornecer informação, pois é do interesse de ambos que esta seja vinculada: o jornalista quer informação nova e os políticos querem ser conhecidos. Em 1997, Curran apresenta a teoria de existência de dois tipos de pressões

sobre os meios jornalísticos, as pressões do “topo para a base”, que fazem com que os jornalistas se aproximem dos grupos socialmente dominantes e as pressões “da base para o topo”, que levam a que estes se aproximem dos grupos sociais de base.

É então de referir que, no primeiro caso, no caso de pressões “do topo para a base”, o jornalista tem que saber lidar com a restrição à entrada no mercado jornalístico, já que a atividade é dispendiosa, com os fenómenos de concentração da propriedade das empresas jornalísticas, com a orientação consensual do jornalismo para o centro político e para os consumidores que garantam maiores níveis de consumo, para fenómenos de censura e auto-censura que resultam do facto de se esforçar por não ofender as entidades que publicitam nos órgãos jornalísticos, das rotinas e critérios de noticiabilidade que optam por retirar os “desconhecidos” do campo noticioso, da personalização das histórias, que acabam por referir mais indivíduos de maior projecção social, na desigualdade dos recursos dos grupos que querem ter acesso aos media e ainda no acesso privilegiado das elites ao Estado. Por outro lado, e nas pressões exercidas “da base para o topo” podemos encontrar práticas culturais alternativas dos “grupos sociais dominados”, que fazem com que se transmita uma herança cultural e saberes alternativos sem recurso aos principais media, pressões exercidas por grupos sociais de base, poder, independência e autonomia dos jornalistas, poder do consumidor, que pode deixar de consumir produtos jornalísticos e ainda capacidade de alguns grupos sociais de base criarem os seus próprios órgãos jornalísticos.

São formas diferentes de analisar esta relação que parece tão complicada e que também já é estudada em Portugal. Santos (1997) considera que as fontes burocratizadas estão sempre disponíveis para receber os jornalistas e tentam traçar os acontecimentos, processam a informação que transmitem depois a estes profissionais, que acabam também por a vincular, de acordo com os objetivos e a cultura do meio de comunicação para o qual trabalham. Entre os dois teria que existir espaço para a cooperação, mas também para a negociação e a luta, pois nem sempre jornalistas e fontes conseguem estar de acordo.

Hoje, mudou a relação entre os jornalistas e as fontes. Estas últimas conhecem muito bem a forma de funcionamento de uma redação. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho do jornal, pois sabem que um jornalista precisa de determinado tempo para redigir uma notícia. De facto, cinco dos nove inquiridos concorda plenamente com a ideia de que as fontes convocam as conferências

de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais, dois concordam em parte, um discorda completamente e um discorda em parte. Por outro lado, vemos ainda que a maior parte das fontes prepara um documento, um resumo ou até mesmo o texto integral do que foi dito na conferência, para facilitar o trabalho do jornalista. Uma espécie de “manobra” que é aceite pelos jornalistas, que sabem que isto acontece e aceitam-no com naturalidade. E quanto maior importância tiver a fonte na sociedade em que se insere, mais influência terá no jornalista. Uma afirmação corroborada por três dos nove jornalistas inquiridos que concordam plenamente com o facto das fontes resumirem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista, três concordam em parte, um discorda completamente e dois discordam em parte. Nada mais é do que isto: “uma quantidade de fontes interessadas pode, literalmente, criar uma notícia, não inventando-a, mas disponibilizando-a simplesmente aos media. O custo do trabalho, a rapidez da montagem e a necessidade de tornar disponível um empório de informações garante, por norma, que os media não deixarão cair a oferta” (Colombo, 1998, p. 60). A este propósito, Manning (2001, p. 121) escreveu que “as fontes noticiosas com mais recursos produzem maior acesso aos jornalistas do que as organizações mais pequenas ou politicamente marginalizadas”. Mas esta espécie de “ajuda” das fontes permite que o profissional da comunicação não precise de desviar a atenção do palestrante para anotar alguns dados que irá depois utilizar na redação da notícia, pois estes já estão compilados. E a verdade é que os jornalistas acabam por entrar nesta espécie de “jogo”, de “manipulação discreta”, porque sabem que a concorrência também vai estar presente na conferência e não podem deixar passar a informação. A este propósito, três dos nove jornalistas inquiridos dizem que concordam plenamente com o facto das fontes influenciarem a escolha das notícias, enquanto que quatro concordam em parte e dois discordam em parte.

Harvey Molotch e Marylin Lester consideram que a fonte transforma-se num “promotor” e os jornalistas em “reunidores” que preparam a notícia, quer esta seja conseguida através de um escândalo, acidente, acaso ou simples rotina. (Santos, 1997, p. 22). Os profissionais da comunicação são então levados a produzir uma notícia ou a divulgar um acontecimento transmitido pelos promotores que esperam que este chegue ao público através da publicação ou emissão. Só depois disto é que os leitores acedem a esta informação e tiram as suas conclusões sobre o que leram. E hoje é cada vez mais fácil transmitir esta informação, principalmente com as novas tecnologias,

nomeadamente a Internet, que permite que as notícias sejam transmitidas quase em tempo real. “Com a utilização da Internet, diluem-se as barreiras entre espaços longínquos, fazendo com que cada indivíduo possa viajar, sem ter de se confinar aos condicionalismos físicos e económicos, contactando com culturas diferentes da sua e desfrutando desse diálogo intercultural”, diz Maria Paula Justiça no texto “*A Internet no Contexto Escolar*” (2002, p. 1). Notamos então que as fontes tornaram-se mais perspicazes e conhecem melhor o funcionamento das redações. Os governos têm porta-vozes, gabinetes de imprensa e vários profissionais que fornecem a informação aos jornalistas e acabam muitas vezes por dificultar o acesso às fontes. Mas também há o inverso da medalha, ou seja, fontes interessadas em divulgar determinadas informações e que se colocam ao lado dos jornalistas. São estes “facilitadores” (Colombo, 1998, p. 170) que parecem “estar em condições de fazer revelações importantes” que cativam muitas vezes o jornalista que acaba por aceitar a informação e conseguir aqui uma fonte. Mas esta fonte que traz exclusivos (scoop) também pode trazer inconvenientes e fazer com que o jornalista não seja mais do que o “peão de um jogo e portador de uma mensagem cujo remetente muitas vezes desconhece” (Ibidem, p. 170).

Mas a teoria de que as fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia não é bem aceite pelos jornalistas. Este poderá ser mesmo um dos pontos que mais facilmente podem levar à rotura entre jornalista e fonte. Tudo porque a fonte quer transmitir a informação da forma como lhe interessa, mas o jornalista não se quer deixar manipular e quer escrever o que entende ser o mais acertado, baseado nas normas do rigor, clareza e isenção. E é isto que vemos nas respostas que nos foram facultadas pelos jornalistas inquiridos. De facto, no que diz respeito à ideia de que as fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia, cinco dos nove inquiridos discordam completamente desta ideia, enquanto que quatro concordam em parte.

Podemos então concluir que os jornalistas assumem que as fontes são importantes na altura de escrever a notícia, até porque é através delas que se consegue a informação necessária para redigir uma notícia. No entanto, se uma fonte chegar a uma redação e tentar controlar a forma como a notícia é redigida, provavelmente terá muita dificuldade em mudar a maneira como esta está a ser escrita pelo jornalista. Estes profissionais da informação sabem que precisam das fontes para escrever uma notícia e na maior parte das vezes confiam nos dados que são transmitidos, mas quando chega a

altura de redigir a notícia, não aceitam influência das fontes. É uma espécie de independência que decorre da ética e deontologia destes profissionais.

Quando assiste a um determinado acontecimento, um jornalista sabe que tem que estar atento a tudo o que se passa. Se deixar passar uma ideia acabará por perder o sentido da notícia e será logo superado pela concorrência. Um meio de comunicação precisa então de fontes para concorrer, pois sem elas não tem notícias que o diferenciem dos outros. Com mais informação e mais fontes, o meio conseguirá uma maior influência e credibilidade entre os outros meios e até mesmo junto dos leitores. Uma fonte exclusiva é mais valorizada do que todas as outras fontes. É esta que transmite as informações que todos os meios de comunicação querem, mas que poucos conseguem. São por isso as fontes mais procuradas e desejadas e as mais difíceis de conseguir.

Depois há ainda as fontes compartilhadas (Gonzalo, 1998) como agências de notícias, gabinetes de imprensa, comunicados, conferências de imprensa, que transmitem muita informação a todos os meios, informação que os leitores consideram indispensável. No caso dos gabinetes de imprensa dos municípios, tem-se vindo a apostar nas campanhas de sensibilização municipal, com a finalidade de levar as populações a concretizarem determinados comportamentos colectivos que estejam de acordo com os objetivos públicos políticos e administrativos estabelecidos pelos municípios. Esta comunicação acaba por ser uma forma de expressão das opiniões dos civis, que se deixam influenciar e participam mais nas atividades do município.

O que muitas vezes colocamos em questão é se todas as notícias que ouvimos ou lemos correspondem à verdade. Quando isso não acontece, de quem será a responsabilidade, dos jornalistas, ou das fontes? Os jornalistas deixam-se por vezes “manipular” pelas fontes, interessadas em transmitir a sua informação. Se esta fonte é fidedigna, o jornalista, muitas vezes pressionado pelo pouco tempo disponível para fechar a notícia, passa-a para o papel, sem entrevistar outras pessoas e sem cruzar fontes e informações. Depois, produzem-se notícias incompletas ou com informações falsas que descridibilizam o jornalista e o meio de comunicação.

Mas será que o jornalista tem sempre tempo para confirmar as informações que são transmitidas pelas fontes? Deveria conseguir juntar depoimentos de várias fontes, mas isto nem sempre é possível. A concorrência obriga a que as notícias sejam redigidas num curto espaço de tempo, para que possam ser publicadas antes dos outros meios de comunicação. A procura de cachas, do furo leva a informações muitas vezes erradas e

imprecisas, a “derrapagens”, mas que têm que ser veiculadas antes dos outros, apenas porque o chefe quer uma notícia em primeira mão, para conseguir aumentar a tiragem dos jornais ou as audiências da rádio ou televisão. Ao escrever uma notícia um jornalista tem que “negociar” as informações com as fontes. E ter uma boa relação com elas pode levar a que consiga exclusivos. É então preciso acreditar nas fontes, que nem sempre transmitem a informação verdadeira. Cabe ao jornalista a tarefa de interpretar o que vai observando. É ele que tem que dar ao leitor retratos fidedignos do que acontece no mundo. Quem compra um jornal quer ter acesso a factos e opiniões que revelem o mundo real. Mas aqui só podem surgir relatos, pequenas partes da realidade, que os leitores consideram como fidedignas. “Estabelece-se um contrato implícito de respeito pela verdade entre os jornalistas e os seus leitores. Estes escrevem com intenção de dar a verdade dos factos ou de opinar, normalmente a partir destes, quando escrevem colunas de opinião. Mas a verdade é uma narrativa, uma estória e repousa na utilização de um universo simbólico de palavras e imagens” (Abrantes, 2008, p. 264). Os jornalistas observam a realidade e transmitem-na de acordo com a sua maneira de ver. Eles relatam, contruindo, mas baseados no que observam. Seria como colocar vários espelhos num determinado local e observar cada um deles. Todos têm visões diferentes, mas todas são reais. E é isto que acontece no jornalismo e na construção da notícia. Cada jornalista interpreta o que vê e escreve-o de acordo com a sua vivência e as suas ideias.

E não é só esta interpretação pessoal que pode colocar em causa a notícia que é apresentada. No jornalismo de investigação, por exemplo, os jornalistas vêm-se confrontados com muitas informações que surgem, mas que não podem ser confirmadas. Casos como tráfico de droga, manipulações financeiras, tráfico de órgãos, entre outros, são difíceis de confirmar. Mesmo que o jornalista tenha uma fonte que lhe dê essa informação, sem provas, ele fica muitas vezes com a dúvida se deve ou não publicar a notícia. Um jornalista não é um polícia e não tem acesso a escutas telefónicas, não pode fazer buscas, detenções ou interrogatórios. Há sempre muitas pessoas em causa, vidas anónimas que podem perder tudo se uma notícia as implicar, num caso em que não são culpadas. O jornalista não se pode esquecer que nos códigos deontológicos são sempre lembradas duas questões: a interdição de atentados à honra, do direito penal e a protecção da vida privada, do foro do direito civil. De acordo com o Código Deontológico do Jornalista este sabe que deve respeitar a privacidade dos

cidadãos exceto quando estiver em causa o interesse público ou a conduta do indivíduo contradiga, manifestamente, valores e princípios que publicamente defende. O jornalista obriga-se, antes de recolher informações ou imagens, a atender às condições de serenidade, liberdade e responsabilidade das pessoas envolvidas. Os jornalistas investigaram o caso da Casa Pia, não com intenção de implicar figuras públicas mas apenas para saberem a verdade e permitir que o povo português também a conhecesse. Apesar do direito de proteger a esfera privada e íntima, neste caso os jornalistas tiveram que dar a notícia, porque estavam implicadas figuras públicas e políticas, o que fez com que estas questões do foro íntimo passassem a ser também de interesse público.

Por outro lado, um jornalista que publique informação falsa tem por dever rectificá-la. “O jornalista deve assumir a responsabilidade por todos os seus trabalhos e atos profissionais, assim como promover a pronta rectificação das informações que se revelem inexactas ou falsas”, surge no Código Deontológico do Jornalista.

A notícia pode e deve ser corrigida quando apresentar erros. Ela pode ser desmentida, corrigida ou completada pelo jornalista ou até mesmo por quem estiver implicado nela, peritos, testemunhas ou até mesmo colegas. Um jornalista que cometa um erro deverá depois ter coragem para o assumir e redigir uma rectificação, apesar de saber que o seu nome poderá ser colocado em causa, já que o público não aceita erros nem falhas. E o público também tem direito a responder a uma notícia que esteja errada. A Lei de imprensa diz-nos no artigo 24º, que “tem direito de resposta nas publicações periódicas qualquer pessoa singular ou colectiva, organização, serviço ou organismo público, que tiver sido objeto de referências, ainda que indiretas, que possam afectar a sua reputação e boa fama”. Quem se sentir visado, pode sempre usar o direito de resposta, ficando o meio de comunicação obrigado a transmiti-lo. O que acontece muitas vezes é que os jornais optam muitas vezes por publicar os direitos de resposta em locais discretos, ao fundo da página, para que possam passar despercebidos ou então o jornalista muda a notícia, alegando falhas de transmissão ou acidentes técnicos.

Mas afinal, o que é que um jornalista pode fazer para evitar que uma fonte o engane, cumprindo o segredo redatorial? Como é que ele se defende de uma fonte que sabe que ele vai seguir o seu código deontológico e manter o sigilo e lhe dá informações erradas, que depois nega? Deve garantir que as fontes são fidedignas e identificá-las sempre que possível e deve evitar que a fonte transmita a informação em off, pois assim não a vai poder publicar (por uma questão ética e moral) mesmo que ela seja

importante, convencendo-a a assumir o que diz. Um jornalista que acabe no tribunal e se recuse a revelar uma fonte, quando há outros interesses em jogo, tem dificuldade em defender-se, uma vez que o Conselho de Imprensa não tem poder nestas instâncias. Tudo isto porque não há nenhuma lei que impeça o jornalista de revelar uma fonte, é apenas um aspecto deontológico, que o jornalista considera como um dever. O Código Deontológico do Jornalista refere que este deve usar como critério fundamental a identificação das fontes. O jornalista não deve revelar, mesmo em juízo, as suas fontes confidenciais de informação, nem desrespeitar os compromissos assumidos, exceto se o tentarem usar para canalizar informações falsas.

Mas não pensemos que é só o jornalista que depende das fontes. Elas também precisam dele para transmitirem as suas ideias. A fonte está interessada na imagem ou no valor material que a notícia lhe poderá dar, enquanto que a empresa pensa nos lucros. A informação acaba por ser um valor de uso e ganha importância consoante o interesse que despertar no público.

O que é de salientar também são as relações entre a empresa onde o jornalista trabalha e as fontes. Se a empresa possuir laços com a fonte, o jornalista vai ter que estar sempre com o pé atrás quando recolher informação. Uma notícia que prejudique a fonte nunca passará aos olhos do chefe de redação e colocará o jornalista em desvantagem. De acordo com três dos jornalistas inquiridos, uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho. Quatro deles respondem que concordam em parte com esta ideia, enquanto que dois dizem que discordam em parte com a teoria.

Onde entra aqui a liberdade do jornalista e até mesmo a liberdade de imprensa? Uma notícia serve para elucidar o público sobre um tema ou não passa de uma transmissão de interesses? O jornalista acaba por se adaptar à situação e limita-se a escrever o que é mais básico, as notícias mais rotineiras e que não afectem a fonte e a chefia e que não coloquem em causa a sua honra profissional. Mas acaba por ir contra algumas das normas pelas quais se deveria reger.

Uma outra questão que surge prende-se com o cuidado que um jornalista deve ter com a informação que transmite. Não deve ser omitida nenhuma informação que possa ser importante para que o leitor ou ouvinte. Além disso, é seu dever não suprimir as informações essenciais e não alterar os textos e os documentos. Já no Código de Honra do Jornalista, está escrito que é dever essencial do jornalista “publicar apenas as

informações cuja origem seja conhecida; não suprimir as informações essenciais e não alterar os textos e os documentos”.

Só que aqui surge mais um problema para quem escreve a notícia. Como é que um jornalista sabe qual é a informação mais importante? Dois jornalistas podem estar juntos numa conferência de imprensa e no final escreverem duas notícias completamente diferentes. Tudo depende de escrita de cada um, do ângulo escolhido, do título, dos elementos que consideram mais ou menos importantes. A escolha é feita consoante as ideias dos jornalistas e o interesse e política editorial do meio de comunicação para o qual trabalham.

Na nossa opinião, os casos de polícia, por exemplo são aqueles mais complicados de gerir por um jornalista. A notícia interessa sempre ao público e o jornalista tenta puxar por aspectos que cativem e nem sempre confirma informações e cruza fontes. Se o jornalista avançar com a notícia, porque acha que o público deve ser informado e alguém se sentir visado, poderá surgir um conflito entre os jornalistas e os editores ou outros diretores, que impede que haja um compromisso de uma declaração comum. Se o caso entrar no tribunal, a empresa vai ter que assumir os gastos com a indemnização, caso avance um processo, com os advogados e as multas penais e vai gerar-se um conflito entre o jornalista e os proprietários do órgão de comunicação social.

A imprensa regional e local têm que se preparar para o futuro, têm que se tornar mais agressivas nos conteúdos que produzem, têm que tentar cativar mais público, mais leitores. Agregados em seis associações, os jornais regionais e locais acabam por perder um pouco a força. Qual será então o futuro desta imprensa?

Capítulo IV - O futuro da imprensa regional

Definir o futuro não é uma tarefa fácil. Já João Paulo Faustino, da Associação de Imprensa Não Diária, dizia durante um fórum realizado em 1999 (*A imprensa primeiro-contributos para a liderança da Imprensa em Portugal*) que “o futuro é por natureza imprevisível, por isso é difícil de prever o futuro” (Faustino, 1999, p. 35). Podemos tentar prever o que poderá acontecer, mas não teremos a certeza de que isto irá acontecer mesmo. Adivinhar então o que poderá acontecer à imprensa regional nos próximos anos não é uma tarefa sem obstáculos. O que poderemos fazer é tentar encontrar alguns pontos que nos possam fazer refletir sobre o passado da imprensa, o presente e tentar assim desenvolver algumas projeções do que poderá ser o futuro.

A imprensa regional tem vindo a atravessar dificuldades, tal como acontece com a maior parte das empresas portuguesas. O país está em crise financeira e económica, os portugueses são obrigados a viver com contenção e a adquirir quase exclusivamente os bens essenciais à sobrevivência, onde não se inclui a compra dos jornais. Apesar de tudo, ainda há quem queria estar informado e goste de comprar jornais. Isto ainda possibilita a venda de alguns exemplares, principalmente dos jornais nacionais que possuem maior peso e que acabam por ser adquiridos nas cidades, onde existe mais população e uma pré-disposição para a cultura e consequentemente para a leitura.

No caso da imprensa regional, constatamos que as dificuldades ainda são maiores. Há muitos títulos, o que dificulta a escolha dos leitores. Há jornais com poucas páginas, que aparecem ao lado de verdadeiras “bibliotecas”, com mais de 70 páginas e suplementos. Estes jornais pequenos acabam por não ser vendidos e são lidos apenas por aquelas pessoas que estão ligadas à localidade onde são editados. Para tentar inverter esta situação e chegar a um público mais vasto, há jornais que optam pela distribuição gratuita de alguns exemplares. E estas são despesas que têm que ser suportadas pelo porte-pago e pela publicidade que terão ainda que sustentar a manutenção e impressão do jornal e o pagamento dos salários a quem trabalha em cada uma destas empresas.

Na atualidade há uma relação entre anunciantes e órgãos de comunicação social. Os anunciantes querem divulgar o produto que possuem e investem em publicidade nos meios de comunicação regionais ou locais, dependendo do público que pretendem cativar. Já aos meios de comunicação social interessa possuir uma carteira de

anunciantes vasta, uma vez que a publicidade é uma das suas principais fontes de receitas.

Analisadas as estruturas de imprensa regional reparamos que a antiguidade pode ser um factor positivo para estas. Afinal, os leitores confiam mais rapidamente na informação vinculada num jornal que já tem muitos anos, que já atravessou diversas dificuldades e que continua todos os dias a lutar por um lugar no mundo da imprensa. São muitas vezes jornais que passam de avós para netos, de pais para filhos. São jornais que chegam a algumas casas há muitos anos e que acabam por ser lidos por gerações diferentes. Tornam-se quase como um “adereço” da vida destas famílias, como um objeto que já parece ser uma espécie de mobília, de tão presente que está na vida desta gente, bastante fiel às suas leituras. Mas a antiguidade não é sinal de qualidade e por isso os jornais regionais e locais têm que saber qual é o seu público alvo, sem quererem agradar a todos, tendo em atenção o produto apresentado pela concorrência, inovando e acrescentando valor, mas também observando e valorizando os indicadores de mercado que vão surgindo e indicando quais os jornais preferidos dos leitores. Um jornal deve ser aquilo que os leitores querem e procuram e não aquilo que o diretor deseja. De que vale apresentar um jornal com muita qualidade gráfica, mas com notícias que não interessam aos leitores? Se não vender, não fatura. Sem faturar, não resiste e decreta falência.

Apesar de tudo isto, a imprensa regional tem que ser capaz de encontrar as melhores formas de manter os seus leitores fiéis, para além de ter ainda que procurar novas formas de receitas. Só assim poderá tornar-se numa empresa auto-suficiente, menos dependente do governo, que está cada vez mais a condicionar os apoios atribuídos aos meios de comunicação social em geral e à imprensa regional em particular. Para sobreviver, a imprensa regional terá que estar apta para concorrer com outros meios de comunicação, apostar na modernização tecnológica. Manuel Fernandes, diretor do *Falcão do Minho* entrevistado no início deste estudo, em 2006, afirmou que “temos de habituar os leitores a lerem através do espaço da Internet, não para dar prejuízo aos jornais nem às rádios. A Internet é um espaço brutal de conhecimento. É lá que vamos apanhando grande parte da informação, muitas das coisas que estão a acontecer no mundo. O futuro vai ser a Internet, muito embora não acabem os jornais”. Afinal, num mundo onde há tantos órgãos de comunicação social, apenas alguns podem vencer, conseguir o maior número de leitores e mais apoios estatais. Um facto é que os

jornais regionais não podem ser vistos como “jornalismo de segunda”, como um produto com pouca qualidade e que não é muito mais do que um veículo de comunicação entre os emigrantes e os residentes e a sua terra natal. Para trás terá que ficar um jornalismo feito por “carolice”, para se entrar em projetos mais consistentes e profissionalizados, colocando de lado o caráter recreativo e lúdico das notícias.

E esta profissionalização passa cada vez mais por um novo conceito de jornalismo, o jornalismo online que utilizará apenas um meio para difusão da mensagem, um meio capaz de conjugar o texto, a imagem e o som. Cada utilizador pode escolher a informação que mais lhe interessa e que está à distância de um só clique. Já não há necessidade de um mediador que apresente as notícias, uma vez que é o próprio leitor que escolhe o que lhe interessa observar, é ele que selecciona a informação que quer consumir. Serão então produtores e consumidores de conteúdos, com acesso às mesmas fontes que os próprios jornalistas, o que poderá aliás modificar a maneira de agir desta profissão. Os jornalistas serão obrigados a mudar a maneira de escrever as notícias e até mesmo a orgânica das redações como as conhecemos atualmente. “O futuro vão ser os projetos online, vai demorar o nosso país, já que só 25 por cento é que têm acesso à Internet, mas a nível da Europa até estamos bem. O jornal é que tem que ter um grau de visão e criatividade na apresentação das notícias”, considerou o diretor do *Falcão do Minho* quando o entrevistamos, em 2006.

Os meios de comunicação social poderão ainda apostar na união em consórcios ou associações. Uma junção que permite a partilha de custos com a aquisição ou a remodelação de imóveis para o desenvolvimento da atividade a que se destinam, na produção de conteúdos jornalísticos, de promoção e distribuição do produto jornalístico e ainda de inovação e desenvolvimento de novos produtos jornalísticos multimédia. Para se manterem atuais e interessantes para os leitores e poderem concorrer com outros meios de comunicação terão que investir em páginas na Internet onde poderão criar edições online, bem como em equipamentos e programas informáticos. Será depois necessário investir em ações de formação para os jornalistas, para que estes sejam capazes de trabalhar com as novas tecnologias.

Por outro lado e para evitar o desaparecimento de mais títulos, seria importante existir mais investimento por parte do Estado que poderia passar pela aposta na criação de um programa de Emprego que abarque não só os jornalistas à procura do primeiro emprego, mas também os que já estão desempregados há muito tempo, bem como pela

qualificação dos jornalistas que trabalham em várias redações e que nem sempre possuem formação académica na área ou em outras equivalentes. A formação na área do marketing, por exemplo poderia ser outra aposta para a revitalização da comunicação social local ou regional.

E os apoios teriam que passar ainda pela publicidade estatal. O Governo deveria distribuir publicidade pelos jornais regionais, algo que não acontece com muita regularidade, mas que poderá ser justificado pelo facto de existirem centenas de títulos no nosso país, o que não é fácil de gerir em termos monetários. Um apoio que seria uma grande ajuda para a imprensa, um mercado esquecido pelas próprias agências de publicidade, que os acham pouco importantes para o seu sucesso. A imprensa regional portuguesa apresenta dificuldade de negociação, demora nas respostas às consultas e tem uma grande dificuldade na distribuição de conteúdos publicitários, o que faz com que perca importância enquanto produto e perca valor na altura de venda.

O que vemos é que apesar de estarem a aparecer novas tecnologias, os jornais regionais e locais continuam entre as preferências de alguns leitores. De acordo o Bareme Imprensa Regional 2010 da Marktest, em Viana do Castelo, 64, 3 % dos inquiridos liam jornais nacionais, enquanto 62,1 % lia regionais, preferencialmente o *Aurora do Lima*, seguido do *Alto Minho* e do *Notícias dos Arcos*. Uma leitura com escolhas bastante equilibradas, uma vez que há aqueles leitores que preferem a imprensa regional, mas também um grande número que aposta na nacional. Diríamos mesmo que para isto contribui o trabalho do “Jornal de Notícias”, com filial nesta cidade, que ainda continua a manter uma página só para esta zona, o que cativa a atenção de quem aqui vive, que acaba por comprar este diário por estar interessado nas notícias nacionais, mas também por estar contente por ver o nome de Viana num jornal tão prestigiado. Com tantos leitores interessados na imprensa regional, consideramos importante perceber o que é ou não noticiável numa cidade como Viana do Castelo. Tudo isto relacionado com o facto de a imprensa regional ou local servir para mostrar o interior de cada um dos povos.

Atualmente a crise mantém-se na Europa. Os meios de comunicação social são obrigados a inovar para conseguirem captar alguma publicidade, imprescindível para a sua subsistência, principalmente se estivermos a falar de meios regionais e locais. A imprensa, por exemplo pode pensar na aposta nos jornais gratuitos, concebidos para atingir uma audiência sem hábitos de leitura ou então como forma de responder às

novas exigências dos leitores, que parecem cada vez mais desinteressados da leitura dos jornais. Um facto é que num mundo cada vez mais controlado pelos ponteiros do relógio, onde a velocidade ganha cada vez mais importância, o leitor prefere o imediato. E já há jornais atentos a estas mudanças. Há alguns anos começaram a surgir jornais gratuitos. Distribuídos em locais públicos, sobreviviam à custa da publicidade angariada. Quem investia sabia que seria mais fácil chegar aos leitores, já que a publicação era gratuita. Mas surgiram inconvenientes. É que estes possuíam um conteúdo pouco original, limitado a notícias locais e com limitações a nível de distribuição, também ela dispendiosa. Vantagens e inconvenientes que têm que ter em conta as vantagens e inconvenientes dos jornais pagos, os principais concorrentes dos jornais gratuitos. No caso dos jornais pagos, surge a questão da fidelização, reputação, interpretação de acontecimentos e ainda os classificados. Vantagens fortes que acabam por colocar os jornais gratuitos numa posição muitas vezes de inferioridade em relação aos jornais pagos. Por outro lado, há também algumas fraquezas. Os jornais pagos são dispendiosos e a leitura é difícil, para além de ter sempre a ameaça de perder a publicidade e os leitores. Mesmo assim, ainda poderá alcançar leitores ocasionais e lançar produtos gratuitos complementares, para chegar assim ao sucesso e vencer a concorrência que se torna mais forte dia após dia, nesta sociedade concorrencial. Os próprios anunciantes já acabam muitas vezes por tentar convencer os editores da imprensa regional a dirigirem os produtos em função dos públicos e a procurarem novas plataformas. Escreve-se para um determinado público, aquele que poderá comprar mais jornais e fazer com que a empresa consiga mais lucros. Trata-se de trazer uma lógica económica para os meios de comunicação, que deveriam ter como principal função informar, sem ficarem presos a interesses ou até mesmo a lógicas de mercado.

Cria-se um jornalismo diferente, que poderá ter que mudar mais nos próximos anos, já que há cada vez mais necessidade de competir, utilizando a inovação, para atingir o lucro. Com a união de diversos meios de comunicação, com a concentração de títulos, o publicitário tem uma maior escolha e pode investir mais. Apenas com um contrato pode ter um anúncio num jornal, na edição electrónica, em revistas e noutras publicações. O investidor não precisa de se preocupar com procurar os diferentes meios onde pode investir e estes meios conseguem mais lucros, já que atingem uma maior percentagem de investidores.

Interessa agora tentar perceber se esta concentração será benéfica para a imprensa regional. Com a concentração em grupos económicos, os órgãos de comunicação terão que salvaguardar a independência. Se há alguns anos atrás era o poder político que quase que dominava o mundo, hoje nota-se que o poder económico prevalece sobre todos os outros poderes. Os grupos económicos tendem a aglutinar os meios de comunicação social e já vemos que há jornais, rádios e televisões ligados a grandes e poderosas empresas, o que pode pôr em causa a independência do conteúdo da notícia. Um jornalista sabe que tem a garantia da independência consagrada no Estatuto do Jornalista, no Código Deontológico do Jornalista, na Lei da Imprensa, da Rádio e da Televisão e até mesmo na Constituição e que é um dever e um direito no exercício da sua atividade. Mesmo assim, nem sempre é fácil assegurar esta independência já que do outro lado da balança está a dependência económica, a necessidade que todos temos de ter uma situação económica estável para conseguirmos sobreviver.

A imprensa regional pode tirar benefícios da globalização, já que consegue aproximar as pessoas à sua terra de origem, o que faz com que seja necessária num mundo onde todos comunicam e onde todos querem saber tudo o que se passa em todo o lado. “O desejo de saber é intrínseco à natureza humana”, como declara Aristóteles no início da sua *Metafísica* (980 a.C, p. 21). Não há homem algum completamente desprovido de curiosidade. Há uma curiosidade que tem que ser saciada e só o é com a procura constante de informação. Lê-se um jornal pela simples vontade de ler, de estar atualizado, de saber o que se passa no mundo. É uma curiosidade informativa que faz com que os povos se mexam, se sintam vivos, parte integrante de uma sociedade e de uma comunidade. E querem saber sempre aquilo que mais ninguém sabe, querem descobrir coisas novas, olhar para as notícias sensacionalistas, comentar as notícias mais chocantes, diferentes, únicas. As pessoas querem manter raízes já que há cada vez mais tendência para se perder os valores, a identidade. E os meios de comunicação regionais e locais conseguem esta aproximação, ao mesmo tempo que acompanham a atividade autárquica, uma grande fonte de informação. O poder político precisa de mediatização, de se dar a conhecer às outras forças políticas existentes esta necessidade, esta vontade.

Os tempos estão a mudar. Disso ninguém duvida. Os órgãos de comunicação também são obrigados a acompanhar esta mudança vertiginosa. Os novos media criam novos sujeitos, sujeitos múltiplos, descentrados e disseminados. São muitos que

comunicam para muitos, de uma forma imediata, criando uma espécie de rede que abarca quase todo o mundo. A ideia é de Poster (1999) que considera ainda que na cultura ocidental há cada vez mais a tendência para desaparecer o papel mediador dos meios de comunicação, já que as máquinas passam a participar na produção da cultura. São as novas tecnologias que passam a fazer parte da vida das população. Os meios de comunicação mudaram, entrou-se numa era em que parece ter ficado um pouco esquecida a presença física. Qualquer um pode olhar para uma imagem na televisão e sentir que está naquele local, naquele momento exacto. Uma ilusão que parece real por uns segundos e que permite uma maior expansão das notícias. Poster dizia que esta é a “segunda era dos media” que comunicam através de computadores e fazem com que haja uma maneira nova de compreender o sujeito, uma vez que “o modo de informação põe em marcha uma radical configuração da linguagem, constituindo os sujeitos fora do esquema do indivíduo autónomo e racional. Este sujeito moderno familiar é deslocado pelo modo da informação em favor de um sujeito múltiplo, disseminado e descentrado, continuamente interpelado com uma identidade instável" (Poster, 1999).

A verdade é que o jornal tem-se mantido apesar do surgimento da rádio, da TV e da Internet. Todos estes meios de comunicação são mais imediatos e muitos deles acabam por ser preferidos da população. Mas o jornal continua a ser preferido por alguns leitores que não abdicam do papel.

Capítulo V - Imprensa Regional ou local: Opinião ou Facto?

A *Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho* são dois jornais com histórias e conteúdos diferentes, apesar de pertencerem ao mesmo espaço territorial. Em ambos surgem notícias muito distintas, escritas com base em políticas editoriais que pouco têm em comum. Em 2006, altura em que entrevistamos os diretores dos dois jornais, o responsável d'A *Aurora do Lima* apostava num jornal literário, enquanto que o do *Falcão do Minho* procurava criar um jornal com conteúdo jornalístico, voltado para a cidade de Viana do Castelo, mas mais do que isso, virado para a Galiza.

No caso d'A *Aurora do Lima*, nota-se ainda hoje uma predominância de textos escritos com recurso a adjectivação, frases complexas e palavras que não são muito utilizadas no dia-a-dia por gentes de uma cidade como a de Viana do Castelo. São textos complexos, escritos quase maioritariamente por homens das letras e não por jornalistas. Esta é aliás a aposta do jornal, que desde sempre se distinguiu das outras publicações existentes na cidade por valorizar as crónicas, os textos de opinião, as “memórias e afetos” e deixar um pouco de parte a informação jornalística, tal como disse em entrevista realizada em 2006, o diretor Bernardo Barbosa (ver anexo 10). Só aqui há espaço para o relato de casamentos, batizados e primeiras comunhões, para enaltecer os predicados de uma ou de outra personalidade, publicar notas necrológicas, contar histórias. Histórias contadas por gentes de uma terra, que são lidas por outras pessoas que se identificam com cada uma destes pequenos acontecimentos, que raramente são contados nos jornais nacionais. “O jornal regional escreve-se à moda da terra. Na página regionalista, as pessoas escrevem ao correr da pena, com frases longas à maneira de Saramago”, diz o diretor d'A *Aurora do Lima*. Apesar desta ideia e de Bernardo Barbosa dizer que “o jornalismo não tem que entrar nos jornais regionais, pois a notícia é dada antes na rádio e na televisão, o que faz com que as notícias sejam requentadas e perca o interesse”, hoje o jornal começa a voltar-se para uma escrita um pouco diferente, dando alguma abertura a notícias de carácter jornalístico (entrevista:2006).

Já o *Falcão do Minho* tem um carácter mais noticioso e pouco opinativo, procurando retratar as notícias mais relevantes do panorama da região em que se insere e deixando algum espaço para alguma informação relacionada com os concelhos e até mesmo o país vizinho.

Mas se estes são dois jornais regionais, como podem assentar em conceitos tão diferentes? Haverá lugar para um jornal que seja maioritariamente composto por textos opinativos ou escritos por correspondentes e por isso, sem estarem assentes nos princípios básicos do jornalismo e para outro que nem sempre aposta numa regra básica como a da proximidade e aposta na publicação de notícias do país vizinho e de outros distritos? Poderemos integrar estes dois conceitos tão diferentes naquilo que consideramos ser o jornalismo local ou regional? Depois de várias leituras, constatámos que este é um conceito que ainda não está bem delineado e por isso poderá levar a várias interpretações.

É com o triunfo da Revolução Liberal de 1820 e a promulgação da Carta Constitucional que encontramos as raízes da imprensa regional e local portuguesa. A partir daí apareceram centenas de jornais locais e regionais, uns ligados à Igreja Católica, outros a tipografias, a pequenas empresas de comunicação ou a autarquias. Os media acabaram por estar sempre ligados à ideia de democracia, já que a independência da comunicação alimentava o ideal de espaço público e até porque esta liberdade se tornou na melhor forma de exprimir os ideais democráticos. Uma ideia contestada na atualidade, já que habitualmente não se permite uma relação entre os media e o poder político, em nome da independência dos próprios meios de comunicação.

As definições de imprensa regional foram mudando ao longo dos tempos, mas mantiveram a ideia de que os jornais regionais devem basear-se na noção de proximidade e isenção. Foram englobadas neste conceito as “publicações periódicas não diárias” com o principal objetivo de “divulgar os interesses de uma localidade, circunscrição administrativa ou grupos de circunscrições vizinhas” (Lei de Imprensa de 1971), publicações periódicas que poderiam ter “expansão nacional e regional”, considerando-se de expansão nacional as que eram “postas à venda na generalidade do território” (Lei de Imprensa de 1975), publicações “que pelo seu conteúdo e distribuição” se destinassem “predominantemente às comunidades regionais e locais” (Lei de Imprensa de 1999) e “publicações periódicas, de informação geral, conformes à Lei de Imprensa”, que se destinassem “predominantemente às respetivas comunidades regionais e locais” dedicassem, “de forma regular, mais de metade da sua superfície redatorial a factos ou assuntos de ordem cultural, social, religiosa, económica e política a elas respeitantes” e não estivessem “dependentes, diretamente ou por interposta

pessoa, de qualquer poder político, inclusive o autárquico” (Estatuto da Imprensa Regional de 1988).

Num mundo onde a informação circula a uma velocidade estonteante, onde o país mais distante se torna de repente tão próximo com uma simples notícia e onde se esbateram as fronteiras, o jornalismo regional, de proximidade torna-se muito importante para as gentes de determinadas regiões. “Chegados à aldeia global concluímos que a única coisa que nos diferencia na realidade é a nossa aldeia” (Puente citado por Camponez, 2002, p. 120). Um jornal regional ou local deve ser então capaz de publicar as informações que dizem respeito à área geográfica onde se insere, tendo sempre em atenção o público alvo que pretende cativar. São estas características que o tornam singular, que o diferenciam de todas as notícias publicadas na imprensa nacional. Diz o jornalista Miguel Rodrigues, que quando foi entrevistado em 2006 trabalhava no *Falcão do Minho*, que este jornal tenta “dentro do possível não abdicar do conceito de proximidade”, o que acaba por não ser mais do que uma “utopia”, uma vez que normalmente “não é o jornalista que vai em busca das notícias das freguesias, mas aproveita aquilo que aparece na redação. De outra forma não seria possível. Não há uma rede de colaboradores no terreno e esta informação, que poderia chegar através dos colaboradores não chega” (entrevista: 2006). Uma realidade paralela ao outro jornal analisado, onde também só trabalha um jornalista que tem que garantir a informação que é publicada. No entanto, este jornal tem correspondentes que acabam por escrever algumas notas sobre os eventos que vão acontecendo nas suas freguesias. Um trabalho que não se rege pelos princípios e regras do jornalismo, mas que ajuda a atenuar a falta de informação sobre estas localidades. Apesar de tudo, o trabalho realizado gratuitamente por estes correspondentes não é suficiente para fazer com que sejam referidas as quarenta freguesias.

Por outro lado, a imprensa regional é definida pela “sua forte territorialização, a territorialização dos seus públicos, a proximidade face aos agentes e às instituições sociais que dominam esse espaço, o conhecimento dos seus leitores e das temáticas correntes na opinião pública local. (...) A imprensa local constrói-se (...) nesse compromisso com a região e com as pessoas que a habitam”, diz Camponez (2002, p. 19). De facto, a comunicação social regional e local refere sempre um território, um espaço físico, uma determinada área geográfica, relata as notícias da vida quotidiana da comunidade onde se insere, da sua economia, da sua dinamização cultural e social. Há

então uma comunidade onde esta comunicação social regional ou local se estabelece, uma comunidade onde há grupos familiares que partilham valores, modos de vida, a mesma língua, a mesma cultura, as mesmas raízes. Um território comunitário menos abrangente no espaço local, mas mais amplo no regional, já que este engloba várias comunidades locais interligadas.

A comunicação social local ou regional desenvolve-se através dos meios de comunicação que estão perto das pessoas que os usam. Estes acabam por ser usados para chegar às pessoas que integram esta comunidade e, por isso, utilizam uma linguagem que esta comunidade identifica. É então função da comunicação social local ou regional informar, formar e entreter, ao mesmo tempo que representa a comunidade. O conceito de vizinhança mostra que a comunicação social local e regional ocorre perto das pessoas que se relacionam numa mesma comunidade, há uma proximidade física e mental que faz com que as pessoas se sintam membros da mesma comunidade e partilhem as mesmas ideias, as mesmas informações. E é aqui que os correspondentes assumem um papel predominante. N'A *Aurora do Lima*, por exemplo, ainda não há correspondentes em todas as freguesias do concelho, um dos motivos que faz com que estas acabem por ser esquecidas nas notícias. Em 2005 este jornal contava com colaboradores em 24 freguesias (tinha 29 correspondentes mas 5 eram de outros concelhos), mas ainda havia 16 onde não existia ninguém que se dedicasse a procurar dados para escrever um texto sobre o que se passava nestes locais. Ser correspondente de um jornal regional é uma tarefa que obriga a muita disponibilidade, disciplina e tempo para ir à procura do que pode ser interessante e passível de ser noticiado. Esta acaba por ser muitas vezes a única forma destas freguesias serem referenciadas nos jornais.

No caso do outro jornal que serviu de base a este estudo, o *Falcão do Minho*, não existiam tantos correspondentes, o que fazia com que a informação das freguesias fosse ainda mais esquecida. A este propósito, o diretor Manuel Fernandes referiu que “já começa a aparecer outro tipo de correspondente, mais letrado. Gostam muito de tratar de questões políticas, da saúde e de outros temas. Pode perceber-se às vezes de que partido é, se está na oposição, mas como os leitores são “multicolores”, lêem o jornal, já que este não censura. É um jornal aberto” (entrevista:2006).

No decorrer deste estudo verificamos ainda que nas freguesias onde existem correspondentes nota-se uma predominância de notícias relacionadas com questões

sociais e políticas. Muitas vezes surgem textos que não são considerados notícias pela forma como estão escritos, mas que transmitem o pensar de um povo. O correspondente escolhe o que quer tornar público e com mais ou menos perspicácia, com melhor ou pior escrita, dá largas à imaginação e passa para o papel os anseios da população, os problemas que surgem e que acabam muitas vezes por passar despercebidos aos jornalistas dos outros meios de comunicação que existem na cidade e arredores. É uma forma diferente de analisar a realidade, que acaba muitas vezes por ficar presa em interesses pessoais. Em locais onde todos se conhecem nem sempre são divulgadas informações relacionadas com muitos dos que têm um papel interventivo na localidade, nomeadamente os poderes políticos e religiosos. O correspondente tem que se cruzar com muita frequência com todas estas pessoas e por isso opta muitas vezes por não escrever sobre temáticas que poderiam ser consideradas noticiáveis por jornalistas. Bernardo Barbosa, diretor d'*A Aurora do Lima* refere mesmo que “os correspondentes são preguiçosos, porque naturalmente vivem no seu meio e tudo para eles é normal, é vida, ao passo que quando vem alguém de fora vê as coisas de outra forma” (entrevista: 2006). O que é um facto é que nem todos os correspondentes são capazes de atingir esta distanciação para com as autoridades políticas e sociais. Uma distanciação que deve existir nos textos jornalísticos, mas que deixa de ter importância e até mesmo sentido, quando falamos desta forma de escrever tão característica e peculiar que é a dos correspondentes.

Os dois jornais analisados optam por um tipo de informação bastante diferente, apesar de ambos se basearem em grande parte em notícias de Viana do Castelo, a cidade onde estão sedeados. Tudo isto depende da política interna, dos interesses sociais, políticos e culturais de cada um destes jornais. Ao folhearmos *A Aurora do Lima*, conseguimos perceber de imediato que este bissemanário dá destaque aos artigos de opinião, às notícias da cidade e ao desporto. Reserva duas páginas para a secção regionalista, onde surgem as mais variadas informações enviadas pelos correspondentes que, voluntariamente, enviam textos e fotografias e sugerem temas que serão depois publicados. É, aliás, esta uma das secções que o torna diferente do outro jornal que está em estudo. *A Aurora do Lima* aproxima-se facilmente do público sem ter muitos gastos, já que os correspondentes não são pagos e consegue atingir um parâmetro muito importante para o jornalismo: a proximidade. “O jornal é auto-suficiente, já que só paga aos seus trabalhadores. Quer o diretor, quer o diretor adjunto não recebem um tostão por

estarem à frente do jornal”, comenta Bernardo Barbosa, diretor do jornal (entrevista: 2006).

Apesar deste esforço de tentar encontrar as notícias que mais interessam ao público-alvo, ainda há grandes falhas nesta imprensa regional. Por ser regional, deveria e tal como o próprio nome indica, relatar as notícias da cidade onde está instalada. Neste caso, o ideal seria publicar informações das 40 freguesias do concelho de Viana do Castelo que existiam em 2006, início deste estudo: Afife, Alvarães, Amonde, Areosa, Barroelas, Cardielos, Carreço, Carvoeiro, Castelo do Neiva, Chafé, Darque, Deão, Deocriste, Freixieiro de Soutelo, Santa Leocádia de Geraz do Lima, Santa Maria de Geraz do Lima, Lanheses, Mazarefes, Meadela, Meixedo, Monserrate, Montaria, Moreira de Geraz do Lima, Mujães, Neiva, Nogueira, Outeiro, Perre, Portela Suzã, Santa Marta de Portuzelo, Santa Maria Maior, Serreleis, Subportela, Torre, Vila Franca, Vila Fria, Vila Mou, Vila Nova de Anha, Vila de Punhe, Vilar de Murteda. E isto não acontece em nenhum dos jornais analisados. Será que não entra aqui em causa a questão do direito à informação? Numa sociedade democrática todas as pessoas têm o direito a estar informadas. Uma função dos jornalistas que não se podem esquecer do dever de informar, sabendo à partida que as notícias que transmitem serão consideradas verdadeiras por quem as lê ou ouve. O jornalista tem esta espécie de “compromisso social” de escrever o que é real, ao mesmo tempo que informa, sem dar opinião sobre o que está a escrever. Textos que poderão ou não ser aceites pela opinião pública uma vez que são uma reelaboração da informação recolhida em campo. O profissional da informação tem então que saber o que fazer com a opinião de cada um dos leitores, mas também com a da sociedade em geral. Lá diz o ditado popular que “não se pode agradar a Gregos e a Troianos”, mas mesmo assim, o jornalista tem que ser capaz de se fundamentar na sua ética profissional para perceber qual a informação que pode e deve vincular. As notícias acabam então por ser escolhidas de duas formas: dentro e fora das redações, tendo em conta certos fatores, como por exemplo a importância. “A principal escolha será sempre a pertinência da notícia. Como é um jornal semanário as notícias mais importantes terão sempre mais realce, acrescenta Miguel Rodrigues, jornalista do *Falcão do Minho* (entrevista: 2006).

A verdade é que um jornalista acaba por ser quase como um médico: se está de férias e por acaso assiste a um acidente, acaba logo por enviar a informação para o local onde trabalha e muitas vezes para os colegas de outros meios de comunicação. Isto

acontece muitas vezes com os jornalistas dos meios de comunicação regionais, que mantêm laços de amizade mais fortes com os colegas da “concorrência” do que aqueles que trabalham em grandes órgãos de comunicação com representação nacional.

Como sabemos então que um acontecimento é notícia? O que é que leva um editor, um jornalista ou até mesmo um paginador a escolher esta ou aquela informação? Mar de Fontcuberta (1993, p. 41) diz que há três formas de decidir o conteúdo: a inclusão da informação, a exclusão da informação e a hierarquização da informação. É então preciso que o jornal siga os passos descritos acima e que passam pela reunião das notícias, exclusão ou inclusão, investigação dos temas, narração e comentário. Só assim se consegue compor “o tema da superfície redaccional” (Borrat, 1989, p. 38). Notícias essas que terão que estar de acordo com a informação que interessa ao leitor, com o interesse que o próprio meio de comunicação tem em fazer passar esta informação e até mesmo com outra vertente relacionada com a fonte que quer informar o leitor sobre um assunto que é do seu interesse pessoal. É tudo isto que faz com que na altura de tratar a informação seja preciso pensar muito bem antes de decidir. “No caso do *Falcão do Minho*, a esmagadora maioria das informações são tratadas antes de serem publicadas. O contrário só acontece na área do desporto, porque não há ninguém especializado dedicado a isso e os pressés enviados pelos clubes desportivos acabam por ser publicados como surgem na redação. Não é por falta de vontade de os tratar, mas por não existir ninguém especializado na área e tacitamente aceita-se a informação que nos é enviada”, diz o jornalista Miguel Rodrigues (entrevista: 2006).

A estas ideias poderíamos acrescentar outra que nem sempre é bem vista pelos jornalistas e editores, mas que acaba por influenciar muitas vezes a escolha da informação a publicar. Refiro-me a interesses pessoais, políticos, económicos ou sociais, que normalmente são negados por quem dirige estes jornais, mas aceites por quem aqui trabalha. O diretor d’*A Aurora do Lima* garante que “o jornal é independente de todos os poderes”. Já Manuel Fernandes, diretor do *Falcão do Minho* diz que “temos voz, temos opinião, dizemos as nossas opiniões sobre as questões. O presidente às vezes não gosta, mas paciência” (entrevista: 2006).

Nos dias em que há muitas notícias, é difícil escolher. Quando há poucas, é preciso procurar artimanhas, criar interesse para que as notícias possam ser vendidas. Notícias que passariam despercebidas noutras alturas atingem agora grande importância e destaque. A tematização acaba por ser então um ponto importante na altura de

escolher a informação vinculada. Vista por Mar de Fontcuberta (1993, p. 35) como “o processo pelo qual os meios seleccionam um tema e o põem no conhecimento da opinião pública”, a tematização é um dos pilares na construção de um jornal.

Há depois muitos outros fatores que pesam na altura de escolher. É importante conhecer os leitores, que no caso d’A *Aurora do Lima* “são as pessoas simples, com quem nos cruzamos na rua, nos encontramos no café ou restaurante, vem ao jornal pagar assinatura ou colocar um pequeno anúncio, reclamar de um buraco ou de um muro perto de sua casa”, diz Souto Maior, o jornalista deste jornal (entrevista: 2006). Surgem depois outras questões como a comercial. A verdade é que um jornal precisa de ser apelativo e interessante para conseguir vingar e sobreviver no mercado. Ele tem uma função comercial, a de ganhar dinheiro, que faz com que muitas vezes se escrevam notícias com pouco ou nenhum interesse jornalístico e que deixam muito a dever às regras básicas do jornalismo, mas que têm que ser publicadas por interesses económicos ou de terceiros. Perde-se a responsabilidade social do jornalismo apenas para se conseguir ganhar mais algum dinheiro essencial para a manutenção do jornal, para o pagamento dos salários de quem aqui trabalha, para a compra de um ou outro meio eletrónico e informático que permita uma maior rapidez e qualidade na edição e impressão do jornal. Uma ideia que é partilhada por cinco dos nove inquiridos, que mesmo assim colocam algumas reservas, já que concordam apenas em parte. Os outros quatro jornalistas discordam em parte da ideia de que as notícias são escolhidas muitas vezes de acordo com interesses comerciais do jornais, ao mesmo tempo que é esquecido o dever de informar (inquéritos: 2006).

Para estes profissionais há de facto interesses comerciais nos meios de comunicação social, mais acentuados quando falamos de órgãos de comunicação regionais e locais. Os jornalistas reconhecem-nos, mas acabam por colocar-se muitas vezes ao lado destas questões, tentando desenvolver o seu trabalho jornalístico, sempre preocupados com o dever que têm de informar, um dever que não devem esquecer na altura de publicar as notícias.

A juntar a tudo isto há ainda critérios que podem ajudar na altura de escolher o que é ou não noticiável. Ladeveze diz que “o critério mais generalizado como elemento da notícia é o interesse comum por um feito”. “O interesse público procede dos feitos que afectam as pessoas na sua vida quotidiana, hábitos de conduta, ideias ou crenças, é decidir como membro de uma comunidade.” (1991, p. 44). Para além deste interesse, o

autor fala ainda de outro, o psicológico, que não é nem mais nem menos do que “aquele que produz acontecimentos que comovem as pessoas por motivos que não são públicos, mas humanos ou psicológicos. São as chamadas notícias de interesse humano, que cada vez mais ocupam espaço nos meios de comunicação” (ibidem, p. 44).

O que é verdade é que um jornalista ou um editor procuram notícias que sabem que vão captar a atenção do leitor, que lhe vão chamar a atenção porque se vai identificar com elas. Nenhuma mãe ou pai fica indiferente à história de uma criança raptada, por exemplo. Os jornalistas sabem isto e também sabem que há indivíduos que são sempre notícia. Uma simples ida ao teatro do presidente da República não passará despercebida. O mesmo não acontece com um cidadão comum, que não é identificado pelo público em geral. O ser humano parece ter uma vontade de participar na vida das grandes personalidades, de tentar saber tudo o que elas fazem como se fossem actores de uma telenovela qualquer. Uma espécie de telenovela da vida real onde todos gostariam de entrar, mas onde entram apenas alguns. Só que a entrada nesta novela não traz apenas um lado positivo. Quando as pessoas são muito conhecidas e o leitor pretende saber tudo e mais alguma coisa sobre a sua vida, os jornalistas sentem que têm a função de procurar tudo o que diga respeito a estas personagens. Quanto mais conflituosa for a informação que conseguem, mais interessante esta se tornará aos olhos de quem a lê. Se o leitor se interessar por ela, se ela for atual e de preferência exclusiva para um determinado meio de comunicação, este vai transmiti-la de boca em boca e fazer com que esta ganhe importância durante mais do que os minutos que são gastos na leitura. Um facto é que o leitor, o cidadão, “têm direito à liberdade de opinião e expressão”, o que faz com que tenha a sua opinião sobre os assuntos, procure encontrar a informação e as ideias que lhe interessam através do recurso aos meios de comunicação social.

Cada jornal tem a sua maneira de funcionar, as suas normas e hábitos que acabam por estruturar o funcionamento do campo jornalístico e até mesmo de cada jornal enquanto instituição social. São estas normas e estes hábitos que acabam por definir as rotinas produtivas de seleção, produção e confeção da notícia, a forma como os jornalistas se relacionam com as fontes e até mesmo com os outros jornalistas no interior do campo jornalístico.

Capítulo VI : O caso do *Falcão do Minho* e d'*A Aurora do Lima*

6.1 - Dois jornais, duas histórias e duas realidades

Quando pegamos num jornal, nem sempre nos questionamos como é que ele surgiu, qual a sua história, o seu percurso, as suas opções editoriais. Lemos as notícias porque queremos estar informados e conhecer o que se passa no mundo em que vivemos e na sociedade que integramos, mas muitas vezes nem sequer nos interessa saber há quanto tempo surgiu este jornal que temos nas mãos, quais os motivos que o levaram a optar pelo grafismo que vemos e não por outro, quantos profissionais são necessários para o colocar nas bancas, quanto tempo demora a escrever uma notícia e quais são os critérios editoriais que levam à escolha de uma notícia em detrimento de outra.

Ao olhar para os dois jornais que decidimos utilizar para base deste estudo, percebemos que eles são diferentes em conteúdo, nos públicos-alvo e até mesmo na forma como funcionam as suas redações. São dois ambientes diferentes, onde se respiram maneiras distintas de “fazer” jornalismo. Vamos então começar pelo mais antigo.

Quem entra no jornal *A Aurora do Lima*, o bissemanário mais antigo de Portugal Continental, fundado num sábado, dia 15 de dezembro de 1855, sente logo de imediato um cheiro a antigo, a história, a dificuldades e muita luta por um jornalismo ao serviço da verdade e da transparência. Instalado num edifício de dois andares, o jornal esteve presente em alturas importantes da história e da política no nosso país. Desde a fundação até aos dias de hoje, conseguiu sair sempre para as bancas, convivendo com realidades políticas, sociais e económicas muito distintas. Agora é um pedaço de história recente ao lado de outros jornais que ao longo dos anos retrataram o que se passa e passou no local onde estão instalados. Este jornal é também uma parte de história, uma verdadeira acumulação de acontecimentos, de factos, de pequenas partes da vida de uma comunidade. Uma história que transmitem aos emigrantes, que lhe mostram a sua terra como nenhum outro meio de comunicação. Isto porque a imprensa regional leva as histórias de uma terra a todos aqueles que têm alguns laços com ela e que estão afastados pelo mundo. Uma função da imprensa regional e nunca da nacional,

que opta por veicular notícias que digam respeito a todo o país ou às cidades com maior aglomerado populacional.

Se recuarmos no tempo, até 15 de dezembro de 1855, vemos “nascer” na Rua de S. João, nº 5, *A Aurora do Lima*, tendo por fundador José Barbosa e Silva (ver anexo 7 elaborado com recurso a informação fornecida pelo diretor Bernardo Barbosa em entrevista realizada em 2006), diplomata e escritor e por diretor João Maria Baptista de Oliveira. Até dezembro de 1855, chegava às bancas todas as terças e quintas-feiras e também aos sábados. Em 1856 mudou de instalações e passou para a Rua do Vilarinho, nº 3. Pertenceu durante muitos anos ao Regimento de Artilharia 3, na altura aquartelado em Viana do Castelo, o que lhe permitiu prestar aqui serviços culturais e de solidariedade social. Nesta altura, António Pereira de Sousa assumia a cargo de editor, que manteve até 15 de março de 1889. No dia 2 de janeiro de 1857 e até 9 de abril de 1915, o jornal passa a ser publicado às segundas, quartas e sextas-feiras.

Em 1866, tornou-se órgão do partido progressista, mas mesmo assim nunca fechou as portas a todos os que quiseram expressar a sua opinião, sem olhar a credos, raças ou preferências políticas. As suas folhas foram preenchidas por textos escritos por grandes nomes da literatura, da política e do jornalismo portugueses como Camilo Castelo Branco, redator principal do jornal na altura da sua fundação, Raúl Brandão, Guerra Junqueiro (secretário-geral do Governo Civil de Viana do Castelo), Ramalho Ortigão, António Feijó e João Verde que também foi redator.

O major foi substituído no cargo de diretor d'*A Aurora do Lima* por José Afonso de Espregueira, que foi sucedido na direcção do bissemanário por José Barbosa e Silva, outro dos fundadores. Damião Pereira da Luz foi editor entre 11 de abril de 1890 e 26 de agosto de 1898. A partir de 16 de janeiro de 1893, o jornal torna-se o decano dos jornais do Minho. Dois anos depois, a 18 de dezembro tinha como redatores Silva Campos e Eugénio Martins, que assume a direcção do jornal entre 17 de maio de 1897 e 26 de agosto de 1898 e, depois de João Caetano da Silva Campos e José Viana, volta a assumir este cargo entre 26 de abril de 1907 e 15 de novembro de 1907. Eugénio Martins, jornalista, exerceu o cargo de inspetor do imposto de selo e neste jornal acabou por desempenhar também as funções de redator e colaborador. É em 1904 que o jornal volta a mudar de instalações, pela terceira vez desde que foi fundado, para a Rua da Picota, nº 22. Segue-se mais um diretor, João Caetano da Silva Campos, escritor, jornalista e poeta, exerceu a atividade de escrivão de direito e notário.

José Viana assume o cargo de diretor entre 30 de novembro de 1910 e 9 de abril de 1915 e tem Aníbal Galião como editor. É substituído por Bernardo Fernandes Pereira da Silva, entre 18 de novembro de 1907 e 28 de outubro de 1910, altura em que volta a sentar-se na cadeira de diretor. A 4 de maio de 1915 e até 6 de fevereiro de 1948, Bernardo Fernandes Pereira da Silva assume mais uma vez “as rédeas” deste jornal. Este homem entrou no decano aos 12 anos como aprendiz, passou pelos cargos de chefe de tipografia, redator, administrador e por fim, diretor. Foram 70 anos ao serviço d’A *Aurora do Lima* ao mesmo tempo que escrevia para *O Comércio do Porto* e para o *Jornal de Notícias*.

Em Portugal dá-se nesta altura o início de uma República, cuja principal preocupação foi libertar a imprensa periódica de todas as limitações impostas ao longo dos anos. Por isso foi promulgado o Decreto de 10 de outubro de 1910, que revogava “a lei repressiva da liberdade de imprensa de 11 de abril de 1907, suspendendo-se todos os termos de quaisquer processos relativos à Imprensa, enquanto não foi publicado um novo decreto com força de lei protetor da liberdade de imprensa” e segundo o artigo 4º, “o presente decreto entra imediatamente em vigor e será sujeito à apreciação da próxima Assembleia Nacional Constituinte” (Tengarrinha, 1989, p. 260). Ao jornalismo é restituído o direito de livre expressão do pensamento, regulado mais tarde pelo Decreto com força de lei de 28 de outubro de 1910. Criam-se então vários jornais políticos, órgãos dos diversos partidos.

Outro nome que não pode ser esquecido na história d’A *Aurora do Lima* é o de João Passos Correia, editor entre 4 de maio de 1915 e 27 de fevereiro de 1931. Um cargo ocupado depois por Pedro da Luz Lima, que desempenha estas funções entre 3 de março de 1931 e 30 de junho de 1933, Manuel Adriano Rodrigues, editor entre 4 de julho de 1933 e 7 de novembro de 1941 e ainda Aurélio Pereira Barbosa, editor entre 11 de novembro de 1941 e 4 de julho de 1948. Nesta altura, mais concretamente a 4 de maio de 1915 e até 9 de janeiro de 1976, o jornal passa a sair para as bancas às terças e sextas-feiras.

Na longa história de diretores deste jornal segue-se Carlos Fernandes Pereira da Silva, diretor interino entre 13 de fevereiro de 1948 e 15 de março de 1949, ao lado de Aurélio Barbosa, editor e administrador e dos herdeiros de Bernardo Silva. Carlos Fernandes Pereira da Silva assume a direção do jornal depois da morte do pai e durante pouco mais de um ano orienta a publicação sem perder algo que a torna diferente e

original: o espaço regionalista e independente. O décimo primeiro diretor é o tenente-coronel Ernesto Sardinha, que assume este cargo entre 18 de março de 1949 e 14 de setembro de 1950. Jornalista, escritor e poeta é substituído a 15 de setembro de 1950 por Júlio de Lemos, que assume o cargo de diretor interino até 7 de novembro de 1950.

O nome que se segue é o de Felipe António dos Anjos Fernandes, diretor desde 10 de novembro de 1950 e 23 de outubro de 1992. Jornalista e escritor seria substituído a 7 de novembro de 1973 por Aurélio Barbosa que assumiu a posição de proprietário e administrador. No dia 13 de janeiro de 1976 há nova mudança na distribuição do jornal que passa a ser distribuído às terças e quintas-feiras. Em 1979 começa a sair para as bancas às quartas e sextas-feiras e o jornal muda de instalações para a Rua Manuel Espregueira, onde continua instalado. De referir que este diretor acompanhou os últimos anos do regime salazarista e a transposição para a “Primavera Marcelista”, o rápido desengano das ténues promessas liberalizantes do sucessor de Salazar, mais tarde o derrube da ditadura e processo revolucionário e o fim deste e encaminhamento para a integração europeia, a partir de 1975. Esta foi, aliás, uma época de grandes mudanças e transformações não só no jornalismo regional, mas também no nacional. Após a revolução de 25 de abril de 1974, entra-se na era democrática, com o fim da ditadura, o que fez com que fossem repostas as liberdades fundamentais, ao mesmo tempo que acaba a censura e se entra numa fase de nacionalização dos media propriedade de grupos económicos e entidades próximas do antigo regime. Fatores que se juntam a outros responsáveis em grande medida pelas mudanças no jornalismo. De facto, é no final da década de 80 do século passado que se dá a reprivatização dos jornais estatizados, a liberalização do sistema mediático e a consolidação de grupos de comunicação nacionais. As frações ideológicas e políticas lutam pelo controlo dos meios de comunicação mais influentes e importantes no panorama nacional e há mesmo vários jornais que passam a ser controlados pelo Estado. Só que o elevado nível de iliteracia faz com que a venda dos jornais não seja um negócio muito rentável, até que no final da década de 80 se aposta nas privatizações e na concentração de títulos.

Nesta época conturbada, onde surgem e desaparecem muitos projetos editoriais e se nota uma crescente diminuição do poder do Estado na comunicação social e uma maior liberalização e entrega às forças do mercado, o jornal *A Aurora do Lima* consegue manter uma posição importante na realidade de Viana do Castelo. Ultrapassa as dificuldades e toda esta mudança económica, política e social e consegue vencer num

panorama pouco favorável para muitos outros projetos desta área. De facto, em 1986, o nosso país entra na CEE e privatizam-se órgãos de comunicação. Surgem novos jornais semanários de referência e publicações especializadas dirigidas a segmentos muito específicos. Mais meios de comunicação e mais concorrência para a imprensa regional, que tenta sobreviver com muitas dificuldades técnicas e acima de tudo, económicas. No panorama nacional, consolida-se agora um pouco a realidade que temos nos nossos dias, com a criação dos principais grupos de comunicação portugueses como Sojornal e Controljornal, integradas no grupo Impresa de Pinto Balsemão, Lusomundo de Luis Silva e Sonae de Belmiro de Azevedo. E é em meados dos anos 80 que aumenta a aposta na publicidade, uma vez que o país começa a atravessar uma fase económica mais favorável. Chegados à década de 90, são os vespertinos que perdem, mas os principais jornais de expansão nacional passam a pertencer à Lusomundo, que muda o grafismo e toda uma parte editorial e comercial.

E já em 1992, a 30 de Outubro, é Aristides Brás Arroteia que passa a ser o diretor do jornal, ao lado de Bernardo Silva Barbosa, subdiretor. Chegados ao ano de 2002, vemos Aurélio Pereira Barbosa assumir a direcção do jornal, ficando a subdirecção a cargo dos filhos, Bernardo Silva Barbosa e Rui Silva Barbosa. No dia 11 de setembro, o tipógrafo, editor e administrador assume as funções de diretor, que mantém até à morte, em abril de 2005, altura em que os filhos, Bernardo Silva Barbosa e Rui Silva Barbosa assumem os cargos de diretor e diretor adjunto, respectivamente, numa altura em que o jornal custa 60 cêntimos.

Este jornal, que no início era uma folha avulsa, vendida a 30 réis e publicada às terças, acompanhou sempre a vida da «Princesa do Lima», do Caminho de Ferro, do comércio, do turismo, do artesanato, do folclore, da gastronomia, dos monumentos como palácios, paços, solares e igrejas desta cidade. Como «espelho da cidade» relatou ao longo dos anos a vida de Viana do Castelo, a proximidade com a Galiza, com o rio e com o mar. No último decénio deixou o preto e branco e apostou na cor, num grafismo mais atraente, em novas técnicas de impressão, em notícias mais voltadas para o “cor de rosa”, para a sociedade, para aquilo que normalmente fascina os leitores muitas vezes cansados de tanta seriedade e a precisar apenas de um pouco de “magia” no que lêem. Na realidade, é a 13 de setembro de 1989 que começa a ser impresso no sistema de offset e a 20 de dezembro de 2000 que a primeira e última páginas começam a ser impressas a quatro cores e no tamanho normalizado, o tablóide.

E se *A Aurora do Lima* pode ser considerada um pedaço da história vianense, há outro jornal que também tem importância na realidade jornalística da cidade vianense. Com menos anos de existência e uma história bem mais curta, o *Falcão do Minho* não deixa de ser outro jornal lido pelos habitantes desta cidade e de outras cidades e vilas do Alto Minho, uma vez que abarca notícias de locais como Caminha, Esposende ou até mesmo Vila Nova de Cerveira, sem falar na importância atribuída à Galiza, Espanha.

Foi a 15 de outubro de 1987 que Manuel Fernandes decidiu criar o *Falcão do Minho* (ver anexo 4). Depois de exercer funções na Aliança Seguradora e de ter passado pelo *A Aurora do Lima*, decidiu apostar num jornal que fosse diferente, mais voltado para o Alto Minho e para a Galiza. Num espaço alugado, fundou o jornal que era montado em folhas A4, cortado à tesoura, colado com fita-cola até ter o formato de A3. Os trabalhadores tinham então que pegar numa máquina fotográfica, fechavam-se num anexo que existia também nesta casa e com arte e engenho, fotografavam o que apareceria depois no jornal. Muitas das vezes as fotos estragavam-se e o jornal acabava por ficar muito caro. Com o passar dos tempos surgiram novas tecnologias e diminuíram-se os custos. O *Falcão do Minho* passou a ser preparado diretamente no computador, para ser depois impresso e enviado para a gráfica.

Sustentado apenas pela publicidade e pelas assinaturas, o jornal teve que andar ao lado das novas tecnologias e por isso o proprietário decidiu apostar em 2005, na criação da TV Viana, uma televisão na internet, que acabaria por ser extinta após o falecimento de Manuel Fernandes, em 2010. Mas não foram estas as únicas ideias implementadas pelo fundador do jornal, para tentar contornar a baixa de edições nas bancas, a diminuição de assinantes e a quebra nas receitas provenientes de publicidade. Durante um determinado período de tempo, os leitores puderam consultar o jornal online, mas a ideia acabou por não prevalecer, uma vez que os leitores acabaram por preferir esta leitura gratuita ao jornal impresso, o que acarretou ainda mais prejuízos para a publicação. Uma estratégia que permitiu uma maior divulgação, mas que não trouxe lucro, o que fez com que o diretor decidisse suspender esta ideia.

O *Falcão do Minho* deixou de ser editado em 2010, com o falecimento do fundador, mas em meados de 2012 voltou a sair para as bancas, embora com alguma irregularidade.

Mas o que poderá fazer com que uma notícia seja publicada? Há vários fatores para que isto possa acontecer, mas será sempre de destacar o tema, o número de vezes

que se repete nos diferentes meios de comunicação social e que leva ao aparecimento de outras notícias semelhantes, o número de pessoas envolvidas e de jornalistas presentes no local. Uma tragédia que envolva centenas de pessoas tem mais impacto do que um acidente rodoviário com uma vítima mortal, uma vez que este último poderá interessar a quem vive no local e arredores e a quem conhece a vítima ou os envolvidos no acidente. Este poderá atingir uma proporção um pouco maior se estiverem presentes vários jornalistas no local, mas não conseguirá atingir a dimensão de uma tragédia que envolva centenas de pessoas.

6.2 - O noticiado n'A *Aurora do Lima*

6.2.1 - As notícias de 2005

Para chegarmos aos resultados que apresentamos neste trabalho analisamos as edições dos dois jornais publicadas durante o ano de 2005 e o primeiro semestre de 2013. Foram elaboradas duas tabelas onde foram colocadas as notícias que surgiram em cada um dos jornais e que identificavam as freguesias do concelho de Viana do Castelo. Foram também contabilizadas as notícias relacionadas com outros locais, para se proceder a uma análise comparativa.

Depois de ter contabilizado as notícias que apareceram nos dois jornais, no ano de 2005, percebemos que há ainda muitas freguesias que nunca são referidas em nenhuma das publicações. Uma falta que é menos visível n'A *Aurora do Lima*, pois e como já foi referido anteriormente, este jornal possuía na altura do início do estudo, 24 colaboradores que escreviam textos sobre as suas freguesias. Um dado que também é percecionado pela maior parte dos jornalistas inquiridos, já que oito deles, contra um, consideram que os dois jornais analisados não noticiam informação de todas as freguesias.

Quando começamos a analisar os dados, e pela perceção que tínhamos da imprensa regional e mais concretamente destes dois jornais, supunhamos que as notícias que eram publicadas relacionavam-se sempre com as mesmas freguesias, com maior destaque para as urbanas e para as rurais que se encontravam mais perto da cidade. Ideias que conseguimos fundamentar em parte depois de termos analisado os dados.

No caso d'*A Aurora do Lima*, há cinco freguesias que nunca são referenciadas: Freixieiro de Soutelo, Mazarefes, Meixedo, Subportela e Vilar de Murteda. Destas, apenas uma, Mazarefes, tinha correspondente no ano em análise.

Ao olharmos para o mapa do concelho de Viana do Castelo (ver anexo 8), depressa percebemos que Mazarefes e Subportela localizam-se a pouco mais de uma dezena de quilómetros da cidade, o que não acontece com as outras freguesias que também não foram referenciadas em 2005, neste jornal. Poderíamos então concluir que no caso de Mazarefes e Subportela não é a distância da cidade que faz com que os jornalistas não se interessem pelas notícias destes locais, já que em dias em que o trânsito flua normalmente conseguem chegar a estas freguesias, de automóvel, em menos de quinze minutos.

O que poderá contribuir então para este desinteresse? Um desinteresse assumido pelos jornalistas inquiridos, que acabam por atribuí-lo aos mais variados motivos. A maior parte deles atribui esta falha ao facto do jornalista não ter tempo para procurar as notícias nestes locais, mas também ao facto de as notícias de agenda se sobreporem muitas vezes às de investigação, os meios de comunicação social não possuírem meios para se deslocarem ao local e ainda a interesses do órgão de comunicação que impedem que se escrevam notícias relacionadas com estes locais. Apenas dois dos inquiridos consideram que este desinteresse se deve ao facto de não existirem fontes nestas freguesias que forneçam informação e outros dois consideram que não há nestes locais correspondentes que possam garantir esta informação. Há ainda quem considere que não há distinção entre opinião e jornalismo, existem poucos profissionais nas redações, falta dinamismo, o jornalista não tem vontade para pesquisar boas notícias, faltam leitores críticos que relembrem que é necessário falar desses temas e problemas. Há ainda quem considere que as associações locais não sabem o que fazer para que as suas atividades sejam divulgadas nestes jornais. Apenas um dos inquiridos considera que os jornais analisados conseguem noticiar a informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo. Identifica o Desporto, Crimes e Acidentes, Sociedade e Festas e Romarias como os temas que surgem com maior frequência.

Surgem depois outras questões que poderão levar a este desinteresse. De acordo com um dos jornalistas inquiridos, isto deve-se ao número reduzido de profissionais nas redações que acabam por não se interessar pelas freguesias que estão normalmente mais afastadas da cidade, do núcleo central. Há também quem considere que há falta de

dinamismo e de vontade do jornalista em pesquisar boas notícias, mas também faltam leitores críticos que lembrem a necessidade de falar desses temas e problemas.

A juntar a todos estes elementos temos também as questões geográficas, já que para chegar a estas localidades, vindo de Viana do Castelo, é preciso atravessar o rio Lima. Uma viagem que não é nada complicada, já que existem duas pontes, mas que acabam por quase que “tirar o ânimo” aos jornalistas, que preferem procurar as notícias nas freguesias próximas da cidade e até mesmo na próxima cidade. Nas suas rotinas diárias, estes profissionais estão em maior contacto com a cidade e com as freguesias urbanas, o que faz com que se apercebiam melhor da realidade destes locais. É aqui que fazem as refeições, é neste local que passam a maior parte do tempo livre com os amigos, é nesta cidade que estão os bancos, as finanças, o tribunal, a câmara municipal e todas as outras instituições públicas onde podem ser recolhidos temas para uma notícia. Sem esquecer que é também na cidade onde se concentram a maior parte das atividades lúdicas e culturais como espectáculos musicais, feiras do livro, de gastronomia, o teatro, o cinema e um grande número de atividades que podem ser sempre noticiadas. Nos espaços rurais também há várias manifestações populares, muitas festas e romarias, mas parecem não ser motivo suficiente para que estes jornalistas se desloquem a este local. Em todas as freguesias há pelo menos um santo que é venerado pelas populações, que todos os anos promovem uma festa ou romaria para o recordar. É verdade que estas festas e romarias acabam por ser normalmente regidas pelo mesmo programa que integra bandas de música, grupos folclóricos, grupos de música popular portuguesa, fogo de artifício e as manifestações religiosas como a procissão e as missas, o que faz com que percam o interesse para os jornalistas. Mesmo assim, estes não se deveriam esquecer que são estas as notícias que interessam às pessoas que vivem nestas freguesias e nas vizinhas. Afinal, o povo desta região ainda continua a apreciar um baile de S. João ou Santo António, a Senhora das Neves ou a Senhora da Peneda. O religioso alia-se aqui ao profano, uma mistura que chama centenas de pessoas a cada uma destas manifestações de alegria popular.

Se olharmos para as freguesias que não foram referenciadas neste jornal em 2005, vemos que em Mazarefes, por exemplo, promovem-se festas em honra de Nossa Senhora da Boa Hora e S. Simão da Junqueira. Em Subportela assinala-se o S. João Novo, o Santo Amaro e o S. Brás. No caso de Freixieiro de Soutelo festeja-se a Senhora da Cabeça, S. Sebastião e S. Pedro, em Meixedo, a Senhora da Conceição, Santo

António e S. Paio e em Vilar de Murteda, S. Miguel e Santo António. Não serão estas festividades motivo para uma referência num jornal regional ou local, mesmo que seja uma informação breve a anunciar o que vai acontecer nestes locais? Não é esta vertente social uma das mais importantes nesta imprensa que deve ser de proximidade? Pensamos que sim. O que acaba por acontecer é que os jornalistas são obrigados a dar prioridade a outras informações, porque não conseguem noticiar tudo o que existe. As redações funcionam com poucos profissionais, que não conseguem ir a todos os locais. Como estas festas e romarias acabam por acontecer com maior frequência no verão e muitas delas em simultâneo, estes profissionais da comunicação não conseguem gerir a agenda de forma a conseguir marcar presença em todas. Esta foi aliás uma ideia apresentada pelo jornalista Miguel Rodrigues, do *Falcão do Minho*, que referiu que um jornalista organiza a agenda “com um esforço sobre humano e com perda de qualidade da informação, nomeadamente creio que cai por terra logo as grandes reportagens. É uma das questões que não existe atualmente na imprensa regional distrital ou raramente se vê, exactamente porque não há tempo para as fazer. Existe também obrigatoriamente, e porque o jornalista está condicionado à questão do tempo, uma demasiada colagem à agenda oficial e institucional. Isso é extremamente negativo, não há espaço para que o jornal possa pensar por si, não há tempo nem recursos humanos para que o jornal possa pensar por si”. Por outro lado, é difícil “ter a percepção do que se vai passando nas freguesias a nível local. As juntas não têm assessorias como as câmaras municipais que fazem um trabalho muito intenso a nível de assessoria e de transmissão de informação. Por isso, esta chega-nos mais rapidamente e quantitativamente das autarquias do que das próprias freguesias”, referiu o jornalista (entrevista: 2006).

Para tentar superar esta falha, *A Aurora do Lima* aposta nos correspondentes. Nota-se que muitas das freguesias noticiadas em 2005 têm correspondentes, o que não acontece no *Falcão do Minho*, pois muito embora o jornal abra as portas a estes colaboradores, nem sempre há pessoas interessadas em assumir esta responsabilidade. Por outro lado e de acordo com o jornalista Miguel Rodrigues surge uma outra falha, já que “a direcção podia fazer um maior esforço para conseguir cativar mais colaboradores” (entrevista: 2006). O que se pode ver e olhando para a forma de funcionamento da imprensa regional, é que a maior parte destes correspondentes não possui nenhuma formação a nível de jornalismo e acaba muitas vezes por escrever textos mais literários do que jornalísticos. Textos que podem ser tendenciosos e

favorecedores, pois estes correspondentes são muitas vezes amigos ou conhecidos dos presidentes de junta e de outras autoridades e personalidades da freguesia e nem sempre transmitem as notícias mais negativas. Nota-se então falta de rigor e isenção jornalísticos na maior parte das páginas regionalistas destes jornais. São textos de elevado valor literário, mas com pouco valor jornalístico. Será então questionável a importância destes correspondentes: se por um lado garantem a informação da sua freguesia e fazem com que esta seja referenciada no jornal, permitindo que este poupe dinheiro ao não precisar de encaminhar para lá um jornalista, por outro nota-se que a informação que surge aqui acaba por pouco interessar em termos jornalísticos. Refiro por exemplo, a informação que aparece muitas vezes relacionada com casamentos, baptizados ou até mesmo funerais. Um jornalista só escreve uma notícia deste género em casos excepcionais, como por exemplo quando morre uma personalidade da freguesia. É aqui que os correspondentes acabam por desempenhar este papel de aproximação ao povo, aos verdadeiros leitores, ao público-alvo. “Normalmente as freguesias são faladas pelos maus motivos e não pela positiva. Há freguesias que surgiram numa altura e não apareceram mais”, diz Miguel Rodrigues, jornalista do *Falcão do Minho*, que justifica assim o facto de os jornalistas não procurarem informação nas freguesias (entrevista: 2006). Mas a verdade é que são estas as notícias as mais procuradas pelos emigrantes. Ao lerem estes textos sentem-se mais próximos da sua terra natal, retiram daqui informação para uma conversa com o vizinho que também está longe de casa e que também precisa de ouvir falar de Portugal, para atenuar as saudades de tudo o que está longe.

E se os correspondentes podem ser uma forma de transmissão do que acontece nestas freguesias, há outras estruturas que também poderão contribuir para esta circulação de informação. Em praticamente todos estes locais existem associações culturais, sociais e desportivas, uma igreja, que também pode fornecer algumas informações já que desenvolve diversas atividades que interessam à população e uma junta de freguesia que acaba sempre por desenvolver algumas obras e outras atividades lúdicas, sociais e culturais. Também nestes casos se nota que a passagem de informação nem sempre funciona. A maior parte dos autarcas estão mais empenhados na infra-estruturação das suas freguesias do que em enviar informação para a comunicação social. No caso de Freixieiro de Soutelo, uma freguesia com 560 habitantes (dados dos Censos de 2001 - ver anexo 12), que se localiza a cerca de 18, 8 km da cidade e onde

existe uma colectividade (ver anexo 11), o Clube Soutelense de Desporto e Cultura, o presidente da junta confessou em 2006 que nunca falou com nenhum jornalista, mas acrescentou que o fará se sentir necessidade disso. Uma opinião completamente diferente tem o autarca de Vilar de Murteda, uma freguesia com 247 habitantes que se localiza a 20, 8 km da cidade, que foi peremptório em afirmar que não tenciona contactar os jornalistas dos dois jornais analisados para transmitir qualquer tipo de informação. Já no caso de Mazarefes uma freguesia com 1396 habitantes localizada a 9, 2 Km da cidade, o presidente da junta comentou que mantém um contacto regular com o correspondente d'*A Aurora do Lima*, a quem pede muitas vezes para tirar fotografias a uma determinada obra. Esta é uma freguesia que está localizada perto do centro da cidade e onde existem duas associações: o Centro de Atletismo e a Associação Social, Cultural e Desportiva de Mazarefes, que mesmo assim acabam por não informar alguns dos órgãos de comunicação sobre as atividades que desenvolvem anualmente. No caso de Subportela, uma freguesia com 1337 habitantes localizada a 14 km da cidade, o presidente da junta diz que está interessado em contactar com os meios de comunicação com “responsabilidade, verticalidade e honestidade”. Também aqui existe apenas uma associação, a Associação Desportiva, Cultural e Social de Subportela, que acaba por transmitir a sua informação no boletim que distribui pela freguesia, não indo muito além desta área geográfica.

De acordo com o estudo efectuado, há mais uma freguesia que também não é referenciada durante o ano de 2005, no jornal *A Aurora do Lima*. É o caso de Meixedo, uma das freguesias menos populosas do concelho de Viana do Castelo, com apenas 490 habitantes que dividem os tempos livres entre o Clube Desportivo de Meixedo e outras atividades lúdicas. Para o autarca desta freguesia localizada a 18,6 km da cidade, a função de transmissão de informação é dos jornalistas e não do autarca e é esta a razão que faz com que se afaste e atribua pouca importância a isto. “Acho que é missão deles, não é minha. A minha missão é desenvolver a freguesia”, referiu na entrevista efectuada em 2006 e que serviu de base a este trabalho.

Concluimos então que das freguesias que nunca foram referenciadas neste jornal durante o ano de 2005, apenas Mazarefes está a menos de dez quilómetros da cidade. Apesar de tudo, as outras freguesias em falta localizam-se todas a menos de 25 quilómetros, uma distância que não demora mais de meia hora a percorrer de automóvel, o que não nos parece ser motivo suficiente para que os jornalistas não se

desloquem a este local. Quanto ao número de habitantes, três delas (Vilar de Murteda, Freixieiro de Soutelo e Meixedo) são das menos populosas, com menos de mil habitantes, o que poderá fazer com que não seja fácil para os meios de comunicação encontrarem correspondentes ou até mesmo fontes dispostas a fornecer informação. Nota-se então que a transmissão e informação acaba por depender muito dos próprios órgãos políticos e sociais destas freguesias. Se estes não estão interessados em entrar em contacto com os meios de comunicação, os próprios jornalistas quase que se “esquecem” de muitas destas freguesias, muitas delas geograficamente distantes da cidade. Surge também uma outra vertente que se prende com o facto de muitas vezes até surgir uma ou outra ideia que acaba depois por ser difícil de confirmar no local, porque não há fontes que a confirmem. O próprio jornalista pode saber de um ou outro tema que até poderá ter interesse para o jornal para onde trabalha, mas ao dirigir-se à freguesia, ao tentar contactar as fontes que o poderão ajudar a compor a notícia, pode deparar-se com fontes que não estão interessadas em fornecer estes dados. É mais uma barreira que nem sempre é fácil de transpôr.

Hoje há uma maior oferta de notícias e por isso os jornalistas nem sempre procuram temas novos ou “furos jornalísticos”. Cada vez há mais notícias, que são muito rapidamente difundidas através dos novos meios de comunicação, das redes sociais, dos portais de notícias. E se estas freguesias forem referenciadas nos órgãos de comunicação social, serão mais conhecidas, conseguirão um maior destaque e terão o seu momento de glória, mesmo que seja curto. Para os habitantes destes locais é sempre importante ver a sua terra aparecer nas notícias, no jornal que lhes chega às mãos todos os dias, naquele que mais admiram e que até podem ler quando se deslocam ao café da localidade.

Se olharmos para as freguesias que foram mais referenciadas, concluímos que há diversas características que ajudam nesta referenciação. O facto de estarem próximas da cidade, de possuírem várias associações ou entidades culturais e desportivas e até mesmo o facto de o jornal possuir correspondentes locais que escrevem regularmente acaba por influenciar o número de notícias que surgem anualmente. Mas há exceções. N^o *A Aurora do Lima*, por exemplo, há três freguesias, Monserrate, Meadela e Santa Maria Maior, que estão entre as mais populosas e próximas da cidade, mas nem por isso são das mais noticiadas.

Monserate, por exemplo, é a freguesia que está mais próxima do centro da cidade (localiza-se a 1,4 quilómetros), é das mais populosas (5.637 habitantes) e é aqui que se desenrolam as festas da cidade, a Romaria de Nossa Senhora da Agonia. É também aqui que se localiza uma das duas escolas secundárias da cidade, dois pólos do Instituto Politécnico de Viana, o hospital, Câmara Municipal, teatro, PSP, os estaleiros navais, entre outras entidades. No período analisado contabilizamos apenas 13 notícias relacionadas com esta freguesia, o que contraria a tendência que observamos.

Em posição semelhante surge a freguesia da Meadela localizada a 3,4 quilómetros e a segunda mais populosa do concelho (8.685 habitantes). Também esta é uma freguesia urbana onde existem várias associações como a Associação de Moradores da Cova e de Portuzelo, o Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela e a Ronda Típica da Meadela. Estes dois grupos folclóricos organizam anualmente um festival de folclore e um cortejo etnográfico durante as festas em honra de Santa Cristina, que são sempre motivo de reportagem e que permitiram que esta freguesia fosse citada 47 vezes no período analisado em 2005. Quase a meio da tabela surge a freguesia urbana de Santa Maria Maior, a mais populosa do concelho (9.940 habitantes) e localizada a pouco mais de dois quilómetros da cidade. Também aqui existe uma escola secundária, um pólo do Instituto Politécnico, o mercado municipal, o estabelecimento prisional e outras entidades que praticamente não foram referenciadas, uma vez que esta freguesia surgiu apenas nove vezes no período analisado.

O que poderá justificar então estas exceções? Na análise que fizemos a este jornal contabilizamos 607 notícias relacionadas com Viana do Castelo, mas onde não era identificada nenhuma freguesia em particular. São notícias de acontecimentos que decorreram no centro da cidade, nas cidades urbanas, mas onde não se identificava o nome da freguesia, mas que decorreram nas quatro freguesias urbanas: Darque, Monserate, Santa Maria Maior e Meadela, com mais enfoque para as últimas três. Dados que tornam mais complicada a contagem, mas que nos permitem concluir que as freguesias mais próximas da cidade são as mais noticiadas, se bem que não são referenciadas de forma direta.

Destacamos ainda outra exceção, a freguesia de Chafé, localizada a 7 quilómetros da cidade e possui 2.507 habitantes. Apesar de se localizar entre as dez mais populosas do concelho de Viana do Castelo e de possuir quatro associações (Associação Cultural, Desportiva, Columbófila e de Caçadores) não foi além das duas

notícias publicadas. Apesar de tudo, esta é uma freguesia com caráter um pouco mais rural do que as citadas anteriormente, o que poderá ter contribuído para este desinteresse por parte do jornal em causa.

De resto, no caso d'A *Aurora do Lima* há duas freguesias que se destacam: Castelo do Neiva e Cardielos que acumulam 143 e 139 notícias, respetivamente. No caso de Castelo do Neiva, uma freguesia muito ligada à pesca e onde encontramos o Grupo Cultural e Recreativo de Castelo do Neiva e o Grupo Desportivo Castelense, notamos que predominam as notícias ligadas a estas entidades. Esta é uma freguesia que se localiza a pouco mais de dez quilómetros da cidade e está entre as dez mais populosas do concelho (3.203 habitantes). Já a outra freguesia, Cardielos, localiza-se a menos de dez quilómetros da cidade, mas é menos populosa, já que tem 1.279 habitantes e três associações: a Associação Cultural e Recreativa de Cardielos, o Grupo Folclórico das Bordadeiras de Cardielos e o Grupo Lírios do Campo, que contribuíram para este volume noticioso.

Na tabela das freguesias mais referenciadas surge-nos Barrocelas, com 63 notícias e Santa Marta de Portuzelo, com 52. São duas freguesias bastante populosas, já que Barrocelas tem 3.799 habitantes e Santa Marta de Portuzelo, 3.812 habitantes. Neste local existem três grupos associativos: o Grupo Folclórico, o Grupo de Bombos e a Associação Cultural e Desportiva. Quanto à distância da cidade, Santa Marta localiza-se a pouco mais de seis quilómetros, facilitando a troca de notícias e a deslocação dos jornalistas a este local. Já Barrocelas ultrapassa os quinze, mas como é uma vila onde existem várias associações (Banda Velha de Barrocelas, Banda dos Escuteiros de Barrocelas, Conferência Vicentina, Sociedade de Columbofilia, Grupo Cénico de Barrocelas, Grupo de S. Paulo, Núcleo Desportivo de Barrocelas, Associação Desportiva de Barrocelas, Centro Social e Cultural de Barrocelas, Coral Polifónico de Barrocelas e Associação Vale do Neiva), surgem vários motivos de reportagem.

Seguem-se Vila Nova de Anha (48 notícias), Meadela (47), Afife (33), Darque (29), Serreleis (28), Perre (27), Neiva (26), Amonde (25), Vila Franca (23), Carvoeiro (20), Areosa (15), Torre (14), Monserrate (13) e Outeiro (11).

Em seguida surgem Carreço e Santa Maria Maior, com nove notícias, Vila Fria, Deocriste e Santa Leocádia de Geraz do Lima, com oito, Montaria (5), Alvarães (4), Lanheses e Mujães (3), Chafé, Santa Maria de Geraz do Lima, Moreira de Geraz do Lima (2), Vila de Punhe, Deão, Nogueira, Portela Suzã e Vila Fria (1).

Depois de analisados os dados relacionados com 2005 e como só concluímos este trabalho em 2013, optamos por analisar os seis primeiros meses deste último ano.

As conclusões são apresentadas a seguir.

6.2.2 - As notícias de 2013

Quando retomamos este trabalho em 2013 decidimos analisar o que estava a ser noticiado nos dois jornais, principalmente porque já tinham passado oito anos desde o início do nosso estudo e pretendíamos saber se ainda existiriam freguesias do concelho de Viana do Castelo que não eram focadas nos jornais *A Aurora do Lima* e *O Falcão do Minho*.

Começamos por contabilizar as notícias que surgiram nestas duas publicações durante o primeiro semestre de 2013 e elaboramos tabelas. Em seguida comparamos os dados recolhidos nos dois anos em cada um dos jornais e procedemos à respetiva comparação. Salientamos aqui o facto de termos analisado apenas os seis primeiros meses de 2013, o que implicou que fizéssemos uma análise comparativa dos dados dos dois jornais, relacionados com o primeiro semestre de 2005 e 2013.

No caso d'*A Aurora do Lima* identificamos uma mudança de grafismo. Em 2013 (e ressaltamos o facto de só termos analisado os seis primeiros meses e não a totalidade do ano) surgem menos artigos de opinião e começam a surgir mais notícias relacionadas com outros concelhos do distrito e de outros distritos. A proximidade com a Galiza continua a proporcionar a redação de algumas notícias, mas apenas de eventos que interessem aos dois países.

Se passarmos à análise do que foi noticiado n'*A Aurora do Lima* entre os meses de janeiro e junho de 2013 percebemos que há quatro freguesias do concelho de Viana do Castelo que não são referidas: Deão, Freixeiro de Soutelo, Santa Maria de Geraz do Lima e Vilar de Murteda. São freguesias com menos de mil habitantes e localizadas a mais de quinze quilómetros da cidade, dois motivos que poderão ter contribuído para o facto de não terem sido referidas no período em estudo. Por outro lado, são freguesias onde não existe correspondente o que contribui para este factor (ver anexo 2). Quando comparamos estes dados com os recolhidos em 2005 percebemos que nos seis primeiros meses deste ano não foram referidas oito freguesias – Freixeiro de Soutelo, Mazarefes, Meixedo, Subportela, Vilar de Murteda, Lanheses (só foi notícia em Julho), Nogueira

(noticiada apenas em Novembro) e Vila de Punhe (noticiada em Novembro). Em 2013 o número baixou para quatro, pois aumentou o número de correspondentes e há apenas duas freguesias que coincidem com as que não foram referidas em 2005: Freixieiro de Soutelo e Vilar de Murteda, duas das freguesias menos populosas do concelho.

No período em análise este jornal tinha correspondentes em 31 freguesias do concelho de Viana do Castelo e em concelhos como Paredes de Coura, Caminha e Ponte de Lima, o que permitiu aumentar o volume de notícias relacionadas com estes locais.

A cidade de Viana do Castelo continua a estar em destaque nos seis primeiros meses de 2013 e se compararmos com os dados de 2005, nota-se um aumento muito significativo das notícias relacionadas com a cidade e que não referem nenhuma freguesia específica. Contabilizadas as notícias, em 2005 a cidade de Viana do Castelo foi referida 552 vezes neste jornal. Os números aumentam em 2013 onde surgem 553 referências apenas nos seis primeiros meses do ano. Nota-se então uma grande aposta nas notícias mais relacionadas com o centro da cidade, tal como prevíamos no início deste trabalho. Uma aposta que acaba por ser muito clara quando analisamos as restantes notícias. A freguesia mais noticiada é Darque, que chega às 66 notícias, ficando muito longe das 553 relacionadas com a cidade. É uma diferença considerável que prova que o jornal aposta mais nos acontecimentos que lhe estão mais próximos. A sede do jornal localiza-se no centro da cidade, o que facilita a deslocação do único jornalista que trabalha neste jornal. O facto de também ele viver no centro da cidade acaba por contribuir para uma maior divulgação das notícias deste local. É mais fácil deslocar-se ao teatro ou à câmara municipal do que ir até uma freguesia mais distante. O próprio jornal acaba por poupar dinheiro se o jornalista conseguir fazer a cobertura dos acontecimentos sem recorrer a transportes. É uma poupança de verbas e de tempo, pois este chega mais rapidamente à redação para redigir a notícia.

No que diz respeito a notícias do concelho, vemos que Subportela surge logo a seguir na tabela, com 37 notícias. É de destacar aqui o facto de esta ter sido uma das freguesias que nunca foi referida em 2005. Nos primeiros meses de 2013 surge entre as mais noticiadas devido ao trabalho desenvolvido pelo correspondente. E a verdade é que o trabalho dos correspondentes influencia muito a quantidade de notícias que são publicadas neste jornal. A maior parte das freguesias onde existe correspondente são normalmente as que constribuem com um maior volume noticioso. É o caso da Meadela (34 notícias), Castelo do Neiva (28), Lanheses (27), Afife (26), Barrocelas (24), Santa

Marta de Portuzelo (23), Carreço (22), Chafé (22), Perre (21), Vila Fria (18), Cardielos (17), Areosa (16), Vila Nova de Anha (15) e Vila Franca (10). Há depois o caso de Alvarães (9), Amonde (9), Nogueira (8), Outeiro (8), Deocriste (5), Santa Leocádia de Geraz do Lima (4), Mazarefes (4), Torre (4), Neiva (4), Vila de Punhe (4), Moreira de Geraz do Lima (3), Vila Mou (3) e Meixedo (1) onde o jornal também possui correspondentes, mas que contribuíram com menos de dez notícias no primeiro semestre de 2013.

O que também percebemos neste ano e que é uma inovação em relação a 2005 é o facto de agora se destacarem mais outros concelhos do distrito de Viana do Castelo. Vila Nova de Cerveira surge no cimo da tabela dos locais mais noticiados com 40 notícias, mas também são referidas várias notícias de diversos locais da região (20), da Galiza (17), de Ponte de Lima (14), Caminha (11), Madeira/Açores, Vila do Conde, Melgaço, Monção, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, entre outros. Vila Nova de Cerveira, Ponte de Lima e Caminha possuem correspondentes que garantem esta informação e permitem que as suas terras sejam noticiadas no jornal em análise.

Quando comparamos estes dados com os recolhidos em 2005 verificamos que Vila Nova de Cerveira e Caminha já eram dois locais muito noticiados com 181 e 163 notícias respetivamente. Já nesta altura possuíam correspondentes, que facilitavam a circulação de informação entre os concelhos. Estes dois concelhos surgiam mesmo antes das freguesias de Viana do Castelo.

A primeira freguesia a surgir é Castelo do Neiva com 143 notícias, muito distantes das 552 relacionadas com a cidade, mas sem qualquer alusão a uma freguesia específica. Já a Galiza foi referida apenas uma vez e não surge qualquer notícia sobre as ilhas, Vila do Conde ou outros locais da região, algo que aconteceu em 2005.

6.3 - O noticiado no *Falcão do Minho*

6.3.1 - As notícias de 2005

No *Falcão do Minho*, a escolha de notícias é muito diferente. Com um suplemento de Vila Nova de Cerveira, o jornal aposta em informações da Galiza, Esposende, Caminha, Monção e outros municípios, em detrimento das notícias do concelho de Viana. Não quer isto dizer que não haja aqui espaço para a informação vianense. Ela também surge, mas acaba por se misturar com a que surge de outros locais do país mais ou menos distantes da cidade vianense. Uma escolha do diretor do jornal, feita desde o início do jornal, para “ocupar um espaço que não existia, alargando o jornal semanário mais à Galiza e para fora do Alto Minho e depois havia de cobrir mais intensamente com o Correio de Cerveira e o Correio da Ribeira Lima. A finalidade era entrar mais no Baixo Minho”, comentou Bernardo Barbosa (entrevista: 2006). Uma ideia defendida também pelo jornalista Miguel Rodrigues, que diz que “o *Falcão do Minho* quer ser mais alargado na sua intervenção. O subtítulo diz que é um semanário para o Minho e para a Galiza, por isso não será anormal a presença de notícias da Galiza num jornal que se propõe a isso. Alargar a Esposende tornou-se mais pertinente com a criação da Valimar” (entrevista: 2006).

No caso deste jornal temos oito freguesias que não são referidas durante o ano de 2005. Falo de Carvoeiro, Castelo do Neiva, Outeiro, Serreleis, Torre, Subportela, Amonde e Vilar de Murteda. Apenas Subportela e Vilar de Murteda coincidem com o outro jornal analisado. Podemos aqui concluir que o facto de as outras freguesias não serem referenciadas acaba por ser uma opção editorial e nunca uma falta de informação, pois se aparecem num jornal, também poderiam ser noticiadas no outro. Mesmo que esta notícia apareça n’*A Aurora do Lima* graças ao trabalho de um correspondente, o outro jornal concorrente também poderia investigar este tema e até poderia publicá-lo de uma forma diferente. No caso de uma festa popular ou romaria, por exemplo, se *A Aurora do Lima* referir apenas o programa, o *Falcão do Minho* pode ir até ao local e fazer uma pequena reportagem sobre o que aconteceu nesta manifestação popular. Com algumas fotografias, notas históricas e alguns testemunhos de quem passou pela festividade, do pároco, do presidente da comissão de festas e até mesmo do próprio presidente da junta consegue uma notícia completamente diferente da publicada no

jornal rival e que consegue igualmente cativar os leitores. Basta um pouco de imaginação e empenho para conseguir até mesmo uma pequena reportagem que acabará por ser depois muito lida e comentada por todos os que vivem na freguesia e nas freguesias vizinhas.

Sabemos no entanto, que este tipo de trabalho obriga a que o jornalista tenha muita disponibilidade para passar pelo local, procurar as fontes, esperar pelos momentos mais importantes para fotografar e depois disto ordenar o material recolhido e escrever a notícia. Um trabalho que acaba por não compensar às redações pequenas, com poucos jornalistas que nem sempre podem abdicar de um fim-de-semana para este tipo de trabalho. Se nesse fim-de-semana acontecer um acidente grave noutra freguesia, será preferido pelo jornalista, pois este sabe que há mais leitores interessados num acidente do que numa festa. É preciso escolher. E é ao jornalista que cabe esta tarefa difícil.

Se olharmos então para as freguesias que nunca são referenciadas durante o ano de 2005 percebemos que a maior parte delas localiza-se a mais de dez quilómetros da cidade (com exceção de Serreleis). Três delas (Torre, Amonde e Vilar de Murteda) têm menos de mil habitantes, há mais quatro que não chegam aos 1300 (Carvoeiro, Outeiro, Serreleis e Subportela) e apenas uma, Castelo do Neiva ultrapassa os três mil habitantes. Poderíamos entender o desinteresse por serem freguesias menos populosas, com exceção de Castelo do Neiva e por estarem um pouco mais afastadas do centro da cidade, também aqui ressaltando a exceção de Serreleis. Apesar de tudo, esta freguesia já é considerada rural, o que poderá contribuir para esta falta de interesse no que de noticiável acontece neste local. A freguesia de Castelo Neiva apesar de ser rural é das mais populosas do concelho. Este acabou por não ser motivo para ser referida neste jornal durante o período analisado. Nem mesmo o Grupo Cultural e Recreativo de Castelo do Neiva e o Grupo Desportivo Castelense ou o Rancho Folclórico de Castelo do Neiva conseguiram cativar a atenção dos jornalistas deste jornal, que não encontraram tema de notícia na freguesia. Com mais de 3 mil habitantes e festividades em honra de Nossa Senhora de Guadalupe e Nossa Senhora dos Emigrantes, Castelo do Neiva ficou esquecida no tempo para este jornal de Viana do Castelo. O mesmo aconteceu com Outeiro, com 1.271 habitantes e umas quantas colectividades como o Centro Desportivo e Cultural de Outeiro, Associação de Garranos e Barrosã, Associação de Caçadores e Escola de Música de Outeiro. As festas de S. José, Santo António, Nossa Senhora do Rosário e S. Martinho poderiam ser também um bom motivo para

que esta freguesia fosse referenciada neste jornal, o que acabou por não acontecer. Para tentar remediar esta situação e por achar que a relação entre jornalistas e autarcas é importante, o presidente de junta desta freguesia diz que vai tentar melhorar a comunicação com o correspondentes d'A *Aurora do Lima*, aquele que está mais próximo e que conhece melhor. Não refere o *Falcão do Minho* e leva-nos a concluir que não é uma fonte muito solicitada pelo correspondentes d'A *Aurora do Lima*, pois como foi referido anteriormente, Castelo do Neiva surgiu como a freguesia mais noticiada neste jornal.

Passamos depois a uma outra freguesia, Serreleis. Com 1.041 habitantes, um Centro Sócio-Cultural e Polidesportivo de Serreleis e Associação Cooperativa Bordados do Lima e um grupo folclórico poderia ter aparecido no jornal, o que não aconteceu durante o período analisado. Outra das fontes de informação poderia ter sido a junta de freguesia, que acaba por ter sempre mais motivos para tentar uma aproximação com os meios de comunicação social. A este propósito e questionado sobre a forma como pretende manter o contacto com os órgãos de comunicação social analisados até ao final do mandato, o presidente da junta afirmou que gostaria que o jornal *A Aurora do Lima* procurasse outro correspondente, já que o que existe nesta freguesia pouco contribui para a divulgação das notícias da terra. Também neste caso não houve nenhuma referência ao *Falcão do Minho* e também aqui percebemos que o autarca não tem a perceção correta do que é publicado, uma vez que esta freguesia está entre as dez mais noticiadas n'A *Aurora do Lima*. O autarca comentou ainda que “há muitas coisas que poderiam ser publicitadas, mas este é um trabalho que não pode ser feito por ele, pois afirma não poder fazer tudo. Na opinião deste autarca, “há associações que também se poderiam mexer”. Resta ainda acrescentar que nesta freguesia veneram-se três santos: S. Brás e S. Roque e S. Pedro.

No que diz respeito à freguesia de Torre, esta tem 660 habitantes e várias associações como o Torre Sport Clube, Cultura e Animação de Torre, a Associação Juventude e Alegria de Torre e o Rancho Folclórico de Danças e Cantares de Torre. Nas alturas das festas e romarias, festejam Nossa Senhora do Corporal, Senhor do Socorro e Senhora das Dores. Motivos mais do que suficientes para que esta freguesia tivesse sido referenciada se algum dos jornalistas tivesse sido contactado por alguma fonte ou se se tivesse interessado em ir a este local procurar algum tipo de informação, o que não aconteceu. Também neste caso o presidente da junta da altura referiu que não iria

fornecer informações aos jornais, deixando esta tarefa para o correspondente d'A *Aurora do Lima* a escrever estas notícias. Um autarca, que à semelhança de muitos outros entrevistados, se recusa a enviar informação aos meios de comunicação locais ou regionais, por achar que esta não é a sua função e que não refere o *Falcão do Minho*. Sem fontes no local, como é que os jornalistas poderão saber o que acontece aqui? Será que vão ter oportunidade de “palmear” todos os caminhos do concelho? Na realidade não é isso que acontece.

No caso de Carvoeiro, com 1.239 habitantes, a Associação Cultural e Desportiva de Carvoeiro e festividades em honra de S. Brás, Santa Ana, Santa Justa e Santo Amaro, encontramos um autarca que está disposto a contactar os jornalistas, “se sentir necessidade de o fazer. O jornalista poderá procurar alguma notícia. Não estou fechado ao contacto, mas sou um pouco adverso a essas situações, porque um autarca deve fazer o trabalho sem se preocupar com a divulgação nos meios de comunicação” (inquérito 2006).

A última freguesia que não aparece referenciada no jornal, é Amonde. Uma freguesia com 344 habitantes, onde existe a Associação Cultural Recreativa e Desportiva de Amonde e festividades em honra de Senhora das Necessidades e Santa Quitéria. Neste caso, o presidente da junta confessa que não recorre aos meios de comunicação para transmitir qualquer tipo de informação. Deixa esta tarefa para o correspondente d'A *Aurora do Lima* (não refere o *Falcão do Minho*), que como é natural, apenas escreve para este jornal, deixando de lado os outros jornais locais ou regionais.

Em conclusão, constatamos que no caso deste jornal a falta de notícias relacionadas com estas freguesias deve-se essencialmente a políticas editoriais, mas também ao facto de não existirem correspondentes e de as possíveis fontes (autarcas, associações) não estarem interessadas ou informadas sobre a forma como podem transmitir as suas informações. Neste caso, as freguesias que não são referidas estão um pouco distantes do centro da cidade, com exceção de Serreleis, que fica mais perto da cidade, mas já é considerada uma zona rural, um motivo que poderá tornar esta freguesia menos importante para o jornal.

6.3.2 - As notícias de 2013

Entre 2005 e 2013, o *Falcão do Minho* passou por várias mudanças. Com o falecimento do proprietário, que tinha sido também o fundador, o jornal deixou de sair para as bancas, só voltando a ser publicado no mês de Agosto de 2012 e de uma forma irregular.

Mudou de proprietário, mas mesmo assim continua a apostar mais nas notícias do distrito do que nas do concelho. Nota-se uma maior predominância de notícias de âmbito mais geral relacionadas com a cidade de Viana do Castelo, mas onde não são especificadas freguesias. São notícias que dizem respeito às instituições que se localizam na cidade como o hospital, os estaleiros navais, o instituto politécnico, entre outras. De destacar ainda que há algumas freguesias do concelho que só são referidas por possuírem equipas assíduas nas competições desportivas. Neste caso assinalamos ainda a existência de três jornalistas, quatro colaboradores e dois cronistas.

Numa análise mais detalhada constatamos que o *Falcão do Minho* está em 2013 com uma edição irregular. Analisamos os seis primeiros meses do ano e percebemos que este foi publicado apenas entre janeiro a abril. Nestes meses notou-se uma predominância de notícias relacionadas com a cidade de Viana do Castelo (102), sem terem sido identificadas diretamente as freguesias, mas sim as instituições que desenvolveram atividades consideradas noticiáveis pelos jornalistas e editores deste jornal. Constatou-se ainda a atribuição de maior importância a notícias do distrito e não do concelho com destaque para concelhos como Ponte de Lima (39 notícias), Ponte da barca (24), Caminha (20), Vila Nova de Cerveira (18), Arcos de Valdevez (16), Monção (12), Esposende (12), Melgaço (11) e Valença (10). Uma escolha que poderá ser influenciada pelo facto de a maior parte das notícias deste jornal serem redigidas por um jornalista que também trabalha para órgãos de comunicação social de âmbito nacional e a quem interessa mais publicar notícias de âmbito mais geral relacionadas com a atividade das Câmaras Municipais, principais estabelecimentos de ensino, entre outros. São notícias que são publicadas nestes órgãos de comunicação nacionais e que são depois publicadas neste jornal, numa tentativa do jornalista rentabilizar esforços, tempo e dinheiro.

No período analisado este jornal saiu para as bancas uma vez em janeiro (dia 21), três em fevereiro (dias 4, 11 e 18), duas em março (dias 4 e 25) e uma em abril (dia

8). São sete edições onde não é dada muita importância às freguesias do concelho de Viana do Castelo.

Constatamos que a freguesia que é mais referida é a de Lanheses com oito notícias, segue-se a da Meadela, Moreira de Geraz do Lima e Vila Fria com seis, Chafé e Perre com cinco, Barroelas e Vila de Punhe com quatro, Darque, Santa Maria Maior e Vila Franca com duas e Areosa, Deão, Mujães e Outeiro com uma. Destacamos aqui que as freguesias com oito, seis e cinco referências possuem clubes desportivos que são muito divulgados o que contribui para esse volume de notícias. De facto, constatamos que muitas das notícias que surgem sobre as freguesias do concelho dizem respeito a eventos desportivos, uma aposta que o jornal fez e que não era tão evidente na análise feita em 2005, se bem que já nessa altura se notasse um grande interesse pela componente desportiva, pelos jogos efetuados principalmente pelas equipas de futebol do concelho e do distrito.

Outro dos fatores a destacar prende-se com o facto de durante o período analisado, o jornal não ter referido 25 freguesias. Um número significativo se tivermos em consideração o facto de o concelho possuir 40 freguesias. Ressalvamos no entanto que estamos a analisar apenas seis meses, quando anteriormente analisamos todo o ano de 2005.

Haverá então muita diferença entre as freguesias que nunca foram notícia nos primeiros seis meses de 2005 e no período homólogo de 2013? Quando comparamos estes dados, percebemos que em 2005, este jornal não referiu 17 freguesias nos seis primeiros meses do ano. Referimo-nos a Perre e Deocriste, que só foram referidas em julho, Portela Suzã, Vila Mou, Meixedo e Vila Nova de Anha referidas em agosto, Carreço e Neiva focadas apenas em setembro e Nogueira e Santa Maria de Geraz do Lima que surgiram apenas em dezembro. As restantes sete freguesias (Amonde, Carvoeiro, Castelo do Neiva, Outeiro, Serreleis, Subportela e Torre) nunca foram noticiadas.

Se compararmos estes dados com os do período homólogo de 2013 vemos que há apenas duas freguesias – Outeiro e Perre – que não foram referidas em 2005, mas surgem em 2013. Perre está entre as dez freguesias mais populosas do concelho e localiza-se a menos de oito quilómetros da cidade. Já Outeiro situa-se entre as menos populosas, com pouco mais de 1.200 habitantes e está situada a quase dez quilómetros de distância. A localização perto da cidade poderá ter influenciado o facto de terem sido

referidas em 2013, mas não justifica não terem sido em 2005. Entendemos então que na base da escolha do que é noticiável neste jornal estão as escolhas editoriais e a disponibilidade dos jornalistas e das fontes em fornecerem ou não a informação.

6.4 - Os autarcas e as notícias

Para fundamentar esta tese, optamos também por inquirir os presidentes de junta das freguesias (ver anexo 9) que nunca foram referenciadas nos dois jornais analisados, para tentar perceber se esta falha se deve apenas ao jornal, ao jornalista ou também à fonte, neste caso, aos autarcas de cada uma destas localidades. No final dos contactos estabelecidos com os presidentes de junta destas freguesias é fácil concluir que a maior parte deles não tem uma perceção correta sobre as notícias relacionadas com as suas freguesias e que não são notícia nos dois jornais analisados. A maior parte deles, seis (mesmo que três digam que é referenciado apenas num jornal, n'A *Aurora do Lima*, devido ao trabalho realizado pelos correspondentes), dizem que durante o período analisado, a sua freguesia foi referenciada nos jornais, o que não acontece, tal como podemos ver pela análise efetuada neste estudo.

Os inquiridos identificam os temas que julgam terem surgido com maior frequência nos dois jornais. Assim, um deles diz que o Desporto, a Sociedade e o Lazer são os preferidos pelos jornalistas ou pelos correspondentes que tratam a informação neste jornais, outro escolhe a Sociedade e outro a Política. Uma maior escolha tem o leque composto por Lazer, Política e Sociedade, preferido por três inquiridos. Vemos também que apenas quatro dos presidentes de junta assume que a sua freguesia nunca foi referenciada nos dois jornais analisados.

Por outro lado, a maior parte dos autarcas, nove, acaba por assumir que nunca foi contactado por nenhum dos jornalistas dos dois jornais, contra apenas um que assume este contacto e diz mesmo que este aconteceu entre onze e quinze vezes. Para esta falha de transmissão de informação, dez dos autarcas inquiridos consideram que os jornalistas preferem as notícias de agenda e não investigam, dizem que as notícias da freguesias não surgem nos jornais porque não há correspondentes, referem que isto também se deve ao facto dos meios de comunicação não terem meios para se deslocarem ao local e consideram que o jornalista não tem tempo para se dirigir com muita frequência a estas freguesias. Um outro factor importante que se destaca aqui

relaciona-se com o facto de metade dos inquiridos achar que os meios de comunicação e os próprios jornalistas dão mais importância às notícias das freguesias da cidade ou daquelas que estão mais perto, que são mais populosas do que às suas freguesias porque estão mais distantes da cidade, da sede de concelho.

Os presidentes de junta destas freguesias consideram então importante existir uma relação, um contacto entre a junta de freguesia e os jornalistas, mas há oito que assumem ter pouca dificuldade em contactar com estes profissionais, contra dois que assumem encontrar alguns entraves. Dados semelhantes aos adquiridos quando falamos dos jornalistas inquiridos, já que oito deles consideram que os dois jornais analisados atribuem maior importância às notícias do concelho de Viana do Castelo do que às de outros concelhos, contra apenas um, que tem uma opinião diferente e que considera que é dada mais importância a Braga, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez.

Voltando aos presidentes de junta, outra concordância surge na altura de comentar a importância que as notícias do concelho possuem nos dois jornais. De facto, todos os inquiridos consideram que estes dois jornais atribuem maior importância à informação relacionada com o concelho de Viana do Castelo do que à de outros locais do concelho e até mesmo da região e de outras regiões. No que diz respeito a conhecerem outras instituições que possam ter sido contactadas pelos dois jornais para recolha de informação, 40% dos inquiridos considera que surgiram outras associações da freguesia e a igreja que foram contactadas, contra 60% que acha que isto nunca aconteceu.

Conclusão

No final deste trabalho concluímos que os dois jornais analisados ainda não conseguem garantir que todas as freguesias de Viana do Castelo sejam referenciadas nas suas páginas. Os jornalistas são obrigados a andar numa constante luta contra o tempo e acabam muitas vezes por dar mais importância às notícias das freguesias urbanas e às que estão mais perto da redação. Há falta de meios humanos e técnicos para que os jornalistas se possam deslocar a todas as freguesias do concelho. Um trabalho que é simplificado quando há correspondentes nas freguesias, que enviam alguma informação para estes jornais e contribuem para que estas não fiquem esquecidas. Só que estas informações raramente se baseiam em critérios pedidos pela linguagem jornalística. Poucas destas pessoas têm formação e critérios jornalísticos e profissionais e acabam por escrever apenas porque gostam de o fazer, ou porque querem que a sua freguesia seja conhecida. Há quem defenda este tipo de escrita como o mais indicado para a imprensa regional ou local, já que é uma das características que a diferencia da nacional. Mas será que é mesmo isto? Ou será que isto acontece porque não há investimento por parte dos proprietários dos meios de comunicação regionais e locais, em mais profissionais e meios? Num país onde escasseiam os apoios para a imprensa regional ou local, torna-se complicado investir nestes “negócios”. A publicidade continua a ser muitas vezes a principal fonte de receita dos jornais e, por isso, há muitas vezes interesses das empresas “escondidos” por detrás das notícias. É mais uma das necessidades que os jornais têm que encarar e aceitar num mundo competitivo. É esta competitividade que faz muitas vezes que as notícias percam qualidade, pressionadas pela velocidade que é essencial na altura de escrever. Os jornalistas têm que escrever depressa, sempre contra o tempo, para que possam dar a notícia “em primeira-mão”. Perdem-se informações válidas, esquecem-se fontes que até poderiam ser importantes para a notícia, escreve-se sem haver grande preocupação com algumas normas básicas do jornalismo.

É este mundo da velocidade que está a mudar a forma de “fazer jornalismo” e que também começa a entrar nos meios de comunicação regionais que lutam cada vez mais por uma posição de destaque no meio onde estão sedeados. Tornam-se importantes para a comunidade civil e política e surgem por vezes fontes relacionadas com o poder político que os tentam “manipular”. É uma manipulação muitas vezes discreta,

silenciosa, que passa frequentemente despercebida aos olhos dos jornalistas, ou que acaba por ter que ser dissimulada. Uma manipulação que surge também de outras forças sociais ou económicas, que acabam por quase controlar em parte os meios de comunicação que precisam de verbas para sobreviver, verbas provenientes da publicidade e pouco mais.

Com o trabalho desenvolvido aqui, é fácil perceber ainda que os jornalistas que trabalham nestes meios regionais ou até mesmo aqueles que de alguma forma estão ligados com eles percebem todas as dificuldades que existem nestes locais. Sentem de perto a dificuldade de chegar a toda a população, de cobrir as notícias de todas as freguesias do concelho. Uma tarefa que parece ser, para já, quase impossível, mas que começa a ser conseguida quando existem correspondentes. Os jornais analisados dificilmente chegarão a estes públicos nos próximos anos, até porque há, cada vez mais, uma diminuição do número de jornalistas que trabalham nas redações e não é fácil encontrar correspondentes pois este é um trabalho desenvolvido gratuitamente.

Um modo de procurar resolver este problema que é crítico para a vitalidade da imprensa regional ou local, já que esta deve dar importância à proximidade e por isso apostar nas notícias das freguesias do local onde está instalado, poderia ser a criação de uma agenda de contactos, com fontes de todas as freguesias. Uma tarefa que também não é fácil, já que as fontes ocupam cargos que depois abandonam e são substituídas por outras pessoas que nem sempre estão disponíveis para falar com os meios de comunicação social, até porque ainda existe a ideia de que é preciso ter cuidado com o que se diz quando se está em frente a uma câmara de filmar ou de um microfone.

Os jornalistas continuam a ter que escrever muitas notícias, o mais rapidamente possível e de preferência o mais sensacionalistas possível, para cativarem a atenção dos leitores e conseguirem aumentar a venda dos jornais. Algo que acaba por prejudicar os jornalistas que querem desenvolver o seu trabalho baseados nas normas e regras do jornalismo. Estes são muitas vezes obrigados a procurar fontes como os presidentes de junta. E há quem aceite o desafio e até fale dos problemas das suas freguesias, mas também há quem se recuse a prestar esclarecimentos sobre um ou outro assunto, o que dificulta o trabalho do jornalista. Nestas circunstâncias é preciso procurar outras fontes, que nem sempre são fáceis de encontrar e muitas vezes perde-se a oportunidade de escrever sobre determinada freguesia. Qual é o jornalista que pode deixar a redação para passar uma tarde em busca de uma notícia, numa freguesia do interior de Viana do

Castelo? Para além dos custos com deslocações, tem ainda de procurar informação, ir à procura de uma possível notícia sem saber se terá fontes que a sustentem.

Por outro lado, é fácil perceber que muitos dos presidentes de junta têm uma ideia errada sobre o que é noticiado sobre a sua freguesia nos dois jornais analisados. Para eles é importante que a sua localidade seja referenciada nos jornais, mas depois nem todos acompanham o que é ou não noticiado.

Falhas à parte, é preciso encontrar uma solução para este problema que faz com que muitas das freguesias fiquem esquecidas pelos jornais locais ou regionais. Se a sua função é informar, se as pessoas têm o direito a ser informadas, se devem apostar na proximidade, se a população sente cada vez mais a necessidade de ser informada, porque é que parece haver um elo que não liga a cadeia? Porque é que a relação jornalista-fonte não funciona nesta imprensa? Onde está a quebra na corrente? Já foi identificada e é difícil de resolver ou está ainda no patamar do desconhecido?

Ao longo deste estudo foram dadas algumas justificações para o facto de nem tudo ser noticiável nos dois jornais analisados. Pelos mais diversos motivos, criou-se uma falha nesta corrente, que não vai ser fácil resolver. Nem com o aparecimento das novas tecnologias que aproximaram os povos, se tornou mais fácil chegar às fontes. O mundo parece estar tão perto, mas ao mesmo tempo está separado por um rol de condicionantes que podem ser económicas, religiosas, políticas ou sociais. São circunstâncias que impedem que se materialize o direito de informar e o direito de ser informado. Não conseguimos encontrar a “solução mágica” para este problema, mas conseguimos entender que o mundo da imprensa regional ou local não é tão simples quanto parece, regido e regulamentado por um grande número de interesses. Interesses que pertencem a um mundo capitalista e que fazem com que o jornal se transforme cada vez mais num negócio, para tristeza dos jornalistas que ainda acreditam na sua profissão.

Bibliografia

- Abrantes**, José Carlos, *Nós os Leitores – a Crítica Pública do Jornalismo*, Edições 70, 2008;
- Albertos**, José Luis Martínez, *La información es una sociedad industrial*, Madrid, Tecnos, 1972;
- Albertos**, J.L. Martínez, *Curso General de Redacción Periodística*, Madrid, Paraninfo, ed. Revisada, 1993;
- Andrade**, Manuel, *Liberdade de Imprensa e Inviolabilidade pessoal*, uma perspectiva jurídico-criminal, Coimbra Editora, 1996;
- Auben**, Florence e Miguel Benasayag, *A fábrica da informação. Os jornalistas e a ideologia da comunicação*, Campo das Letras, 2002;
- Balle F.**, *Comunicación y sociedad. Evolución y análisis comparativo de los medios*, Bogotá, Tercer Mundo Editores, 1991;
- Barros F. Clóvis de.**, *Ética na Comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna, 2001;
- Bastos**, Hélder, *Jornalismo Eletrónico - Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redações*, Coleção Comunicação, Minerva, Coimbra, 2000;
- Bitti**, Pio Ricci e Bruna Zani, *A Comunicação como Processo Social*, Temas de Sociologia, Editorial Estampa, 1997;
- Blumler**, Jay G., *The crisis of public communication*, London: Routledge, 1995;
- Borrat**, H. *El periódico, actor político*, Barcelona, Gustavo Gili, 1989;
- Cádima**, Francisco Rui, *História e crítica da comunicação*, Edições século XXI, Lda, Lisboa, 1996;
- Camponez**, Carlos, *Jornalismo de proximidade - rituais de comunicação na imprensa regional*, Coleção Comunicação, Minerva, Coimbra, 2002;
- Cebrian**, Juan Luís, *Cartas a um jovem jornalista*, Editorial Bizâncio, 1998;
- Chaparro**, Manuel Carlos, *Linguagem dos conflitos*, Coleção Comunicação, Minerva Coimbra, 2002;
- Colombo**, Furyo, *Conhecer o jornalismo hoje – Como se faz informação*, Lisboa: Ed. Presença, 1998;
- Cornu**, Daniel, *Jornalismo e Verdade, para uma ética da Informação*, Instituto Piaget, 1994;

- Correia**, Fernando, *Os Jornalistas e as Notícias, A autonomia jornalística em questão*, Editorial Caminho, SA, Lisboa, 1997;
- Crato**, Nuno, *Comunicação Social, a Imprensa*, Editorial Presença, 1992;
- Cunha**, Maria Helena R. Laranjeiro, *Imprensa Periódica Minhota*, Biblioteca Pública, Braga, 1987;
- Curran**, James, *Imprensa, rádio e televisão: poder sem responsabilidade*, Lisboa: Instituto Piaget, cop. 1997;
- Dearing**, James W. E Everett M. Rogers, *Communication Concepts 6, Agenda-Setting*, Sage Publications, 1996;
- Deschepper**, Jacques, *Saber comunicar com os jornalistas da Imprensa, Rádio e Televisão*, tradução de Estrela Serrano, Edições CETOP, 1990;
- Dines**, Alberto, *O Papel do Jornal – uma releitura*, Novas Buscas em Comunicação, Summus Editorial, 1986;
- Dovifant**, Emil, *Periodismo*, México, Uteha, Vol I, 1959;
- Duarte**, Feliciano Barreiras, *Informação e Jornalismo de Proximidade, Jornais e Rádios*, Âncora Editora, Lisboa, 2005;
- Eagly**, A. H., *Recipient Characteristics as Determinants of Responses to Persuasion*, in R. Petty, T. Ostrom e T. Brock (comp.), *Cognitive Responses in Persuasion*, Hillsdale (N. J.), Lawrence Erlbaum Ass., 1981;
- Ericson**, Richard, Baranek, Patrícia e Chan, Janet, *Negotiating Control: a study of news sources*, Toronto, University Press, 1986;
- Esteves**, João Pissarra, *A ética da comunicação e os media modernos, legitimidade e poder nas sociedades complexas*, Fundação Calouste Gulbenkian, 1998;
- Faustino**, Paulo, *A Imprensa em Portugal - transformações e tendências*, Colecção Media XXI, 2005;
- Faustino**, Paulo, *A imprensa Primeiro – Contributos para a liderança da Imprensa em Portugal*, AIND – Associação de Imprensa Não Diária, 1999;
- Ferreira**, Assis, R., *Políticas e expectativas do Governo para o sector*, 1999. In FAUSTINO, P. (Org.), *A Imprensa Primeiro - Contributos Para a Liderança da Imprensa em Portugal*, Lisboa: AIND, pp. 187-192, 1999;
- Festinger**, L., *A Theory of Cognitive Dissonance*, Stanford (Cal.), Stanford University Press, 1957;

Filho, A., *O palco monitorado: manual de interpretação para televisão*, Lisboa: Novo Imbondeiro, D.L. 2001;

ntcuberta, Mar de, *La notícia, Pistas para percibir el mundo*, Paidós Papeles de Comunicación 1, 1993;

Gans, Herbert J., *Democracy and the News*, Nova Iorque, Oxford University Press, 2003;

Ghiglione, Rodolphe e Benjamin Matalon, *O inquérito, teoria e prática*, Celta Editora, Oeiras, 1993;

Gomes, Rui Miguel, *A Importância da Internet para Jornalistas e fontes*, Media e Jornalismo, 2009;

Gonzalo, Salomé Berrocal e Carlos Rodríguez-Maribona, *Análisis Básico de la Prensa Diária, Manual para aprender a leer periódicos*, Editorial Universitas, S.A., 1998;

Gregorio, Domenico de, *Metodología del Periodismo*, Madrid, Rialp, 1966;

Heider, F., *Attitudes and Cognitive Organization*, in “Journal of Psychology”, in 21, pp. 107-112, 1946;

Jaspars, J.M., *Determinants of Attitude Change*, 1978, in H. Tajfel e C. Fraser (comp.), *Introducing Social Psychology*, Harmondsworth, Penguin, trad. It. *Introduzione alla psicologia sociale*, Bolonha, Il Mulino, 1979;

Katz, D., *The Functional Approach to the Study of Attitude*, in “Public Opinion Quarterly”, 24, pp. 263-204, 1960;

Ladevéze, L. Núñez, *Manual para Periodismo, veinte lecciones sobre el contexto, el language y el texto de la información*, Barcelona, Ariel Comunicación, 1991;

Lasswell, H. D., *The Structure and Function of Communication in Society*, in L. Bryson (comp.), *The Communication of Ideas*, New York, Institute for Religious and Social Studies, 1948;

Lazarsfeld, P. F., Berelson, E. e Gaudet, H., *The People’s Choice*, New York, Columbia University Press, 1948;

Lippmann, Walter, *Public Opinion*, New York: Free Press Paperbacks, 1997;

López, García, X., *Detrás da prensa popular*. Santiago de Compostela: Edicións LEA, 1995;

McCombs, Maxwell E.; Shaw, Donald L., *A função do agendamento dos media*, 1972
In: TRAQUINA, Nelson., *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*, Coimbra: Minerva, 2000;

- Magalhães**, Manoel Vilela, *Produção e Difusão da Notícia*, Editora Atlas, 1979;
- Manning**, Paul, *News and News Sources – a critical introduction*, Londres, Thousand Oaks e Nova Deli: Sage, 2001;
- Martins**, Luís Paixão, *Schiu... está aqui um jornalista-tretas, meias verdades e completas mentiras acerca da Imagem*, Coleção Media & Sociedade, Notícias Editorial, 2001;
- Medina**, Cremilda, *Notícia - um produto à venda, Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*, Summus editorial, 1988;
- Mendes**, Vítor, *Estatuto do Jornalista*, Coleção Lei das Profissões, 1995;
- Mesquita**, Mário, *O jornalismo em análise. A coluna do provedor dos leitores*, Minerva, Coleção Comunicação, Coimbra 1998;
- Oliveira**, A. Lopes de, *Imprensa Vianense*, Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1996;
- Ortego**, José, *Notícia, actualidad, información*, Pamplona, Instituto de Periodismo, 1966;
- Osgood**, C. E., Suci, H. J. e Tannenbaum, P. M., *The Principle of Congruity in the Prediction of Attitude Change*, in “Psychological Review”, 62, pp. 42-55, 1955;
- Ponte**, Cristina, *Leituras das Notícias-contributos para uma análise do discurso jornalístico*, Media e Jornalismo, Livros Horizonte, 2004;
- Portela**, Artur, *A Galáxia de Bill Gates e a responsabilidade cultural do jornalismo*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1998;
- Poster**, Mark, *A Segunda Era dos Media*, Celta, Oeiras, 1999;
- Quintero**, Alejandro Pizarroso, *História da Imprensa*, Planeta Editora, 1994;
- Quivy**, Raymond e LucVan Campenhoudt, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Coleção Trajectos, Editora Gradiva, Outubro de 2003;
- Ramonet**, Ignacio, *A tirania da comunicação*, Petrópolis, Vozes, 2000;
- Rebelo**, José, *O discurso do jornal*, Notícias editorial, 2002;
- Rich**, Carole, *Creating Online Media: a Guide to Research, Writing and Designing on the Internet*, McGraw-Hill College, Boston, 1999;
- Rodrigues**, Adriano Duarte, *A Comunicação Social – noção histórica da linguagem*, Editorial Vega, 1983;
- Santos**, José Rodrigues, *O que é comunicação*, Difusão Cultural, 1992;
- Santos**, Rogério, *A negociação entre jornalistas e fontes*, Coleção Comunicação, Minerva, Coimbra; 1997;

- Santos**, Rogério, *Jornalistas e Fontes de Informação: as notícias do VIH Sida com estudo de casos*, Tese de Doutoramento apresentada na FCSH, Lisboa, 2003;
- Santos**, Rogério, *Do Jornalismo aos media, Estudos sobre a realidade portuguesa*, Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa, 2010;
- Seaton**, Jean e Curran, James, *Imprensa, Rádio e Televisão – Poder Sem Responsabilidade*, Instituto Piaget, 1997;
- Serrano**, Estrela, *As presidências abertas de Mário Soares-as estratégias e o aparelho de comunicação do Presidente da República*, Colecção Comunicação, Minerva Coimbra, 2002;
- Schudson**, M. – *The menu of media research*. In BALL-ROKEACH, S. J. e CANTOR, M. G. (Eds.) – *Media, Audience, and Social Structure*. Beverly Hills: Sage: 43-50, 1986;
- Schudson**, Michael, *The Sociology of News*, Nova Iorque e Londres, W.W.Norton & Company, 2003;
- Sherif**, M. e Hovland, C., *Social Judgment*, New Haven, Yale University Press, 1961;
- Sousa**, Jorge Pedro, *As notícias e os seus efeitos*, Colecção Comunicação, Minerva, 2000;
- Tengarrinha**, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Editorial Caminho, 1989;
- Traquina**, Nelson, Ana Cabrera, Cristina Ponte, Rogério Santos, *O jornalismo português em análise de casos*, Editorial Caminho, Lisboa, 2001;
- Traquina**, Nelson, *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*, Colecção Comunicação, Minerva, 2000;
- Traquina**, Nelson, *O que é Jornalismo*, Quimera Editores, Lda, 2002;
- Traquina**, Nelson, *O Paradigma do "Agenda- Setting": Redescoberta do Poder no Jornalismo* in Revista de Comunicação e Linguagens - Comunicação e Política, n.ºs 21/22, Lisboa, Edições Cosmos, 1995, p.202;
- Toro**, Manuel Piedrahita, *Jornalismo moderno, Histórias, perspectivas e tendências rumo ao ano 2000*, Plátano Edições Técnicas, 1993;
- Veloso**, Rodrigo, *Jornalistas portugueses. IV. Barbosa Collen*. Lisboa: tipografia Minerva, 1911;
- Warren**, Carl, *Modern News Reporting*, Nueva York, 1951;

Textos consultados

Alves, Aníbal, *Imprensa Local e Desenvolvimento*, Cadernos do Noroeste, Vol. 3 (1-2), elaborado no quadro de um projecto financiado pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. Comunicação ao 1º Encontro Minho-Identidade e Mudança, Braga, 1990;

Anselmo, Artur, *Singularidades de uma folha d'ouro*, Comunicação proferida no 150º aniversário d'A *Aurora do Lima*, 2005;

Bacelar, Jorge, *O círculo (quase) fechado*, 1999, in www.bocc.ubi.pt;

Barbosa, Elisabete, *Interatividade - A grande promessa do jornalismo on-line*, in www.bocc.ubi.pt;

Camilo, Eduardo, *Estratégias de Comunicação e Municípios*, 1999, in www.bocc.ubi.pt;

Cardoso, Gustavo, *Os Portais do Internet gatekeeping*, 2000, in <http://www.cav.iscte.pt/~gustavo>;

Cardoso, Gustavo, *À sombra da comunicação e da informação*, 1999, in www.bocc.ubi.pt;

Carneiro, Armando Teixeira, *A cultura e os media em Portugal - uma análise interpretativa*, 2004, in <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric05a03b.htm>;

Carvalho, José Ricardo, *Os media e os poderes locais*, in www.bocc.ubi.pt;

Coelho, Maria Zara Pinto, *Análise do Conteúdo versus Análise Crítica do Discurso: algumas semelhanças e diferenças*, comunicação escrita para o V Congresso Português de Sociologia, 2004;

Correia, João Carlos, *Algumas reflexões sobre a importância da formação universitária dos jornalistas*, in www.bocc.ubi.pt;

Correia, João Carlos, *Jornalismo regional e cidadania*, in www.bocc.ubi.pt;

Correia, João Carlos, *O ensino do jornalismo visto pelos jornalistas*, in www.bocc.ubi.pt;

Daltoé, Andreise, *A notícia e a sua passagem pelos diferentes meios*, 2004, in www.bocc.ubi.pt;

Fidalgo, António, *A distância como virtude. Considerações sobre ética da comunicação*, 1996, in www.bocc.ubi.pt;

- Fidalgo**, António, *O consumo de informação. Interesse e curiosidade*, 1996, in www.bocc.ubi.pt;
- Justiça**, Maria Paula Oliveira, *A Internet no contexto escolar*, 2006, in www.bocc.ubi.pt;
- Leal**, Bruno Souza, *Do testemunho à leitura: aspectos da evolução do narrador jornalístico hoje*, in www.bocc.ubi.pt;
- Moretzsohn**, Sylvia, *A velocidade como fetiche – o discurso jornalístico na era do "tempo real"*, 2001, in www.bocc.ubi.pt;
- Pereira**, Luís Fernando da Rocha, *O adiantado do minuto: A Internet e os novos rumos do jornalismo*, 2002, in www.bocc.ubi.pt;
- Ponte**, Cristina e Mário Mesquita, *Situação do Ensino e da Formação Profissional na Área do Jornalismo*, in www.bocc.ubi.pt;
- Rodrigues**, Adriano Duarte, *As novas tecnologias da informação e a experiência*, in www.bocc.ubi.pt;
- Rodrigues**, Adriano Duarte, *Experiência, modernidade e campo dos media*, 1999, in www.bocc.ubi.pt;
- Rodrigues**, Adriano Duarte, *Figuras das máquinas censurantes modernas*, 1985, in www.bocc.ubi.pt;
- Rodrigues**, Adriano Duarte, *Os estudos da Comunicação na Universidade*, in www.bocc.ubi.pt;
- Segura**, Jesús Jiménez, *Innovación tecnológica e información*, in *Andalucía Económica*, 1999;
- Silveirinha**, Maria João, *Novos media, velhas questões*, 2001, in www.bocc.ubi.pt;
- Sousa**, Jorge Pedro, *A cobertura imagética da Guerra do Golfo*, in www.bocc.ubi.pt;
- Sousa**, Jorge Pedro, *A utilização de fontes anónimas no noticiário político dos diários portugueses de referência: um estudo exploratório*, in www.bocc.ubi.pt;
- Sousa**, Jorge Pedro, *As notícias e os seus efeitos-as teorias do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*, 1999, in www.bocc.ubi.pt;
- Sousa**, Jorge Pedro, *Comunicação regional e local na Europa Ocidental – situação geral e os casos portugueses e galego*, in www.bocc.ubi.pt;

Sites consultados

<http://www.apimprensa.pt/noticias/arquivos-de-noticias/arquivo4.aspx>
<http://cm-viana-castelo.pt>
<http://imprensa.net/noticias.php?idnoticia=501>
<http://industrias-culturais.blogspot.com/>
http://industrias-culturais.blogspot.com/2004_04_18_industrias-culturais_archive.html
<https://maps.google.pt/maps>
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=328AZL001>
<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=328AZL002>
<http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric05a03b.htm>
http://o-planeta-diario.weblog.com.pt/2005/10/o_planeta_diario.html
<http://pensariberoamerica/ric05a03b.htm>
<http://ubista.ubi.pt/~comum/joaocorreia.htm>
www.aind.pt
www.arcosonline.com
www.blog.comunidades.net
www.bocc.ubi.pt
www.campus-oei.org
www.eusou.com
www.evora.net/bpe
www.freguesiasdeportugal.com;
www.gmcs.pt;
www.ics.pt
www.jornalistas.online.pt
www.marktest.pt
www.mapadeportugal.net
www.necs.ics.uminho.pt
www.noticiasdaamadora.com.pt
www.obercom.pt
www.setubalnarede.pt
www.wikipedia.com

Estudos consultados

OberCom, *Anuário Comunicação 2001/2002. Os Media em Tempo de Crise*. Lisboa: Obercom, 2002;

OberCom, *Anuário Comunicação 2002/2003*. Lisboa: Obercom, 2003;

OberCom, *Barómetro da Comunicação 2013*, Lisboa;

OberCom, *Tendências e prospectivas – os novos jornais*, Lisboa, 2004;

Anexos

Anexo 1

Dados d'A Aurora do Lima - 2005

	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	Total
Viana do Castelo (geral)	55	75	63	57	55	69	54	17	34	45	41	42	552
Vila Nova de Cerveira	15	17	10	15	17	18	23	8	20	12	13	13	181
Caminha	18	12	15	13	8	9	14	17	20	12	16	9	163
Castelo do Neiva	14	14	8	8	11	11	18	6	11	13	18	11	143
Cardielos	18	12	7	11	12	12	16	9	14	10	10	8	139
Ponte de Lima	5	6	9	8	2	8	13	3	5	5	5	1	70
Barroselas	3	11	7	1	7	7	10	2	4	3	4	4	56
Santa Marta de Portuzelo	3	2	1	9	5	7	2	5	5	5	4	4	52
Meadela	6	2	4	5	12	4	6	-----	3	1	4	1	48
Vila Nova de Anha	-----	3	13	6	2	5	3	-----	3	6	3	4	48
Afife	5	1	4	4	4	2	2	-----	4	-----	5	2	33
Darque	2	1	10	2	1	3	3	1	2	3	1	-----	29
Serreleis	2	2	3	-----	4	4	-----	4	2	5	2	-----	28
Perre	3	4	1	-----	-----	3	6	-----	4	4	1	1	27
Monção	1	1	4	1	3	7	4	1	1	1	2	1	27
Neiva	8	4	2	5	-----	-----	3	-----	-----	2	2	-----	26
Amonde	-----	2	3	2	4	-----	3	-----	4	-----	-----	7	25
Vila Franca	2	6	1	4	2	2	2	1	-----	2	1	-----	23
Carvoeiro	6	6	-----	-----	4	-----	4	-----	-----	-----	-----	-----	20

Areosa	3	----	3	----	2	----	1	1	----	1	2	2	15
Torre	----	----	2	3	----	----	5	----	----	4	----	----	14
Monsserrate	3	1	5	2	1	1	----	----	----	----	----	----	13
Outeiro	----	----	1	1	----	----	----	----	----	1	8	----	11
Carreço	1	----	----	----	----	3	1	1	3	----	----	----	9
Santa Maria Maior	----	2	2	3	----	----	----	----	----	1	1	----	9
Deocriste	----	----	----	1	1	1	4	----	1	----	----	----	8
Vila Fria	----	1	----	----	----	3	----	----	----	1	3	----	8
Geraz do Lima (Stª Leocádia)	----	1	----	2	1	1	1	----	----	----	----	----	6
Montaria	----	1	1	----	----	1	----	----	1	----	----	1	5
Alvarães	----	----	----	----	2	----	1	----	----	----	----	1	4
Paredes de Coura	2	----	----	----	----	1	----	1	----	----	----	----	4
Mujães	1	1	----	----	----	----	----	----	1	----	----	----	3
Lanheses	----	----	----	----	----	----	----	1	----	----	2	----	3
Arcos de Valdevez	1	----	----	----	----	----	----	----	1	----	----	1	3
Chafé	----	1	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	2
Geraz do Lima(Stª Maria)	1	----	----	----	----	----	1	----	----	----	----	----	2
Moreira de Geraz do Lima	----	----	1	----	1	----	----	----	----	----	----	----	2
Valença	----	----	----	----	----	----	2	----	----	----	----	----	2
Melgaço	----	----	----	----	1	----	----	----	1	----	----	----	2
Deão	----	----	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Nogueira	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1	----	----	1

Vila Mou	----	----	----	----	1	----	----	----	----	----	----	----	1
Vila de Punhe	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1	----	1
Galiza	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Braga	----	----	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Ponte da Barca	----	----	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Barcelos	----	----	----	----	----	----	----	1	----	----	----	----	1
Portela Suzã	1	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Freixieiro de Soutelo	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Mazarefes	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Meixedo	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Subportela	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Vilar de Murteda	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----	----

Dados do Falcão do Minho - 2005

Freguesia	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	total
Alvarães	3	2	1	3	3	----	2	----	----	1	----	1	16
Vila Fria (correspondente)	---	1	---	2	1	6	1	1	2	1	----	----	15
Meadela	2	1	---	2	----	2	2	----	2	1	----	2	14
Santa Marta de Portuzelo (correspondente)	2	1	2	---	1	3	1	1	2	----	----	----	13
Vila de Punhe	---	---	1	1	1	----	2	1	1	3	1	2	13
Darque (correspondente)	3	1	3	---	----	----	1	1	----	2	1	----	12
Afife (correspondente)	1	---	---	---	1	----	----	1	6	----	----	----	9
Barroselas (correspondente)	2	---	1	---	1	----	1	----	----	1	2	1	9
Monserrate	3	2	---	2	----	1	----	----	----	----	----	----	8
Areosa	1	---	---	1	1	----	1	----	1	----	----	1	6
Chafé	2	1	---	1	1	----	----	----	----	----	1	----	6
Perre (correspondente)	---	---	---	---	----	----	1	----	1	----	1	3	6
Freixieiro de Soutelo	---	---	---	1	----	----	2	----	----	----	1	1	5
Carreço (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	1	----	3	----	4
Lanheses	1	---	---	---	----	----	1	----	----	----	1	1	4
Mujães (correspondente)	1	---	---	1	----	----	----	----	1	1	----	----	4
Mazarefes (correspondente)	---	1	---	---	----	1	----	----	----	----	----	1	3
Montaria (correspondente)	2	---	1	---	----	----	----	----	----	----	----	----	3

Moreira de Geraz do Lima (correspondente)	1	---	---	1	----	----	----	----	1	----	----	----	3
Santa Maria Maior	---	2	1	---	----	----	----	----	----	----	----	----	3
Cardielos (correspondente)	---	---	---	1	----	----	----	----	----	1	----	----	2
Geraz do Lima (Stª Leocádia) (correspondente)	1	---	---	---	1	----	----	----	----	----	----	----	2
Neiva (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	1	1	----	----	2
Portela Suzã	---	---	---	---	----	----	----	1	----	1	----	----	2
Vila Franca (correspondente)	---	---	---	---	2	----	----	----	----	----	----	----	2
Nogueira	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	1	----	1
Vila Mou (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	1	----	----	----	----	1
Deão	1	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Geraz do Lima(Stª Maria)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	1	1
Deocriste (correspondente)	---	---	---	---	----	----	1	----	----	----	----	----	1
Meixedo	---	---	---	---	----	----	----	1	----	----	----	----	1
Vila Nova de Anha (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	1	----	----	----	----	1
Vilar de Murteda	---	---	---	1	----	----	----	----	----	----	----	----	1
Amonde (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Carvoeiro (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Castelo do Neiva (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----
Outeiro	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	----

(correspondente)													
Serreleis (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	-----
Subportela	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	-----
Torre (correspondente)	---	---	---	---	----	----	----	----	----	----	----	----	-----

Anexo 2

Dados d'A Aurora do Lima - 2013

	01	02	03	04	05	06	total
Viana (geral)	82	95	106	83	81	86	553
Darque (Correspondente)	7	18	9	10	8	14	66
Cerveira (Correspondente)	11	3	7	4	8	7	40
Subportela (Correspondente)	2	9	5	9	5	7	37
Meadela (Correspondente)	8	9	3	6	3	5	34
Castelo do Neiva (Correspondente)	4	7	3	6	6	2	28
Lanheses (Correspondente)	6	8	-----	5	2	6	27
Afife (Correspondente)	6	6	9	-----	3	2	26
Barroselas (Correspondente)	5	9	3	2	4	1	24
Santa Marta de Portuzelo (Correspondente)	2	4	5	1	7	4	23
Carreço (Correspondente)	4	-----	5	2	5	6	22
Chafé (Correspondente)	4	2	8	3	2	3	22
Perre (Correspondente)	4	3	2	5	3	4	21
Região (fora do distrito)	3	6	3	2	3	3	20
Vila Fria (Correspondente)	7	3	-----	1	5	2	18
Cardielos (Correspondente)	2	4	3	4	2	2	17
Europa/Galiza	3	1	-----	6	4	3	17
Areosa (Correspondente)	1	1	3	5	4	2	16
Vila Nova de Anha (Correspondente)	4	3	1	-----	3	4	15
Serreleis (Correspondente)	2	4	1	2	2	3	14
Ponte de Lima (Correspondente)	2	4	2	1	2	3	14
Caminha (Correspondente)	2	4	1	1	1	2	11
Monserate	1	2	-----	1	3	3	10
Vila Franca (Correspondente)	1	1	-----	2	3	3	10
Alvarães (Correspondente)	1	-----	3	-----	2	3	9

Amonde (Correspondente)	-----	-----	3	3	1	2	9
Nogueira (Correspondente)	1	2	-----	-----	3	2	8
Outeiro (Correspondente)	1	1	1	2	2	1	8
Deocriste (Correspondente)	-----	1	4	-----	-----	-----	5
Geraz do Lima (St ^a Leocádia) (Correspondente)	2	-----	1	-----	-----	1	4
Mazarefes (Correspondente)	4	-----	-----	-----	-----	-----	4
Neiva (Correspondente)	-----	2	-----	-----	2	-----	4
Torre (Correspondente)	-----	3	1	-----	-----	-----	4
Vila de Punhe (Correspondente)	-----	1	2	-----	-----	1	4
Valença	-----	-----	1	-----	2	1	4
Montaria	-----	-----	-----	-----	2	1	3
Moreira de Geraz do Lima (Correspondente)	-----	1	-----	1	-----	1	3
Mujães	1	-----	-----	1	1	-----	3
Santa Maria Maior	1	-----	1	-----	-----	1	3
Vila Mou (Correspondente)	-----	-----	1	1	1	-----	3
Carvoeiro	1	-----	-----	-----	1	-----	2
Portela Suzã	1	-----	1	-----	-----	-----	2
Arcos de Valdevez	-----	1	-----	1	-----	-----	2
Paredes de Coura (Correspondente)	-----	-----	2	-----	-----	-----	2
Madeira/Açores	1	-----	-----	-----	1	-----	2
Vila do Conde	1	-----	-----	-----	-----	-----	1
Melgaço	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Meixedo (Correspondente)	-----	1	-----	-----	-----	-----	1
Monção	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Ponte da Barca	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Deão	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Freixieiro de Soutelo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Geraz do Lima (St ^a Maria)	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Vilar de Murteda	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Dados do Falcão do Minho - 2013

	01	02	03	04	05	06	total
Viana (geral)	22	49	17	14	-----	-----	102
Ponte de Lima	8	19	9	3	-----	-----	39
Ponte da Barca	4	9	7	4	-----	-----	24
Caminha	13	3	4	-----	-----	-----	20
Cerveira	2	7	7	2	-----	-----	18
Arcos de Valdevez	1	8	6	1	-----	-----	16
Monção	3	6	3	-----	-----	-----	12
Esposende	4	-----	6	2	-----	-----	12
Melgaço	-----	4	5	2	-----	-----	11
Valença	2	8	-----	-----	-----	-----	10
Lanheses	-----	2	5	1	-----	-----	8
Região (fora do distrito)	1	2	1	3	-----	-----	7
Meadela	1	2	2	1	-----	-----	6
Moreira de Geraz do Lima	1	-----	4	1	-----	-----	6
Vila Fria	-----	2	3	1	-----	-----	6
Chafé	1	2	1	1	-----	-----	5
Perre	1	1	2	1	-----	-----	5
Barroselas	-----	1	3	-----	-----	-----	4
Vila de Punhe	-----	-----	2	2	-----	-----	4
Darque	-----	2	-----	-----	-----	-----	2
Santa Maria Maior	-----	-----	-----	2	-----	-----	2
Vila Franca	-----	1	1	-----	-----	-----	2
Areosa	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Deão	-----	1	-----	-----	-----	-----	1
Mujães	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Outeiro	-----	-----	1	-----	-----	-----	1
Paredes de Coura	-----	1	-----	-----	-----	-----	1
Afife	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Alvarães	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Amonde	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

		---	---	---	---	---	-
Cardielos	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Carreço	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Carvoeiro	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Castelo do Neiva	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Deocriste	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Freixieiro de Soutelo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Geraz do Lima (St ^a Leocádia)	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Geraz do Lima(St ^a Maria)	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Mazarefes	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Meixedo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Monsserate	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Montaria	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Neiva	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Nogueira	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Portela Suzã	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Santa Marta de Portuzelo	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Serreleis	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Subportela	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Torre	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Vila Mou	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Vila Nova de Anha	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----
Vilar de Murteda	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Anexo 3

Entrevista ao jornalista do *Falcão do Minho*

1. Como funciona a redação?

A redação concretamente do *Falcão do Minho* creio que funciona de uma forma similar a tantas outras no distrito, ou seja, com poucos recursos humanos, uma aposta em alguns meios tecnológicos recentemente desenvolvida, mas com a dificuldade de poucos meios humanos. Existem os jornalistas e técnicos gráficos, mas sente-se a dificuldade de não haver mais jornalistas no terreno. Isso é uma questão transversal a toda a imprensa regional, não é um caso concreto do *Falcão do Minho*. Cada redação tem um jornalista no máximo, na grande maioria.

2. E como é que esse jornalista consegue organizar todo o trabalho?

Com um esforço sobre humano e com perda de qualidade da informação, nomeadamente creio que caem por terra logo as grandes reportagens. É uma das questões que não existe atualmente na imprensa regional distrital ou raramente se vê, exactamente porque não há tempo para as fazer. Existe também obrigatoriamente, e porque o jornalista está condicionado à questão do tempo, uma demasiada colagem à agenda oficial e institucional. Isso é extremamente negativo, não há espaço para que o jornal possa pensar por si, não há tempo nem recursos humanos para que o jornal possa pensar por si.

3. Como são escolhidas as notícias?

A principal escolha será sempre a pertinência da notícia. Como é um jornal semanário as notícias mais importantes terão sempre mais realce. Mas depois temos outros critérios: tentamos dentro do possível não abdicar do conceito de proximidade, mas sinceramente às vezes surge quase como utopia. E este conceito de proximidade não é o jornalista que vai em busca das notícias das freguesias, mas aproveita aquilo que aparece na redação. De outra forma não seria possível. Não há uma rede de colaboradores no terreno e esta informação que poderia chegar através dos colaboradores não chega.

4. Porque é que dão mais importância a notícias de Esposende, Galiza do que às das freguesias do concelho?

Torna-se difícil ter a perceção do que se vai passando nas freguesias a nível local. As juntas não têm assessorias como as câmaras municipais que fazem um trabalho muito intenso a nível de assessoria e de transmissão de informação. Por isso a informação chega-nos mais rapidamente e quantitativamente das autarquias do que das próprias freguesias. Por outro lado, o *Falcão do Minho* quer ser mais alargado na sua intervenção. O subtítulo diz que é um semanário para o Minho e para a Galiza, por isso não será anormal a presença de notícias da Galiza num jornal que se propõe a isso. Alargar a Esposende tornou-se mais pertinente com a criação da valimar.

Normalmente as freguesias são faladas pelos maus motivos e não pela positiva. Há freguesias que surgiram numa altura e não apareceram mais. É uma questão de ver quando a seara aparecerá outra vez nos jornais em grande, depois da questão do bichinho.

5. Não é possível encontrar correspondentes nestes locais ou não é esta a intenção do jornal?

O jornal abre portas aos correspondentes. A questão é saber se há pessoas disponíveis. Eu acho que o esforço da direção nesse sentido poderia ser mais intenso.

6. Como é gerida e tratada a informação que chega à redação?

No caso do *Falcão do Minho*, a esmagadora maioria é tratada antes de ser publicada. Acontece muito na área do desporto, porque não há ninguém especializado dedicado a isso e os presses enviados pelos clubes desportivos acabam por ser publicados como surgem na redação. Não é por falta de vontade de os tratar, mas por não existir ninguém especializado na área e tacitamente aceita-se a informação que nos é enviada.

Anexo 4

Entrevista ao diretor do *Falcão do Minho*

1. Como surgiu este jornal?

O jornal surgiu em 1987. Na altura eu era funcionário da aliança seguradora, já fazia jornalismo n'A *Aurora do Lima*. Em outubro já tinha alugado casa e no dia 15 o jornal saiu com a finalidade de ocupar um espaço que não existia, alargando o jornal semanário mais à Galiza e para fora do Alto Minho e depois havia de cobrir mais intensamente com o correio de Cerveira e o Correio da Ribeira Lima. A finalidade era entrar mais no Baixo Minho. A crise veio e a partir daí, os objetivos começaram a retardar-se um bocadinho, porque a publicidade não ajudava. Agora tentamos navegar até melhores dias. A seguir veio a TV Viana, alargando mais os horizontes, saindo da terrinha e indo pelo mundo fora.

Queríamos um jornal que tivesse uma visão ampla, lembrei-me do falcão, uma ave com visão ampla, que cuida do seu ambiente, as aves fracas, come-os. Ao mesmo tempo cuida do ambiente e tem um horizonte muito amplo de vista.

2. Quais os períodos mais importantes para o seu funcionamento, aqueles que levaram a mudanças mais significativas?

Tem-se evoluído de acordo com a economia. A economia encrava o desenvolvimento que deveria ter. Não temos a publicidade que era preciso. A crise está instalada.

3. Como funciona nos dias que correm?

Como o futuro vão ser os projetos online, mesmo que isso vá demorar no nosso país, já que só 25 por cento é que têm acesso à Internet, mas a nível da Europa até estamos bem. Temos de habituar os leitores a lerem através do espaço da Internet, não para dar prejuízo aos jornais nem às rádios. A Internet é um espaço brutal de conhecimento. É lá que vamos apanhando grande parte da informação, muitas das coisas que estão a acontecer no mundo. O futuro vai ser a Internet, muito embora não acabem os jornais. O jornal é que tem que ter um grau de visão e criatividade na apresentação das notícias.

A reportagem e a entrevista são importantes. Não se pode fazer o jornalismo de gabinete. É preciso ir para a rua fazer as reportagens. É isso que traz os leitores. O jornal tem que ter fotografias, cor.

4. Quantas páginas possui?

30, 32 com especial. Normalmente só tem 26, 30 páginas por semana. São impressos 3 mil exemplares.

5. Qual o seu trabalho como diretor do jornal? Intervém diretamente na escolha das notícias, na sua distribuição, na paginação?

Faço tudo, faço reportagens e entrevistas.

6. Quanto custa por ano ou mês manter este jornal?

O dinheiro vem da publicidade e das assinaturas. Para ter um jornal é preciso por ano entre 80 e 100 mil euros, para ter uma equipa mínima e os custos, para pôr um jornal cá fora com dignidade.

Anexo 5

Entrevista ao jornalista d'A Aurora do Lima

1. Como funciona a redação?

A redação funciona junto dos copistas e paginadores. Há um espaço com dois pequenos gabinetes, ocupados pelo diretor e por mim. No resto, estão dois paginadores e um compositor. Um dos paginadores (o mais bem preparado em Português, filho de um antigo diretor) coordena, também, a secção (a mais autónoma de todas) dos correspondentes nas diversas freguesias (página regionalista). Nele estão instaladas secretárias, computadores, impressoras, scanners, fotocopiadora, extensão de telefones, fax, Internet e ar condicionado.

2. Como se organiza o trabalho?

As informações chegam por diversas vias: telefone, fax, correio eletrónico, correio tradicional e por "boca". A partir daí procura-se sempre que é possível, dar o devido tratamento às informações chegadas. Completá-las e, até, acrescentar-lhes elementos importantes pelas mesmas vias (sobretudo telefone e email) ou por deslocações.

As crónicas e artigos de opinião limitam-se a ser processadas no computador pelos copiadores de texto (quando não chegam por email ou suporte digital) e, depois, há revisão gráfica. Com exceção da página regionalista, uma secção autónoma com uma linguagem e um conteúdo muito próprio), o trabalho é coordenado por mim e pelo diretor, que recomenda ou não esta ou aquela peça.

Há, ainda, uma forte influência dos compositores e tipógrafos, com antiguidade e na empresa que decidem muitas vezes qual a primeira página a ser feita.

3. Como são escolhidas as notícias? Há aqui interesses pessoais ou de amigos?

Se há, nesse caso, a notícia é dada quase "escondida", num canto esconso. Pode acontecer, pontualmente, por parte de algum colaborador "carola". Mas não é relevante e muito, muito, esporadicamente.

4. A escolha é feita apenas pela agenda do dia ou também procura temas fora de agenda?

É comum procurarem-se temas fora da agenda, até porque não fazemos informação diária e, por isso, perderíamos nesse capítulo. Mas não ignoramos assuntos importantes, mesmo que de agenda.

5. Há a preocupação de procurar aquelas notícias com que as pessoas se identificam? De que forma é que analisam o público alvo? Como é que ele é escolhido?

Claro que há a procura de identificação do público com a notícia. O público-alvo são as pessoas simples, com quem nos cruzamos na rua, nos encontramos no café ou restaurante, dirigem-se ao jornal pagar assinatura ou colocar um pequeno anúncio, reclamar de um buraco ou de um muro perto de sua casa. Todavia, pela expansão, é também lido pelas elites dirigentes e o fio de beque é grande! E notámos que o conteúdo do nosso jornal continua a interessar-lhe, pois fazemos uma informação de proximidade. A confirmar, está a tiragem e os inquéritos à audiência pela Markttest. Somos, de longe, o mais lido na região.

6. Quantos jornalistas trabalham aqui?

Dois. Mas a tempo inteiro e no quadro só um, que já está na casa dos 40, fez o 12º ano e cursos no CENJOR (de vários meses). O tempo de trabalho (base 35 horas, mas um pouco mais devido à "flexibilidade" e necessidade evidente do serviço) e a remuneração são as tabeladas no CCT dos Jornalistas.

7. Qual o motivo que faz com que não abranjam todas as freguesias do concelho, uma vez que este é um jornal de Viana?

Abrangemos todas as 40 freguesias do concelho de Viana e temos correspondentes regulares em cerca de 30. Pelo que conheço da imprensa regional, é uma situação rara!

8. Porque dão mais importância a notícias de Esposende ou da Galiza, por exemplo e menos a algumas freguesias de Viana?

Isso não sucede connosco. A prioridade absoluta vai para a informação de Viana do Castelo. Da Galiza nem damos notícias e de Esposende só "quando o rei faz anos".

9. Não há nada de noticiável nestes locais?

Idem.

10. Isto acontece por falta de tempo ou meios ou não possuem fontes nestes locais que possam fornecer a informação?

Ibidem. No entanto, em qualquer jornal, o tempo e as fontes nunca são as suficientes, julgo eu!

11. Não é possível encontrar colaboradores nestes locais, ou o jornal não tem abertura para isto?

O jornal tem correspondentes em, aproximadamente, 30 das 40 freguesias. Se não tem nas restantes, é porque não foi ainda possível encontrar pessoas com real disponibilidade.

12. Qual o tratamento dado a uma informação que chega via correio eletrónico e outra que chega por fax? É habitual publicarem a informação tal como ela chega dos gabinetes de comunicação e até mesmo das próprias fontes? Porque é que isto acontece?

Normalmente, é dado tratamento à informação noticiosa que chega por correio eletrónico ou fax. Em termos de notícias, há a procura de serem sintéticas e em linguagem simples, atendendo ao nível sócio-cultural de grande parte dos leitores.

Anexo 6

Inquéritos aos Jornalistas

Inquérito 1

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 33

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico <input type="checkbox"/>	Ensino Secundário X
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Em que área? Humanísticas
Licenciatura <input type="checkbox"/>	Em que área?
Pós-Graduação <input type="checkbox"/>	Em que área?
Mestrado <input type="checkbox"/>	Em que área?
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Em que área?

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 13 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 10 anos

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Sim Qual?_Professora

Trabalha para outro meio de comunicação social? Sim Qual? Rádio Cavado

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais X
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação X
Não há fontes que forneçam informação X
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais X
Outros. <input type="checkbox"/>
Quais? _____

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade X
Sensacionalismo <input type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores X

Interesses pessoais do jornalista <input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação <input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação <input type="checkbox"/>
Agendamento X
Atualidade X
Rareza <input type="checkbox"/>
Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito X
Emoção <input type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo X
Outros. Quais? _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
----------------------------------------------	---------------------

Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
----------------------------------------------	---------------------

Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 2

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 28

Sexo: Masculino

Feminino

Habilitações literárias:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input checked="" type="checkbox"/>	Em que área?	Engenharia Informática
Licenciatura	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Mestrado	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	Em que área?	

Há quanto tempo trabalha como jornalista? Sete anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 11 anos

Exerceu sempre as mesmas funções? Não

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não.

Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Sim. Qual? Diário de Notícias, Rádio Geice, semanário AltoMinho

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros	<input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros	<input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros	<input checked="" type="checkbox"/>	Mais de 2000 euros	<input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais	<input checked="" type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local	<input checked="" type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação	<input checked="" type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação	<input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação	<input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais	<input checked="" type="checkbox"/>
Outros.X	Quais?__Não há distinção sobre Opinião/Jornalismo

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade	<input checked="" type="checkbox"/>
Sensacionalismo	<input type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia	<input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores	<input checked="" type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista	<input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação	<input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação	<input type="checkbox"/>
Agendamento	<input type="checkbox"/>

Atualidade <input type="checkbox"/>
Rareza <input type="checkbox"/>
Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito <input type="checkbox"/>
Emoção <input type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo X
Outros. Quais? _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 3

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 36

Sexo: Masculino X

Feminino

Habilitações literárias:

Ensino Básico <input type="checkbox"/>	Ensino Secundário X
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Em que área?
Licenciatura <input type="checkbox"/>	Em que área?
Pós-Graduação <input type="checkbox"/>	Em que área?
Mestrado <input type="checkbox"/>	Em que área?
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Em que área?

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 10 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 2 anos

Exerceu sempre as mesmas funções? Não

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não

Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Sim. Qual? Jornal de Notícias

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais	<input checked="" type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local	<input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação	<input checked="" type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação	<input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação	<input checked="" type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais	<input type="checkbox"/>
Outros.X	Quais?_O número reduzido de profissionais nas redações

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade	<input checked="" type="checkbox"/>
Sensacionalismo	<input type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia	<input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores	<input checked="" type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista	<input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação	<input checked="" type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação	<input type="checkbox"/>
Agendamento	<input checked="" type="checkbox"/>
Atualidade	<input checked="" type="checkbox"/>
Rareza	<input checked="" type="checkbox"/>

Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito X
Emoção X
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo X
Outros. Quais? _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 4

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 33 anos

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	X	Em que área?	
Licenciatura	X	Em que área?	
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Mestrado	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	Em que área?	

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 15 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 15 anos

Exerceu sempre as mesmas funções? Não

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não

Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Sim. Qual? Jornal Praça Local

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais X
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local X
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação X
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais X
Outros.X Quais? Falta de dinamismo

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade X
Sensacionalismo X
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores X
Interesses pessoais do jornalista <input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação <input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação <input type="checkbox"/>
Agendamento X

Atualidade X
Rareza X
Suspense X
Conflito X
Emoção X
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo <input type="checkbox"/>
Outros. Quais? _____ _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>

Sem opinião <input type="checkbox"/>	
--------------------------------------	--

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>

Sem opinião <input type="checkbox"/>	
--------------------------------------	--

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 5

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 27 anos

Sexo: Masculino

Feminino

Habilitações literárias:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Licenciatura	<input checked="" type="checkbox"/>	Em que área?	Comunicação Social
Pós-Graduação	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Mestrado	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	Em que área?	

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 4 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? Seis meses

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não

Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Sim. Qual? Global Minho & Porto, NS', ocomboio.net, MAXI tuning, Mercado Municipal de Vila Verde, Cidade XXI

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros	<input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros	<input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros	<input checked="" type="checkbox"/>	Mais de 2000 euros	<input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local X
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação X
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais X
Outros.X Quais? Falta de vontade do jornalista em pesquisar boas notícias; falta de leitores críticos, que lembrem a necessidade de falar desses temas/problemas; falta de civismo e de saber como se divulgar por parte das associações locais e “escondidas”

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade X
Sensacionalismo X
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores <input type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista X

Interesses económicos do órgão de comunicação X
Poderes políticos condicionam informação <input type="checkbox"/>
Agendamento X
Atualidade X
Rareza <input type="checkbox"/>
Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito X
Emoção <input type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação X
Espaço disponível para o artigo X
Outros. Quais? _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
----------------------------------------------	---------------------

Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
----------------------------------------------	--------------------------------------------

Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 6

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 30 anos

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico <input type="checkbox"/>	Ensino Secundário <input type="checkbox"/>
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Em que área?
Licenciatura <input type="checkbox"/>	Em que área?
Pós-Graduação X	Em que área? Ciências da Comunicação
Mestrado <input type="checkbox"/>	Em que área?
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Em que área?

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 9 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 9 anos

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não. Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Não. Qual? _____

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/>
Quais? _____

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade <input type="checkbox"/>
Sensacionalismo <input type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores <input type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista <input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação <input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação <input type="checkbox"/>
Agendamento <input type="checkbox"/>
Atualidade <input type="checkbox"/>
Rareza <input type="checkbox"/>

Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito <input type="checkbox"/>
Emoção <input type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo <input type="checkbox"/>
Outros. Quais? _____

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
----------------------------------------------	---------------------

Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>

Sem opinião <input type="checkbox"/>	
--------------------------------------	--

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 7

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 27 anos

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico <input type="checkbox"/>	Ensino Secundário <input type="checkbox"/>
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Em que área?
Licenciatura X	Em que área? Jornalismo
Pós-Graduação <input type="checkbox"/>	Em que área?
Mestrado <input type="checkbox"/>	Em que área?
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Em que área?

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 7 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 6 meses

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Sim. Qual? Tradução

Trabalha para outro meio de comunicação social? Não Qual?

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
-----------------------------------------	------------------------------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes 2

Desporto 1

Festas e Romarias 3

Sociedade 5

Política 4

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/> Quais? _____

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade <input checked="" type="checkbox"/>
Sensacionalismo <input checked="" type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores <input checked="" type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista <input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação <input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação <input checked="" type="checkbox"/>
Agendamento <input type="checkbox"/>
Atualidade <input checked="" type="checkbox"/>
Rareza <input checked="" type="checkbox"/>
Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito <input type="checkbox"/>

Emoção <input type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo X
Outros. Quais?

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião X	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente <input checked="" type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input checked="" type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente <input checked="" type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 8

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 26 anos

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico <input type="checkbox"/>	Ensino Secundário <input type="checkbox"/>
Bacharelato <input type="checkbox"/>	Em que área?
Licenciatura X	Em que área? Comunicação Social
Pós-Graduação <input type="checkbox"/>	Em que área?
Mestrado <input type="checkbox"/>	Em que área?
Doutoramento <input type="checkbox"/>	Em que área?

Há quanto tempo trabalha como jornalista?

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social?

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não Qual? _____

Trabalha para outro meio de comunicação social? Não. Qual? _____

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros <input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros <input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros X	Mais de 2000 euros <input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais	X
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local	X
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação	<input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação	<input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação	<input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais	<input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/>	Quais? _____

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade	X
Sensacionalismo	<input type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia	<input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores	<input type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista	<input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação	<input type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação	<input type="checkbox"/>
Agendamento	<input type="checkbox"/>
Atualidade	<input type="checkbox"/>
Rareza	<input type="checkbox"/>
Suspense	<input type="checkbox"/>

Conflito <input checked="" type="checkbox"/>
Emoção <input checked="" type="checkbox"/>
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação <input type="checkbox"/>
Espaço disponível para o artigo <input type="checkbox"/>
Outros. Quais?

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga <input type="checkbox"/>	Barcelos <input type="checkbox"/>
Caminha <input type="checkbox"/>	Esposende <input type="checkbox"/>
Arcos de Valdevez <input type="checkbox"/>	Galiza <input type="checkbox"/>
Monção <input type="checkbox"/>	Melgaço <input type="checkbox"/>
Vila Nova de Cerveira <input type="checkbox"/>	Paredes de Coura <input type="checkbox"/>
Ponte de Lima <input type="checkbox"/>	Ponte da Barca <input type="checkbox"/>
Valença <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input checked="" type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>

Sem opinião <input type="checkbox"/>	
--------------------------------------	--

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

Inquérito 9

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos jornalistas desta cidade que trabalham em imprensa regional, sobre o que é noticiado nos jornais *A Aurora do Lima* e o *Falcão do Minho*, tentando descobrir se é esta a forma correta de fazer jornalismo e o que pode ser feito para melhorar a informação regional.

O inquérito dirige-se aos jornalistas do distrito que trabalhem com imprensa regional. Reconhecendo a importância da opinião dos jornalistas na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar com Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

Idade 27 anos

Sexo: Masculino

Feminino X

Habilitações literárias:

Ensino Básico	<input type="checkbox"/>	Ensino Secundário	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Licenciatura	X	Em que área?	Jornalismo
Pós-Graduação	X	Em que área?	Ciências da Comunicação
Mestrado	<input type="checkbox"/>	Em que área?	
Doutoramento	<input type="checkbox"/>	Em que área?	

Há quanto tempo trabalha como jornalista? 4 anos

Há quanto tempo trabalha neste órgão de comunicação social? 1 ano

Exerceu sempre as mesmas funções? Sim

Exerce outra profissão para além da de jornalista? Não. Qual?

Trabalha para outro meio de comunicação social? Não. Qual?

Qual a sua remuneração mensal?

Menos de 500 euros	<input type="checkbox"/>	Mais de 1000 euros	<input type="checkbox"/>
Entre 500 e 1000 euros	X	Mais de 2000 euros	<input type="checkbox"/>

PARTE II

(Assinale com um X)

Acha que os dois jornais analisados conseguem noticiar informação de todas as freguesias do concelho de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

Se respondeu afirmativamente, quais são os temas mais noticiados? (Enumere por ordem decrescente)

Crime e Acidentes

Desporto

Festas e Romarias

Sociedade

Política

11B. Se respondeu negativamente, quais os motivos que poderão levar a este desinteresse pelo que acontece nestas freguesias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input checked="" type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input checked="" type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input checked="" type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input checked="" type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input checked="" type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input checked="" type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/>
Quais? _____

Quais os critérios que levam à seleção de uma notícia?

Proximidade <input checked="" type="checkbox"/>
Sensacionalismo <input checked="" type="checkbox"/>
Tempo disponível para redigir a notícia <input type="checkbox"/>
Interesse para os leitores <input type="checkbox"/>
Interesses pessoais do jornalista <input type="checkbox"/>
Interesses económicos do órgão de comunicação <input checked="" type="checkbox"/>
Poderes políticos condicionam informação <input checked="" type="checkbox"/>
Agendamento <input checked="" type="checkbox"/>
Atualidade <input checked="" type="checkbox"/>
Rareza <input type="checkbox"/>

Suspense <input type="checkbox"/>
Conflito <input type="checkbox"/>
Emoção X
Meios humanos e tecnológicos disponíveis no meio de comunicação X
Espaço disponível para o artigo <input type="checkbox"/>
Outros. Quais?

13. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

14. Se respondeu afirmativamente, enumere por ordem decrescente aqueles que acha que são mais noticiados:

Braga 13	Barcelos 12
Caminha 4	Esposende 6
Arcos de Valdevez 10	Galiza 1
Monção 2	Melgaço 3
Vila Nova de Cerveira 7	Paredes de Coura 6
Ponte de Lima 5	Ponte da Barca 11
Valença 7	Outros <input type="checkbox"/>

PARTE III

Jornalista tem total liberdade para escolher a notícia que pretende redigir e a forma como a redige:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

16. Liberdade de imprensa em Portugal ainda não permite um jornalismo isento:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

17. Jornalista consegue colocar o “dever de informar” acima de todas as condicionantes políticas, económicas e sociais que podem impedir a publicação de uma notícia:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>

Sem opinião <input type="checkbox"/>	
--------------------------------------	--

18. Espaço reservado para a publicidade influencia o aspecto final do jornal:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

19. Uma empresa que coloque publicidade num jornal pode influenciar a forma como são redigidas as notícias relacionadas com o seu trabalho:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

20. Escolha das notícias prende-se muitas vezes com a “função comercial” do jornal, esquecendo o dever de informar:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

21. Interesses dos patrões e do meio de comunicação influenciam forma como notícia é redigida e até a escolha do que é ou não noticiável:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

22. Jornalistas sujeitam-se a escolhas dos patrões no que diz respeito a notícias mesmo que não concordem com elas, com medo de perderem o emprego:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte X
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

23. Fontes influenciam escolha das notícias:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

24. Fontes controlam a informação e a forma como é redigida a notícia:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

25. Convocam as conferências de imprensa de acordo com o horário de fecho dos jornais:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

26. Resumem a informação da conferência de imprensa para “facilitar” o trabalho do jornalista:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

27. Transmitem apenas informação que lhes interessa:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

28. Jornalista consegue mais notícias se estiver fora da redação e não se limitar à agenda:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte X
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

29. Novas tecnologias influenciam a informação regional:

Concordo plenamente X	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente <input type="checkbox"/>	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

30. Jornais nacionais esquecem a informação regional:

Concordo plenamente <input type="checkbox"/>	Concordo em parte <input type="checkbox"/>
Discordo completamente X	Discordo em parte <input type="checkbox"/>
Sem opinião <input type="checkbox"/>	

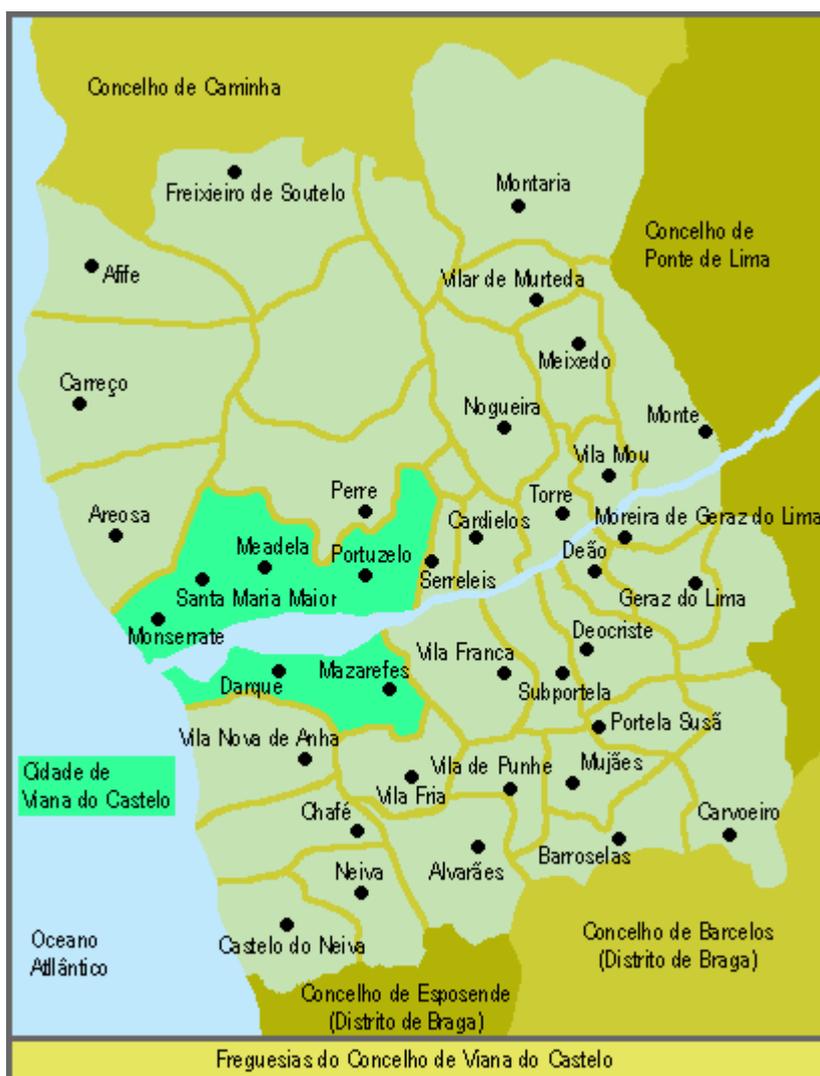
Anexo 7

Listagem diretores d'A Aurora do Lima

DIRETOR	NOME	DATA
1º Diretor	João Maria Batista de Oliveira	15 de dezembro de 1855 a 15 de janeiro de 1856
2º Diretor	José Afonso de Espregueira	
3º Diretor	José Barbosa e Silva	
4º Diretor	Eugénio Martins	17 de maio de 1897 a 26 de agosto de 1898
5º Diretor	João Caetano da Silva Campos	
6º Diretor	José Viana	
7º Diretor	Eugénio Martins	26 de abril de 1907 a 15 de novembro de 1907
8º Diretor	Bernardo Fernandes Pereira da Silva	18 de novembro de 1907 a 28 de outubro de 1910
9º Diretor	José Viana	30 de novembro de 1910 a 9 de abril de 1915
10º Diretor	Bernardo Fernandes Pereira da Silva	4 de maio de 1915 a 6 de fevereiro de 1948
Diretor Interino	Carlos Fernandes da Silva	13 de fevereiro de 1948 a 15 de março de 1949
11º Diretor	Ernesto Sardinha	18 de março de 1949 a 14 de setembro de 1950
Diretor Interino	Júlio de Lemos	15 de setembro de 1950 a 7 de novembro de 1950
12º Diretor	Felipe António dos Anjos Fernandes	10 de novembro de 1950 a 23 de outubro de 1992
13º Diretor	Aristides Brás Arroteia	30 de outubro de 1992 a 6 de setembro de 2002
14º Diretor	Aurélcio Pereira Barbosa	11 de setembro de 2002 a 19 de abril

		de 2005
15° Diretor	Bernardo Barbosa	
EDITOR		
	António Pereira de Sousa	15 de dezembro de 1855 a 15 de março de 1889
	Damião Pereira da Luz	11 de abril de 1890 a 26 de agosto de 1898
	Bernardo Fernandes Pereira da Silva	31 de agosto de 1898 a 15 de novembro de 1907
	Aníbal Galiao	30 de novembro de 1910 a 9 de abril de 1915
	João Passos Correia	4 de maio de 1915 a 27 de fevereiro de 1931
	Pedro da Luz Lima	3 de março de 1931 a 30 de junho de 1933
	Manuel Adriano Rodrigues	4 de julho de 1933 a 7 de novembro de 1941
	Aurélio Pereira Barbosa	11 de novembro de 1941 a 4 de julho de 1948
	Isidoro Paço Viana	6 de julho de 1948 a 2 de fevereiro de 1973

Anexo 8



Fonte: www.mapadeportugal.net

Anexo 9

Inquérito aos presidentes de Junta

- **Presidente da Junta de Freguesia de Amonde**

<p>Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.</p> <p>Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.</p> <p>Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.</p> <p>Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976</p> <p>Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.</p>

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
N'A <i>Aurora do Lima</i>	

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto X	Sociedade X
Lazer X	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Igreja e Associação Cultural, Recreativa e Social de Amonde

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação X
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros.X Quais? Interesse em divulgar mais notícias nas freguesias maiores

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Nunca recorremos aos meios de comunicação. É o correspondente d'A *Aurora do Lima* que trata das notícias.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Freixeiro de Soutelo**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima e Falcão do Minho*?

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
-----------------------------------------	------------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input checked="" type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Não

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>

Outros.X	Quais? Freguesia está longe do concelho
----------	-----------------------------------------

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Nunca contactei nenhum, mas se puder. Faço-o.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Vilar de Murteda**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Não.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input checked="" type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input checked="" type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>

Outros. <input type="checkbox"/>	Quais?
----------------------------------	--------

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita X	Pouca <input type="checkbox"/>
---------	--------------------------------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Não tenciono fazê-lo.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Mazarefes**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima e Falcão do Minho*?

Sim	<input checked="" type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
-----	-------------------------------------	-----	--------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input checked="" type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input checked="" type="checkbox"/>
-----	--------------------------	-----	-------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? A associação cultural, social e recreativa.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>

Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>

Outros.X Quais? O correspondente garante a informação.

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Vou informar o correspondente d'A *Aurora do Lima* sobre o que se vai passando. Já lhe pedi para tirar algumas fotografias e enviar para o jornal.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Subportela**

<p>Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.</p> <p>Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.</p> <p>Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.</p> <p>Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976</p> <p>Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.</p>

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim	X	Não	<input type="checkbox"/>
-----	---	-----	--------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade X
Lazer X	Crime <input type="checkbox"/>
Política X	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim	X	Não	<input type="checkbox"/>
-----	---	-----	--------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 X	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Associação Desportiva, Cultural e Social de Subportela, pároco e escola primária.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>

Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/> Quais? _____

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Da mesma forma como o tenho feito até hoje, responsabilidade, verticalidade e honestidade.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Meixedo**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Não.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>

Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>

Outros.X Quais? Jornalista acomoda-se à cidade e deixa aldeias.

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Acho que é missão dos jornalistas, não é minha, a minha missão é desenvolver a freguesia.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Outeiro**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
<i>N'A Aurora do Lima</i>	

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input checked="" type="checkbox"/>
Lazer <input checked="" type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input checked="" type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Não.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>

Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros.X Quais? Não acha interessante vir a Outeiro.

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Vou falar com o correspondente d'A *Aurora* do Lima.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Serreleis**

<p>Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.</p> <p>Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.</p> <p>Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.</p> <p>Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976</p> <p>Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.</p>

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/> Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? Não.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>

Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input checked="" type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros. <input type="checkbox"/> Quais? _____

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input checked="" type="checkbox"/>	Pouca <input type="checkbox"/>
-------------------------------------------	--------------------------------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
-----------------------------------------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Era bom mudarem de correspondente n'A *Aurora do Lima*. Há muitas coisas que poderiam ser publicitadas, mas o presidente da junta não pode fazer tudo. Também há associações que se poderiam mexer.

• **Presidente da Junta de Freguesia da Torre**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua percepção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim <input checked="" type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
<i>D'A Aurora do Lima</i>	

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input checked="" type="checkbox"/>
Lazer <input checked="" type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input checked="" type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>
	Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim <input type="checkbox"/>	Não <input checked="" type="checkbox"/>
------------------------------	-----------------------------------------

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas? Quais? A Igreja.

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais

Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local	X
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação	<input type="checkbox"/>
Não há fontes que forneçam informação	<input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação	<input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais	<input type="checkbox"/>
Outros.	<input type="checkbox"/> Quais? _____

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	X
-----	--------------------------	-----	---

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita	<input type="checkbox"/>	Pouca	X
-------	--------------------------	-------	---

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim	X	Não	<input type="checkbox"/>
-----	---	-----	--------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Vou deixar isso para o correspondente d'*A Aurora do Lima*.

• **Presidente da Junta de Freguesia de Carvoeiro**

Este inquérito serve de base a uma tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, vertente Informação e Jornalismo, que está a ser realizado na Universidade do Minho.

Tem por objetivo recolher informação sobre a opinião dos presidentes de junta do concelho de Viana do Castelo para perceber qual a sua perceção sobre o que é noticiado neste jornal, principalmente as notícias que dizem respeito à sua freguesia.

Reconhecendo a importância da opinião dos presidentes de junta na construção de uma teoria sobre este tema, saliento que a sua resposta é da maior importância.

Em caso de dúvida poderá contactar Lénia Rego pelo 964750976

Agradeço o preenchimento do inquérito até 10 dias após a sua receção.

PARTE I

1. Acha que durante o ano passado a sua freguesia apareceu referenciada como notícia nos jornais *A Aurora do Lima* e *Falcão do Minho*?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	X
-----	--------------------------	-----	---

2. Se respondeu afirmativamente, diga quais os temas que julga terem sido mais noticiados

Desporto <input type="checkbox"/>	Sociedade <input type="checkbox"/>
Lazer <input type="checkbox"/>	Crime <input type="checkbox"/>
Política <input type="checkbox"/>	Outros <input type="checkbox"/>
	Quais?

3. Alguma vez foi contactado por algum dos jornalistas destes dois órgãos para prestar alguma informação que fosse depois noticiada?

Sim	<input type="checkbox"/>	Não	X
-----	--------------------------	-----	---

4. Quantas vezes?

0-5 <input type="checkbox"/>	6-10 <input type="checkbox"/>
11-15 <input type="checkbox"/>	Mais de 15 <input type="checkbox"/>

5. Tem conhecimento de outras instituições da freguesia que tenham sido contactadas?
Quais? Não

6. Se respondeu negativamente à pergunta 1, o que acha que poderá ter contribuído para esta falta de notícias?

Jornalista não tem tempo para procurar notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Meio de comunicação social não tem meios para se deslocar ao local <input type="checkbox"/>
Notícias de agenda sobrepõem-se às de investigação <input type="checkbox"/>

Não há fontes que forneçam informação <input type="checkbox"/>
Não há correspondentes que possam garantir esta informação <input type="checkbox"/>
Interesses do órgão de comunicação impedem que façam notícias nestes locais <input type="checkbox"/>
Outros.X Quais? Fica distante do centro de Viana.

7. Considera que a imprensa regional dá mais importância a informação de outros concelhos e regiões do que ao de Viana do Castelo?

Sim <input type="checkbox"/>	Não X
------------------------------	-------

8. Como presidente da junta, tem muita ou pouca dificuldade em contactar com estes dois jornais?

Muita <input type="checkbox"/>	Pouca X
--------------------------------	---------

9. Considera importante existir uma relação entre os jornalistas e a autarquia?

Sim X	Não <input type="checkbox"/>
-------	------------------------------

10. De que forma é que pretende manter o contacto com a comunicação social durante este mandato? Se sentir necessidade de o fazer, faça-o. O jornalista poderá procurar alguma notícia. Não estou fechado ao contacto, mas sou um pouco adverso a essas situações, porque um autarca deve fazer o trabalho sem se preocupar com a divulgação nos meios de comunicação.

Anexo 10

Entrevista ao diretor d'A Aurora do Lima

1. Como funciona o jornal?

O jornal não é vendável. A direcção do jornal é declaradamente contra a venda em banca. Não se trabalha fora de horas, mas é uma luta enorme. O jornal faz-se on-line, faz-se num dia, das nove da manhã, às seis da tarde. Simultaneamente está a ser impresso, é cintado, dobrado e enviado para o correio. Chega em 48 horas no mínimo ao assinante

2. Quantas páginas possui?

16 páginas.

3. Qual a tiragem?

A edição é de perto de 5 mil e não pode crescer mais, porque se crescer mais, rebenta. Não temos capacidade para o lançar a tempo e hora na rua. Temos 4700 assinantes.

4. Quantas pessoas trabalham aqui e que funções desempenham?

O nosso jornalista faz a parte noticiosa. A primeira página era de opinião, mas agora mudou. Temos apenas uma ou duas crónicas. O resto é noticioso. Procuramos a notícia até à última da hora.

5. Qual o seu trabalho como diretor do jornal? Intervém diretamente na escolha das notícias, na sua distribuição, na paginação?

Eu limito-me a fazer o editorial.

6. Há algum tema que interesse mais ao jornal do que outro? Por exemplo, preferem notícias relacionadas com política em vez das de economia? Se isto acontece, qual é a razão?

O jornal é independente de todos os poderes. O problema que surge aqui é um problema técnico, de elaboração.

7. Quanto custa por ano ou mês manter este jornal?

O jornal devia ser estritamente personalizado. Quem fosse assinante é que o recebia e mais ninguém o deveria receber ou ler. Só quem o pagasse é que o deveria ler. Os jornais em banca é chatice. Tem que se levantar as sobras, fazer as contas, muitos quiosques não pagam ou pagam atrasado.

8. Como conseguem estas verbas?

O jornal é auto-suficiente, já que só paga aos seus trabalhadores. O diretor e o diretor adjunto não recebem um tostão por estar à frente do jornal.

Anexo 11

Freguesia	Tipologia	Associações	Distância da cidade (Km)
Monserate	Urbana	Grupo Folclórico de Viana; Centro Cultural Alto Minho; Juventude de Viana; Sport Clube Vianense	1,4
Santa Maria Maior	Urbana	Assoc. Desportiva e Cultural "Capitães de Abril"; Grupo Desp. e Cultural dos Estaleiros Navais; Associação Juventude de Viana; Soc. Columbófila Vianense; Soc. Columbófila do Minho; Viana Taurino Clube,; G. D. Portucel; Assoc. de Andebol; Ass. de Atletismo; Ass. de Ténis.	2,1
Meadela	Urbana	Associação de Moradores da Cova; Associação de Moradores de Portuzelo; Centro Paroquial e Social da Meadela; Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela; Ronda Típica da Meadela.	3, 4
Areosa	Rural	APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental; Grupo Desportivo Areosense; Grupo Desportivo e Cultural de Cabeças; SIRA - Sociedade de Instrução e Recreio Areosense;	4, 2

		Grupo Etnográfico da Areosa; Sociedade Columbófila Areosense; Associação Budokai Shotokai	
Darque	Urbana	SIRD - Sociedade de Instrução e Recreio Darquense; ADD - Associação Desportiva Darquense e Associação Columbófila; Darque Kayak Clube; Clube de Futsal do Cais Novo; Corpo Nacional de Escutas; Associação Columbófila de Darque; Associação de Moradores do Cabedelo; Associação de Moradores do Santoinho; Associação de Pescadores de Darque; Associação de Reformados de Darque; Centro Paroquial e Social de Darque; Clube Motard "Os Pacíficos".	4,8
Santa Marta Portuzelo	Rural	Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo; Centro Paroquial e Social de Santa Marta; Grupo de Bombos de Santa Marta; Associação Cultural e Desportiva de Santa Marta	6, 1
Anha	Rural	Associação Desportiva e Cultural de Anha; Grupo de Danças e Cantares da Casa do Povo de Vila Nova de Anha; Associação de Caçadores de V. N. de Anha; Grupo de Cantares do Minho	6, 9
Chafé	Rural	Assoc. Cultural de Chafé; Associação Desportiva de Chafé; Associação Columbófila; Associação de Caçadores	7
Perre	Rural	Associação Desportiva e Cultural de Perre;	7,8

		Grupo de Danças e Cantares de Perre; Sociedade Columbófila de Perre; Grupo Cicloturístico	
Carreço	Rural	Sociedade de Instrução e Recreio de Carreço; Rancho Regional das Lavradeiras de Carreço; Grupo Folclórico Danças e Cantares de Carreço; Centro Social e Cultural de Carreço; Ronda Típica de Carreço	7, 9
Serreleis	Rural	Centro Sócio-Cultural e Polidesportivo de Serreleis; Associação Cooperativa Bordados do Lima	8, 1
Cardielos	Rural	Associação Cultural e Recreativa de Cardielos; Grupo Folclórico das Bordadeiras de Cardielos; Grupo "Lírios do Campo " da A. C. R. C.	9, 2
Mazarefes	Rural	Centro de Atletismo de Mazarefes; Ass. Social Cultural e Desportiva de Mazarefes	9, 2
Outeiro	Rural	Centro Desportivo e Cultural de Outeiro; Associação de Garranos e Barrosã; Associação de Caçadores; Escola de Música de Outeiro	9, 5
Vila Fria	Rural	Vila Fria 1980	10
Castelo do Neiva	Rural	Grupo Cultural e Recreativo de Castelo do Neiva; Grupo Desportivo Castelense	10, 2
Vila Franca	Rural	Associação Cultural e Recreativa de Vila Franca; F. C. de Vila Franca;	11, 6

		Conferência Vicentina; Adere Vila Franca - Associação para o Desenvolvimento Endógeno de Vila Franca	
Afife	Rural	Casino Afifense; ADA (Associação Desportiva Afifense); NAIAA - Núcleo Amador de Investigação Arqueológica de Afife; Ronda da Costa Verde; Grupo de Danças e Cantares de Afife	11, 6
Torre	Rural	Torre Sport Clube, Cultura e Animação de Torre; Associação Juventude e Alegria de Torre; Rancho Folclórico de Danças e Cantares de Torre	12, 2
Vila de Punhe	Rural	Neves F. C.; Centro Re-creativo e Cultural de Neves	12,5
Alvarães	Rural	ADCA-Associação Desportiva e Cultural de Alvarães; Grupo Folclórico de Danças e Cantares de Alvarães; Grupo de Ação Cultural e Musical Lagoa Azul Grupo Coral de S. José; Associação da Bovina	12, 9
Vila Mou	Rural	Associação de Juventude Vilamouense; Associação Musical e de Recreio Vila Mou	13, 7
Subportela	Rural	Associação Desportiva Cultural e Social e Grupo Desportivo "Conviver a Correr para Viver"	14
Mujães	Rural	Coral Polifónico das Neves; Associação Cultural de Mujães	14, 3
Neiva	Rural	Associação Desportiva e Cultural de Neiva; Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa;	15, 1

		Fanfarra dos Escuteiros	
Deão	Rural	-----	15, 2
Barroselas	Rural	Banda Velha de Barroselas; Banda dos Escuteiros de Barroselas; Conferência Vicentina; Sociedade de Columbofilia; Grupo Cénico de Barroselas; Grupo de S. Paulo; Núcleo Desportivo de Barroselas; Assoc. Desp. de Barroselas; Centro Social e Cultural de Barroselas; Coral Polifónico de Barroselas; Assoc. Vale do Neiva.	15, 3
Nogueira	Rural	Associação Cultural e Desportiva Nogueirense e Grupo de Cantares "A Voz de Lorente"	15, 4
Lanheses	Rural	União Desportiva de Lanheses; Associação Cultural e Humanitária de Lanheses	16, 3
Deocriste	Rural	Grupo de Cavaquinhos de Deocriste; Deocriste Sport Clube; Associação Cultural e Recreativa de Deocriste	16, 6
Portela Suzã	Rural	Associação Desportiva e Cultural de Portela Susã	16, 9
Geraz St ^a Maria	Rural	Rancho Folclórico das Terras de Geraz; Associação Santa Maria Cultura e Desporto Geraz do Lima; JAM (Juventude Amiga de Maria)	17, 8
Meixedo	Rural	Centro Cultural Desportivo de Meixedo	18, 6
Moreira de Geraz	Rural	Grupo Trajo Verde de Geraz do Lima	18, 7
Freixieiro	Rural	Clube Soutelense de Desporto e Cultura	18, 8

de Soutelo			
Carvoeiro	Rural	Associação Cultural e Desportiva de Carvoeiro	19,4
Vilar de Murteda	Rural	-----	20,8
Geraz St ^a Leocádia	Rural	Associação Mútua Pecuária e Associação para o Desenvolvimento de Santa Leocádia	22,2
Amonde	Rural	Associação Cultural Recreativa e Desportiva de Amonde	22,8
Montaria	Rural	Associação Desportiva e Cultural Montariense	24,4

Fontes: Censos 2011; Câmara Municipal de Viana do Castelo; Google Maps.

Anexo 12

Censos

Freguesia	2001
Stª Mª Maior	9.940
Meadela	8.685
Darque	7.798
Monsserrate	5.637
Areosa	4.485
Stª Marta	3.812
Barroselas	3.799
Castelo do Neiva	3.203
Perre	3.007
Alvarães	2.691
Vila Nova Anha	2.513
Chafé	2.507
Vila Punhe	2.400
Vila Franca	1.824
Carreço	1.769
Lanheses	1.740
Mujães	1.691
Afife	1.677
Mazarefes	1.396
Vila Fria	1.364
Subportela	1.337
Cardielos	1.279
Outeiro	1.271
Neiva	1.267
Carvoeiro	1.239
Geraz (Stª Leocádia)	1.058
Serreleis	1.041
Deão	971

Freguesia	2011
Stª Mª Maior	10.645
Meadela	9.782
Darque	7.817
Monsserrate	4.948
Areosa	4.853
Barroselas	3.927
Stª Marta	3.805
Perre	2.956
Castelo do Neiva	2.930
Chafé	2.841
Alvarães	2.623
Vila Nova Anha	2.415
Vila Punhe	2.273
Carreço	1.759
Vila Franca	1.757
Lanheses	1.645
Afife	1.632
Mujães	1.550
Mazarefes	1.343
Vila Fria	1.327
Cardielos	1.309
Outeiro	1.234
Neiva	1.225
Subportela	1.179
Carvoeiro	1.104
Serreleis	1.003
Deão	951
Nogueira	916

Nogueira	894
Geraz (StªMaria)	846
Deocriste	742
Montaria	665
Torre	660
Moreira	628
Portela	590
Vila Mou	564
Freixieiro de Soutelo	560
Meixedo	490
Amonde	344
Vilar Murteda	247
TOTAL	88.631

Geraz (Stª Leocádia)	916
Geraz (StªMaria)	875
Deocriste	776
Torre	615
Moreira	597
Portela	597
Vila Mou	566
Montaria	549
Freixieiro de Soutelo	511
Meixedo	467
Amonde	293
Vilar Murteda	214
TOTAL	88.725